HERÓIS ESCOTEIROS DA GRANDE GUERRA, 1914-1918

Do original: THE SCOUTSõ BOOK OF HEROES: A RECORD OF SCOUTSõ WORK IN THE WAR. London: C. Arthur Pearson, Ltd., 1919.

F. Haydn Dimmock (org.)

Versão para o português (Brasil) de Fernando Antônio Lucas Camargo

ESTA É UMA OBRA INDEPENDENTE; NÃO É UMA OBRA OFICIAL DA UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL OU POR ELA AUTORIZADA. ESTA TRADUÇÃO LIVRE FOI FEITA COMO EXERCÍCIO INTELECTUAL DE MANUTENÇÃO DA PROFICIÊNCIA NO IDIOMA, SEM FINS LUCRATIVOS DE QUALQUER NATUREZA.

Nos campos de Flandres
As papoulas florescem entre as cruzes,
Que em fileiras e mais fileiras assinalam
Nosso lugar; no céu as cotovias voam
E continuam a cantar heroicamente,
E mal se ouve o seu canto entre os tiros cá embaixo.

Somos os mortos ... Ainda há poucos dias, vivos,
Ah! Nós amávamos, nós éramos amados;
Sentíamos a aurora e víamos o poente
A rebrilhar, e agora eis -nos todos deitados
Nos campos de Flandres.

Continuai a lutar contra o nosso inimigo;
Nossa mão vacil ante atira -vos o archote :
Mantende -o no alto. Que, se a nossa fé trairdes,
Nós, que morremos, não poderemos dormir,
Ainda mesmo que floresçam as papoulas
Nos campos de Flandres .

(*In Flanders fields* , John McCrae, 1915)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao s Grupos Esco teiros a que pertenci/pertenço: Grupo Escoteiro São Francisco de Assis (17º/MG ð São Lourenço), Grupo Escoteiro Duque de Caxias (52º/MG ð Belo Horizonte) e Grupo Escoteiro do Ar Padre Eustáquio (7º/MG ðBelo Horizonte) .

O TRAD UTOR

Fernando Antônio Lucas Camargo ingressou no Movimento Escoteiro em 1983. Conquistou o Nível Avançado como Escotista (Ramo Pioneiro) em 1991, como Dirigente de Formação em 2007 e como Dirigente Institucional em 2012. Atua na Equipe Regional de Formação de Minas Gerais desde 1991, com direção e participação em cursos, elaboração e revisão de manuais de treinamento de recursos adultos. É graduado em Pedagogia (Universidade Federal de Minas Gerais), pós-graduado em Gestão de Recursos Humanos e Mestre em Educação. Credenciado no Exército Brasileiro como proficiente nos idiomas inglês e italiano. Habilitado pelo Exército Brasileiro como gestor de Comunicações militares, montanhista (11º Batalhão de Infantaria de Montanha), e pelo Exército dos Estados Unidos em Assessoria ao Comando e Estado-Maior (U.S. Army Sergeants Major Academy). Integrou o 2º contingente do Batalhão Brasileiro (fevereiro a agosto de 1996) na Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola (UNAVEM III). Verteu para a língua portuguesa *The left handshake: the Boy Scout Movement during the War, 1939-1945*, de Hilary St. George Saunders.

Obras publicadas:

- Um romancista em campanha: Taunay na Guerra do Paraguai. São Paulo: Baraúna, 2010.
- Jogando para a segurança: jogos para treinamento em segurança do trabalho. São Paulo: Nelpa, 2010 (coautoria com Miguel Augusto Najar de Moraes).
- Comida de aventura: alimentação em atividades de campo. Rio de Janeiro: Livre expressão, 2012.

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

E foi assim que tudo começou...

> Vozes animadas, risadas alegres enche m o ar, pois a alegria sempre pode ser encontrada num acampamento Escoteiro. Os Escoteiros, vestindo apenas as bermudas, percorrem o campo fazendo as várias pequenas tarefas que precisam ser feitas. (...)
>
> De repente, o Chefe avista um Escoteiro correndo a toda velocidade rumo ao acampamento.
>
> E l e p e r g u n t a : ò Q u e h § c o m D e e r f o o t ? t « o r § p i d o ó .
>
> Deerfoot é o estafeta do acampamento. No minuto seguinte ele está de pé diante do Chefe, fazendo a saudação e, tendo d i f i c u l d a d e p a r a A G r ã - B r e t a n h a d e c l a r o u g u e r r a : ò c o n t r a a A l e m a (. .) h a , C h e f e ó .
>
> Assim o Espírito Escoteiro dirigiu -se à batalha.

O livro *Heróis Escoteiros da Grande Guerra, 1914 -1918* retrata o ò b a t i s m o d e f o g o ó d o E s c o t i s m o , e n t « o c o m s

O autor da versã o para o português (Brasil), Fernando Antônio Lucas Camargo, é Chefe Escoteiro e militar do Exército Brasileiro. Estudioso da História, pesquisador, curador das nossas tradições, ele mostra a saga dos Escoteiros do Reino Unido durante a Primeira Guerra Mun dial.

São relatos emocionantes.

Com a possibilidade da Guerra, Baden -Powell esti mulou os jovens a buscarem etapas que possibilitassem outras formas de serviço, como pronto socorro, transmissões de mensagens, vigilância de costas, etc.

Em todos os lugares e m que se fizeram presentes, os Escoteiros se destacaram, fosse no Serviço Aéreo, como Escoteiros do Mar ou Escoteiros de Terra (Modalidade Básica). Nas mais diversas formas, os Escoteiros engajaram -se no esforço de guerra, como combatentes, nos serviços au xiliares ou na frente doméstica.

Seis dos jovens do acampamento de Bronwnsea mor reram em combate ou por causa das mazelas sofridas.

Os que tinham idade suficiente para tomar parte na luta por liberdade e justiça, deixaram um nobre legado aos Escoteiros m ais novos.

Tiveram coragem, determinação e altruísmo na Guerra. As suas atuações não foram fruto do treinamento militar nem da ordem unida. Foram resultados do espírito que inspira a essência da autodisciplina, d o ò o u s a r f a z e r ó e d e ò s p í r i t o q u e i n s p i r a o m « o ó . espírito que o treinamento Escoteiro pode instilar.

Lembr emos que Baden - P o w e l l t e v e ò d u a s v i d a s ó : a militar, e a segunda, depois de aposentado do Exército Inglês, como Chefe Escoteiro, dedicando -se integralmente ao Esc otismo. Ele criou o Escotismo não como um Movimento que incentivasse o militaris mo e atividades belicosas, mas sim como um fomentador da Fraternidade Mundial.

E o Movimento Escoteiro, fiel aos seus princípios, tem, desde então, contribuído para a fraternid ade e paz mundial ðsem, no entanto, deixar de atender ao chamado das armas, se for preciso. O que fez na Primeira Guerra Mundial, tornaria a fazer na Segunda; o que fez no primeiro pós -guerra, fez no segundo, e ainda mais, com a reconfiguração do mundo.

Que as histórias aqui contadas continuem a nos servir de exemplo de cumprimento d o dever, de lealdade, de serviço ao próximo, de bondade, de resiliência, de adaptabilidade e de busca constante do autoaperfeiçoamento.

Chefe IM Blair de Miranda Mendes ð geógrafo, Mestre em Ensino de Ciências e Matemática, professor, piloto privado e rad ioamador

HERÓIS ESCOTEIROS DA GRANDE GUERRA, 1914-1918

INTRODUÇÃO À VERSÃO BRASILEIRA

Ao longo de minha vida Escoteira, li ou ouvi, de várias fontes, alguma coisa sobre a atuação de Escoteiros nos dois conflitos mundiais. Aficionado por História, em 2015, ao ensejo do 70º aniversário do término da Segunda Guerra Mundial, lancei-me ao desafio de traduzir *The left handshake*, de Hilary St. George Saunders. A obra apresentou vários relatos das ações individuais e coletivas de Escoteiros, emocionantes, divertidos ou exemplares naq desconhecidos[1] ó, lutada n« o apenas por territ·rio que foi a prova de têmpera do Movimento Escoteiro. Dei essa missão por concluída em 24 de maio de 2016, sesquicentenário da Batalha de Tuiuti.

Depois disso, no ano do centenário de criação do Ramo Lobinho (2016), li *The Scouts õ book*, que apresenta membros do Movimento que se destacaram durante a Primeira Guerra Mundial. Propus-me, do mesmo modo, tornar a obra acessível para leitores brasileiros não fluentes no idioma nativo de B-P. Dei início a esse projeto no Dia do Lobinho (4 de outubro). Tal como aconteceu com *The left handshake*, descobri *The Scouts õ book* na página *The dump*, da *Scouts of Canada*, na Internet.

Alguns consideram não ter havido Primeira e Segunda Guerras Mundiais, mas sim uma longa Guerra Mundial do século XX, de 1914 a 1945, com um intervalo de 21 anos para que os beligerantes ò tomassem f¹ l e fé uma interpretação possível, apesar de a segunda fase de guerra aberta ter-se caracterizado mais pelo embate ideológico do que pela disputa territorial que caracterizou a primeira. Mas se considerarmos dessa forma, não seria lícito pensar também que a

[1] Churchill, discurso de 14 de julho de 1940.

Primeira Guerra Mundial foi uma continuação ampliada da Guerra Franco-Prussiana de 1870, como disputa pelo maior peso geopolítico no continente europeu?

Sabe-se que a Primeira Guerra Mundial forneceu os elementos da Segunda: o bolchevismo, a desorganização e a amargura que fertilizaram o terreno para o fascismo e o nazismo, a ascensão dos Estados Unidos como potência mundial, o remanejamento dos impérios coloniais... Basicamente, a Primeira Guerra foi uma disputa de base territorial e econômica, de certa forma concentrando-se no campo de batalha, nos exércitos e nos governos. A Segunda foi desencadeada por uma ambição territorial e econômica (*lebensraum*, o "espaço vital" baseada numa hipótese de "supremacia racial" e no "imperialismo étnico") transformada em artigo de fé e materi

A Primeira Guerra Mundial, conhecida como ninguém imaginaria que haveria uma Segunda, muito maior e muito pior" foi, no entender de historiadores como Eric Hobsbawm, o marco fundador do século XX, terminando a "Era do Império" e "Era dos Extremos". Ela representou a quebra de paradigmas do século XIX: na geografia, na política, na tecnologia, no armamento, na tática, e mesmo na extensão do campo de batalha, ao conhecer uma "terceira dimensão" com a guerra aérea e com o ar a atingir a "logística" e a "frente doméstica". As duas Guerras Mundiais foram a maior expressão do conceito começara a se configurar com a Guerra Civil Americana (1861-65) e a Guerra do Paraguai (1865-70).

A Primeira Guerra Mundial enterrou definitivamente os uniformes vistosos[2], substituindo-os pelos de cores mais facilmente dissimuláveis em campo: cáqui, cinza-azulado, cinza-esverdeado, marrom, verde; introduziu o avião como arma de emprego tático e estratégico; tirou de

[2] Nos combates iniciais, em agosto de 1914, os franceses ainda usavam calças garança e túnicas azuis quepes, não capacetes de aço. Os escoceses usam o *kilt* até 1915.

cena a Cavalaria hipomóvel [3], ceifada pelas metralhadoras, trazendo em seu lugar o tanque [4]; trouxe tentativas de operações anfíbias em grande escala [5]; fez nascerem os porta-aviões [6]; trouxe à cena o submersível como arma de valor estratégico; despertou a atenção para problemas de saúde como o choque [7] que, depois da guerra, deu origem à psiquiatria [8], deu às mulheres novas situações de trabalho e de ação na sociedade [9]. Pôs fim a muitas monarquias europeias, fez nascerem muitos novos países e foi o ambiente no qual se instaurou a primeira experiência de socialismo real, que duraria pouco mais marcaria as décadas subsequentes e, cem anos depois, ainda suscita debates acalorados.

Foi período no qual começaram a se desenhar alguns dos personagens famosos da Segunda Guerra Mundial: Hitler, Churchill, Attlee, Goering, Montgomery, Patton, De Gaulle, Alexander, Rommel, Mussolini, Pétain, todos esses combateram nas trincheiras. E entre estudiosos e escritores que lá estiveram, pode-se mencionar John R. R.

---

[3] Apesar de ainda aparecerem lampejos durante a Segunda Guerra, na Polônia, França e Rússia.

[4] O carro de combate fez sua primeira aparição em combate em 15 de setembro de 1916, em Flers, numa das etapas da Ofensiva do Somme. Na ocasião, seu emprego foi o apoio à infantaria, esmagando ou arrastando os obstáculos de arame farpado e destruindo pelo fogo de canhões e metralhadoras as posições alemãs de armas coletivas (canhões, metralhadoras, morteiros). O nome [illegible] pelos britânicos, com o medo de espionagem sob sigilo. Como o veículo se assemelhava a uma caixa com lagartas, podia dar a impressão de ser um reservatório de água com autopropulsão. O nome de disfarce acabou pegando. Já em 1914, os belgas, seguidos imediatamente pelos britânicos do Royal Naval Air Service, usaram carros blindados sobre rodas, armados com metralhadoras, em missões de reconhecimento e cobertura.

[5] Galípoli, 1915.

[6] *HMS Ark Royal* e *HMS Furious*

[7] [illegible]

[8] A gripe espanhola de 1918 matou mais de 50 milhões de pessoas no mundo.

[9] Durante a Guerra e no pós-guerra, com as mulheres assumindo o comando da casa cujo homem estava ausente, incapacitado ou morto. Uma das consequências da Guerra foi a conquista, pelas mulheres, em vários países e ao longo dos anos, do direito de votarem e serem votadas.

Tolkien (autor de *O senhor dos anéis*), Erich Maria Remarque (autor de *Nada de novo na Frente Ocidental*[10]), o historiador Gerhard Ritter e os estudiosos militares Sir Basil Liddell Hart e J. F. C. Fuller.

Foi a última guerra para a qual os povos se dirigiram com entusiasmo, com a expectativa de ter curta duração (algumas semanas) e talvez na esperança de ser uma explosão catártica da qual emergiria a concórdia e a cooperação entre os seres humanos, ao menos os civilizados — os povos coloniais não entravam em consideração. Nos meses iniciais, as jovens britânicas divertiam-se (talvez de maneira um pouco perversa e inconsequente) em provocar os homens, mexendo com os seus brios ao entregar penas brancas aos que não estavam alistados. Mas quando se completou a corrida para o mar, tentando desbordar-se e chegando finalmente a um impasse, com posições confrontando-se do Canal da Mancha à fronteira Suíça, esse entusiasmo não demorou a se afogar na lama das trincheiras; os próximos quatro anos seriam de duelos de artilharia[11] e ataques de infantaria nos quais se produziriam dezenas de milhares de baixas para obter o ganho provisório de algumas centenas de metros. E se o que aconteceu na Guerra foi capaz de horrorizar as pessoas ao ponto de pensarem que "nunca mais" alguém quereria [illegible] essa esperança foi-se esvanecendo na década de 1930.

A Primeira Guerra Mundial foi o batismo de fogo do escotismo, então com sete anos desde a criação: vários jovens do acampamento de Brownsea engajaram-se para a luta e seis deles morreram em combate

[10] Remarque trata também, em outras obras, da vida dos veteranos na França: *Três camaradas*, *O caminho de volta*, *Náufragos* são exemplares.

[11] Na Primeira Guerra Mundial, a artilharia passou a ser um dos mais importantes estressores do combatente, devido à aleatoriedade do que poderia acontecer quando o inimigo lançasse uma barragem. Como o tiro dos morteiros e obuseiros era indireto e batendo-se com grande volume de projéteis, quem estava na extremidade de chegada não tinha outra coisa a fazer senão segurar-se [illegible] granada. Somente o acaso, ou a proteção divina, ou o plano [illegible]

ou em decorrência de mazelas causadas pela guerra; inúmeros outros Escoteiros se envolveram no esforço de guerra, como combatentes ou nos serviços auxiliares, tendo alguns se tornado merecedores de condecorações. É emblemático um cartaz inglês de propaganda: "Are YOU in it?", no qual se mostra um homem e uma mulher operários na indústria, uma enfermeira voluntária, um Escoteiro, um soldado e um marinheiro. Essa e outras imagens podem ser pesquisadas na internet, pelo site de busca Google.

Naquela que se pretendia fosse "a guerra só", o soldado Brevoort escreveu num contexto em que se necessitou do cumprimento do "dever para criatividade para viver em condições como as das trincheiras, e da camaradagem para recuperar-se e aos companheiros. Os Escoteiros mostraram-se capazes de combater pelo território e pela população, inclusive preparando-se para o combate ainda enquanto Escoteiros, com etapas de proficiência em tiro estabelecidas no manual *Marksmanship for boys*, de autoria de B-P[12].

Especialmente no imediato pré-guerra, o treinamento Escoteiro, considerando as várias habilidades que poderiam ser úteis numa emergência nacional, levou autores como Niall Ferguson[13] a pensar tratar-se de um movimento militarizado. Aliás, a presença de Escoteiros em várias propagandas de guerra pode induzir a esse pensamento.

---

[12] Ele mesmo, antes de entrar para o Exército, fizera parte da equipe de tiro da Charterhouse School. Em *Marksmanship for boys* [illegible] *Pickelhaube* [illegible]

Num contexto de pré-guerra para o país, os Escoteiros tinham de capacitar-se para servir, inclusive nas Forças Armadas (ou na defesa territorial, no caso de invasão), e sendo proficientes no tiro. Até os anos finais do século XX, ainda havia a especialidade de Atirador para os Ramos Escoteiros (a partir dos 13 anos) e [illegible] sim, usando com segurança a arma de pressão ou de fogo, desenvolver seus atributos de autocontrole, disciplina, coordenação motora, espacialidade, cultura geral, foco, proteção contra acidentes e zelo pelo material.

[13] FERGUSON, 2014, p.61, 72, 187.

Entretanto, desde o início, Baden-Powell procurou fazer do Escotismo algo que não fomentasse o militarismo e o ânimo belicoso. Sua intenção inicial, quando escreveu e testou *Scouting for boys*, era dar aos jovens britânicos treinamento que lhes desse habilidades, conhecimentos e atitudes úteis aos futuros gestores do Império. Mas o Movimento cresceu, ultrapassou fronteiras e teve de ser redefinido como fraternidade mundial, buscando levar os jovens a serem os melhores cidadãos possíveis em suas respectivas pátrias.

Com a possibilidade de guerra cada vez mais próxima, o Fundador buscou estimular o jovem a buscar etapas que o habilitassem para outras formas de serviço que poderiam ser requeridas, para além do pronto-socorrismo, das transmissões de mensagens e do serviço de mensageiro: a própria vigilância da costa e do ar (identificação de navios e aeronaves), a sinalização, a identificação de suspeitos e a defesa territorial, no caso de uma invasão. *Marksmanship for boys* apareceu dentro dessa expectativa, mas não se deve interpretar o apronto para o serviço à nação num contexto de plausibilidade de uma guerra e invasão como dando ao Movimento um caráter militarista; além do mais, a Insígnia de Atirador não era de conquista obrigatória para a progressão: era uma Especialidade, cuja obtenção dependia unicamente do interesse do jovem.

No pós-guerra, a experiência Escoteira teve enorme valor na reintegração de jovens ex-combatentes à vida em sociedade de tempo de paz; a criação do Ramo Pioneiro, em 1919, foi fundamental nesse processo. Esse imediato pós-guerra marca, também, para o Movimento Escoteiro, a aquisição de Gilwell Park e a realização do primeiro curso da Insígnia de Madeira, tendo como Diretor o Capitão Francis Gidney[14].

[14] Frank Gidney (1891-1928) iniciou uma das primeiras Tropas de Escoteiros já em 1908. Serviu ao Exército britânico na Grande Guerra, tendo sido gravemente ferido e declarado incapaz definitivamente para o serviço. Foi o primeiro Chefe de Campo de Gilwell Park (até 1923), e dirigiu o primeiro Curso da Insígnia de Madeira. Foi um dos manuais elaborados pela equipe de treinadores de Gilwell Park. Foi sua ideia, também, a instituição do 1º Grupo de Gilwell, com seu lenço característico, para congregar os portadores da Insígnia de Madeira. Faleceu vitimado por complicações em seus ferimentos sofridos na guerra.

Uma definição clássica de "herói" é "aquele que abriga". Ao longo do tempo da Grande Guerra, o herói era aquele que se destacava pela bravura, pela perseverança, pelo autossacrifício em prol dos demais. Ainda havia espaço para atos individuais de bravura e abnegação. Esse paradigma ainda valeu durante a Segunda Guerra Mundial, mas já na guerra de 1914 começou a mostrar desgastes – é difícil enxergar o ato de um indivíduo numa guerra de massas, e na qual cada vez mais os resultados eram obtidos por ações combinadas das Armas e Serviços, e das equipes de cada especialidade. Com a "cibernetização" do campo de batalha, tornou-se cada vez mais impessoal, e com a aceleração e difusão das informações, que "quebram os mitos" ao expor suas fraquezas, ficou cada vez mais difícil, um século depois, encontrar algum. Como disse Tia Zulmira, personagem de Stanislaw Ponte Preta, acabou com o privilégio dos "heróis".

Bertolt Brecht, em sua *Vida de Galileu*, popularizou a frase: "Infeliz a nação que precisa de heróis". Ao analisar endeusá-lo é, sim, algo que pode fomentar o chauvinismo e acirrar rivalidades. Por outro lado, temos de lembrar que o ser humano se educa por espelhamento em referenciais – e o herói é justamente um referencial. Se, modernamente, a ação em combate é questionada como circunstância de heroísmo, já que envolve causar a morte de outrem, precisamos ter em mente que há outras formas de "ato heroico": alguém que, em combate ou outra situação de adversidade, salva vidas saindo de uma condição de segurança; alguém que se empenha de forma excepcional numa causa humanitária, talvez, ou que dê um notável exemplo de superação ou de serviço ao próximo. Mas, definitivamente, não desportistas profissionais no exercício da profissão e menos ainda participantes de *reality shows*.

Herói é aquele que se destaca ao, em seus feitos, personificar valores: coragem, probidade, serviço ao próximo, determinação, bondade, autossacrifício; é aquele cuja ação fornece uma história que

vale a pena ser contada. Tal foi o caso dos Escoteiros apresentados neste livro.

Este livro conta muitas pequenas história s. Seu foco está no s Escoteiros do Reino Unido ðpor isso, as referências em primeira pessoa (ò n o s s a s t r o p a s , a z e n s ó s) s e r e f e r e m a o s b r i t © n i c o s . Entre essas histórias , pode-se destacar a do Capitão Roland Phili pps, autor de *O sistema de Patrulhas* e *Cartas a um Guia de Patrulha* , e a mais famosa de todas: a do Grumete de 1ª Classe John (J ack) Cornwell , apontador de canhão no *HMS Chester* na Batalha da Jutlândia, que passou a constar nas edições de *Escotismo para rapazes* a partir de então . 2016 foi justamente o ano do centenário dessa batalha e do memorável feito de dedicação e perseverança do Escoteiro Jack Cornwell .

Cabe lembrar que esta obra foi publicada em 1919. Por isso , a linguagem e as observações devem ser colocadas no devido contexto de espaço, tempo e visão de mundo. Assim, muitas vezes a narrativa pode ser insultuosa ao inimigo de então, ou ufanista, tecen do rasgados louvores ao que, visto em retrospecto, pode ter sido uma ação não muito feliz [15]; ou, ainda, deixando de tomar em consideração os guerreiros aliados.

Algumas expr essões são dificilmente traduzíveis [16], mas fe z-se a adaptação na medida do possível e , quando preciso, adiciona ram-se notas explicativas ð especialmente para contextualizar alguns dos episódios vividos pelos Escoteiros, ou para esclarecer alguma situação caracter isticamente militar ou peculiar à situação de guerra , ou ainda contextualizar no período . Preferi manter no original os nomes das

---

[15] É ocaso, por exemplo, do resultado inconclusivo da Batalha da Jutlândia (31 de maio de 1916) ou da ofensiva do Somme (julho a novembro de 1916). A Batalha da Jutlândia terminou inconclusiva, com 14 belonaves britânicas e 11 alemãs perdidas, e, mais de desestímulo definitivo aos alemães para pôr sua Esquadra em mar aberto. A Batalha do Somme (julho a novembro de 1916) resultou em cerca de 120 mil baixas do lado Aliado, sendo que metade delas (quase 60 mil) ocorreram no primeiro dia (1º de julho).

[16] Por exemplo, *to go over the top* significava transpor o parapeito da trincheira para a terra-de-ninguém, num ataque, incursão ou missão de resgate. Terra-de-ninguém (*y 2 Y l· y*) é o trecho de terreno entre duas forças que se confrontam.

unidades militares a que os personagens pertenceram, porque a versão de alguns nomes em português ficaria confusa ou redundante, ou demandaria muitas voltas explicativas. Explicações sobre as condecorações a que a obra se refere estão no Apêndice II, e foram obtidas da Internet, a partir do site de busca Google, assim como os dados sobre o destino dos acampadores de Brownsea (Apêndice III). O Apêndice I apresenta o resumo de algumas das tarefas desempenhadas pelos Escoteiros durante a Guerra.

Para gerações que mal se lembram (ou mesmo ignoram!) que tenha havido conflitos como as duas Guerras Mundiais, é importante lembrar: primeiro, que elas moldaram o mundo de hoje, não apenas nos recursos tecnológicos que tanto facilitam nossa vida, mas também em modos de pensar e proceder; segundo, no caso específico do Movimento Escoteiro, que elas provaram o valor do nosso sistema de vida alicerçado na liberdade de ser, saber e fazer, na igualdade entre os seres humanos e na fraternidade fundada no respeito e cooperação.

Dei este trabalho por terminado em 22 de junho de 2017, aniversário de um evento da Segunda Guerra Mundial: o desencadeamento da Operação Barbarossa, invasão da União Soviética pelos alemães, em 1941.

Vamos à leitura?

INTR ODUÇÃO PELO ESCOTEIRO -CHEFE

Pelo Escoteiro -Chefe, Robert Baden -Powell

O que po demos fazer para perpetuar a memória daqueles que, na Grande Guerra, enobreceram pelo seu esplêndido auto ssacrifício o brutal labor do combate?

Esta é a que stão que tem ficado no ar. Obeliscos e relicários interessam -nos no presente, mas no fim das contas o mármore é frio e as flores fenecem . Queremos algo que viverá conosco, algo que continuará depois de nós, algo que também ajude a fazer que todo esse sacri fício tenha valido a pena.

Felizmente, eles nos deixaram algo de si que podemos guardar com c arinho e passar adiante; é o seu glorioso *espírito* . Este, através do recital dos seus bravos feitos, podemos pelo menos manter vivo, e abaná -lo até inflamar -se no peito dos seus sucessores, se tivermos a vontade para tal.

Esse é o nosso objetivo no Movimen to Escoteiro. Assumi -lo é o objetivo deste livro .

Não precisamos ir além das fileiras de nossa própria fraternidade Escoteira para encontrar um glorioso registro d e bravura.

Aqueles que tinham idade suficiente para tomar parte na luta por liberdade e justiça deixaram um nobre legado aos seus irmãos Escoteiros mais novos . Não se trata de algo simplesmente acessível a uma classe social ou outra, nem do árido registro histórico dos feitos de herói s que j§ se foram h§ muitos filhos de nosso tempo: ® o cozinheiros e dos fi Jack Cornwells e dos Rolands ó, dos Phi lipps, rapazes de nosso próprio tempo, e de nossa mesma raça e fraternidade.

O registro do que fizeram, como este livro mostra, não foi resultado do treinamento militar ne m da ordem unida. Foi o resultado do esp² rito que d§ a ess°ncia da autodiscip

Os exercícios militares podem dar uma disciplina superficial, mas é um ornamento que a experiência mostra estar pronto a romper-se sob pressão. Madeira de lei com polimento natural é o que se necessita; a disciplina consistente vem de dentro, e não de fora. É aplicada uma tensão de ruptura sobre a disciplina, que não se resume ao *esprit de corps*. É o espírito que manda, o espírito que o treinamento Escoteiro procura inculcar.

ò Jogar o jogoó ® o lema dos Escoteiros. com tudo para vencer; jogue para o seu time

Esse é o chamado do clarim que esses nossos heróis fazem soar para nós. É um chamado que todos nós deveríamos ouvir.

PREFÁCIO

Ao apresentar este *Livro dos heróis Escoteiros*, o editor manifesta sua gratidão e reconhecimento pela assistência e incansável energia de Miss Vera Barclay, que escreveu grande parte do trabalho.

Pelo capítulo sobre os "Heróis alados", dívida com o Sr. W. F. Wandby-Smith (falecido Tenente da RAF).

Reconhecimento é também devido ao Tenente W. R. Stanton pela permissão para reproduzir seu artigo sobre "Escoteiros do *The Sphere*, pela permissão para reproduzir o retrato do gaiteiro Laidlaw, V.C.; aos Srs. Hodder e Stoughton pela permissão para copiar certos trechos de seu livro sobre *Jack Cornwell, V.C.*; ao Sr. H. G. Elwes, editor da *Headquarters Gazette*, pelas muitas sugestões úteis; ao editor de *The Scout*, pela permissão para reproduzir o retrato do Capelão D.S.O.; ao Sr. Humphrey Mitford pela permissão para copiar extratos do livro do Capitão McKean, *Scouting Thrills*; ao editor do *Daily Express*, pela permissão para copiar o artigo sobre Sir Julian Byng; e os numerosos pais e secretários das Associações Locais e Chefes Escoteiros que forneceram informações relativas aos heróis.

Das informações fornecidas pela Sede Nacional, compilou-se uma lista de heróis, que formam uma parte do livro. É duvidoso que essa lista esteja absolutamente completa, já que alguns Distritos deixaram de enviar material. Muita coisa chegou tarde demais para ser inserida. Portanto, o editor ficaria muito feliz em receber adições e correções, para uso em futuras edições desta obra.

A escolha dos galantes feitos para descrição neste livro não foi feita com o intuito de representar os Escoteiros dos diversos Distritos, nem as diversas condecorações conquistadas. Não pretendemos compilar um registro oficial, mas simplesmente contar aquelas histórias que nos chamaram a atenção por particularmente despertarem vibração, ou que ilustrassem de maneira excepcionalmente boa o verdadeiro espírito Escoteiro subjacente ao heroísmo de nossos rapazes.

Escolhemos e recontamos essas histórias para que possam fazer vibrar os corações dos Escoteiros em casa, e mostrar-lhes as alturas a que os ideais do Escotismo podem levá-los.

Há centenas de histórias igualmente emocionantes e igualmente nobres que não fomos capazes de incluir, quer por falta de espaço, quer por ser impossível obter suficiente informação detalhada. Mais de um feito glorioso é contado na concisa e pouco inspiradora linguagem do relatório oficial, mas por mais que tentássemos não foi possível obter do Escoteiro envolvido nem um pequeno detalhe a mais sobre o incidente. Outros, talvez menos ciosos de si mesmos, e sabedores que a verdadeira humildade está na verdade simples e sem afetação, dispuseram-se a contar-nos a história tão simplesmente como se as contassem aos Patas-tenras da Tropa, sentados ao redor do fogo em alguma tranquila noite no acampamento. Eles sabiam que tudo que queríamos era dar a história ao conhecimento dos Escoteiros da Grã-Bretanha, desejosos de saber dos feitos de seus irmãos, e eles deram o que tinham, com a singela generosidade de um Escoteiro. A humildade e a genuína falta de autopromoção da forma como estas histórias foram contadas foram mais típicas do espírito Escoteiro do que até mesmo a relutância em contar. Mais de uma história começa ou termina com expressões do tipo "Eu não quero [17] dizer que qualquer um no meu lugar teria feito o mesmo"; "Minha condecoração junto com o rancho [18]". Mas tais sinceras e mais nobres palavras tenham sido aquelas com que um galante aeronauta, portador de uma elevada distinção, terminou seu relato, numa carta dirigida a seu pai: "Cumpri meu dever", ele escreveu, "não pela própria força que consegui fazê-lo, mas sim pela de Deus".

Enquanto algumas das histórias aqui relatadas nos vieram nas palavras do próprio Escoteiro e nos foram dadas generosamente,

[17] Gíria militar: fazer farol, contar vantagem, ser gabola.

[18] Rancho: refeições, ou o local onde se fazem as refeições.

apesar da usual tendência de reduzir sua própria importância nos fatos ð há um grande número cujos detalhes tivemos de coletar por outros modos. Queremos aproveitar esta oportunidade para pedir desculpas a quaisquer dos nossos irmãos a qu em possamos ter desagradado ao trazer suas histórias a público. Algumas histórias nós recontamos a partir dos relato s impressos que apareceram nos jornais ou nos boletins militares; outras, obtivemos dos parentes do Escoteiro, possivelmente sem que ele o s oubesse, ou de membros de sua Tropa.

A todos sentimos que devemos pedir perdão pela inadequada expressão que demos a feitos muito nobres para que nossas pobres palavras consigam expressar corretamente.

Londres, novembro de 1919.

F. HAYDN DIMMOCK, Editor (o rganizador).

AVE MORTUIS

Salve os mortos! Os heróis que livremente ofertaram suas vidas no altar da liberdade;

Que com seu precioso sangue buscaram expiar o grande erro que outros homens cometeram.

Salve os mortos! Pois não tememos que nas balanças perante o trono do Único que julga infalivelmente sejam suas vidas consideradas em débito uma vez que suas mortes sejam pe sadas.

Eles não estão mortos, estes mortos não podem morrer jamais; a Morte é impotente contra os que morreram como eles.

Não há morte. Contemplai quão tosca e elevada se suste nta a Cruz contra esse céu resplandecente;

Parece uma morte, mas no terceiro dia , vede! A morte não se consumou ða pedra foi afastada. (C.H. Fox Harvey).

CAPÍTULO I

1914

É agosto . Os campos de milho caem diante das colheitadeiras. As vozes dos trabalhadores pairam na suave brisa de verão. Tudo é paz. Mais distante, na encosta da co lina, barracas brancas bril ham, e um pouco afastada, uma coluna azul de fumaça sobe continuamente na manhã ensolarada.

Vozes animadas, risadas alegres enchem o ar, pois a alegria sempre pode ser encontrada num acampamento Escoteiro. Os Escoteiros, vestindo apenas as bermudas, percor rem o campo fazendo as várias pequenas tarefas que precisam ser feitas.

Sob um grande carvalho acha -se o Chefe Escoteiro, cercado pelos seus Monitores [19], planejando a programação do dia. É também uma programação maravilhosa. Uma j ornada através dos campos até uma aldeia próxima, um jogo de rastreamento no retorno ao campo, chá, jogos e depois uma sessão de cantoria ao redor do fogo de campo.

De repente, o Chefe avista um Escoteiro correndo a toda velocidade rumo ao campo.

Ele pergu n t a : ò Q u e h § c o m D e e r f o o t ? N u n c a r § p i d o ó .

Deerfoot é o estafeta do acampamento. No minuto seguinte ele está de pé diante do Chefe, fazendo a saudação e, engasgando para respirar, lança o que o fizera correr tanto.

ò A GBreta nha d eclarou g u e r r a c o n t r a a A l e m a n h a , C

Por um momento, faz -se um silêncio mortal, e então o Monitor mais velho põe -se de pé num salto.

[19] Nesse tempo, os Monitores eram os Escoteiros mais velhos, na fronteira das idades que consideramos para Sênior e Pioneiro (ao redor dos 18 anos).

ò B o a e v e B l r h e a t a G n r h « a ó , g r i t a e l e . ò T r ° s v i v
ao nosso Rei [20] ó !

Os vivas enchem o ar. O acampament o está em algazarra. Todos estão excitados. Seu Chefe lhes havia dito, justamente na noite anterior, o que se esperaria deles se a Grã -Bretanha declarasse guerra. Eles teriam de guarnecer pontes, linhas telegráficas, escoadouros de efluentes, reservatórios .

O Chefe Escoteiro reúne seus Monitores novamente. Ele havia planejado uma pequena alocução quando estava deitado, na noite passada, e pondera, um pouco ansioso, como seus rapazes aceitarão o que ele tem a lhes dizer.

Ele começa: ò M u i t o b e m , c o v o c ê s s a b e m o q u e s s a notícia significa para nós? Significa que há trabalho para fazermos. O mais provável é que tenhamos de levantar acampamento. Isso pode significar, para alguns de nós de todo modo, que não dormiremos numa cama adequada por muitas noi tes. É di fícil antever o que nos está reservado ó

O Monitor mais antigo se adianta.

ò P o d e c o n t a r c o n o s c o p a r a f a z e r t u d o q u n « o ® m e s m o , t u r m a ó ?

A r e s p o s t a , u n © n i m e : ò S i m , c l a r o ó !

ò M u i t o b e m . V o u d e s c e r ¨ c e i n t a r a d e à , e n t « o p o l ² c i a . D e v e h a v e r a l g o q u e p o s s a m o s f a z e r

E assim, levanta -se acampamento. Os Escoteiros partem para guarnecer pontes e reservatórios de água; para atuar como mensageiros para as autoridades públicas; para ajudar em cantinas, que br otaram como cogumelos da noite para o dia.

Não se ouve nem uma espécie de resmungo. Dia após dia, noite após noite, eles trabalharam, animadamente, alegremente, enquanto nosso bravo Exército marchava para o combate.

---

[20] À época, Geo rge V. Cabe lembrar que tanto ele quanto o kaiser Wilhelm II eram netos da rainha Victoria.

Então, o clarim começou a chamar os home ns ðe cada vez mais deles.

O Chefe Escoteiro pôs seu amado uniforme no armário, e encaminhou -se para a batalha, deixando a Tropa nas mãos dos Monitores. E eles deram continuidade ao trabalho esplendidamente. Em muitas ocasiões, o Chefe, combatendo no *front*, recebi a ânimo e inspira-«o de uma simples frase numa cart Tropa está -se saindo muito bem. Smith acabou de passar nas provas de 1Û Classeó. O Chefe conhece Smith h§ um maravilhado, porque Smith era o rapaz com ma is dificu ldade de aprendizagem na Tropa.

À medida que os Monitores iam atingindo idade suficiente, eles foram, um por um, e outros Escoteiros também. Eles sabiam que seu país precisava deles, e responderam ao chamado tal como seu Chefe fizera, e estavam pr ontos par a sacrificar tudo.

Assim o Espírito Escoteiro dirigiu -se à batalha.

E o Espírito Escoteiro atravessou a guerra mantendo -se íntegro. No calor da batalha ele aguentou a tensão, e agora que a guerra acabou, ele está ainda mais forte. Ele vive no cora ção de ca da Escoteiro e de cada Voluntário do Escotismo, e aqueles que lerem este livro, sejam Escoteiros ou não , não podem deixar de sentir esse espírito subjacente aos magníficos feitos de devoção ao dever e autossacrifício que aqui estão registrados.

CAPÍTULO I I

FAMOSOS ESCOTEIROS NA GUERRA

G E N E R A L S I R J U L I A N G B Y N G (ò B U N

(Comissário Distrital, Condado de Essex)

A carreira combatente do General Byng [21]

Em algum lugar próximo à linha de combate do pertinaz e imbatível Terceiro Exército na França durante a guerra , podia-se ver o automóvel de um Oficial-General com o pendão azul e vermelho indicativo de um Comandante de Exército, tremulando acima do capô. Dentro do carro ou perto dele, podia-se encontrar uma figura alta e robusta, com um quepe de pala dourada puxado para a testa, escondendo um par de fortes, honestos e másculos olhos azuis que enxergavam tudo.

O general Sir Julian Byng parece-se com o que em verdade é ðo apóstolo da eficiência. A boca firme e vigorosa , o bigode denso , o rosto curtido indicando uma vida passada ao ar livre, os ombros angulosos indicando força, tudo constituindo uma figura de soldado como se esperaria que parecesse.

A vida militar foi a existência do General Byng. Ele vive, sonha e pensa em termos militares. Por trinta e cinco anos este guerreiro de cabeça fria estudou a vida militar em cada fase: na paz, na guerra, nos acampamentos e quartéis, em escolas.

Quando tinha vinte anos, ele se tornou oficial subalterno no aristocrático 10º Regimento de Hussardos. Aí, em lugar de passar suas douradas horas no jogo de polo, danças ou corridas, ele aproveitou o tempo aperfeiçoando-se em sua profissão. Ele decorou Clausewitz [22]; auxiliou o Coronel Henderson, nos campos de batalha da América, na

---

[21] Julian Byng (1862-1935), Visconde de Vimy. Promovido a Marechal-de-Campo em 1932.

[22] Oficial prussiano (1780-1831), autor do clássico *Da guerra*, que norteou o pensamento militar ocidental até a Segunda Guerra Mundial.

preparação da clássica *Vida de Stonewall Jackson* [23]; comandou uma coluna da Cavalaria Ligeira Sul-africana na Guerra dos Bôeres [24], e conquistou a admiração de uma bela coleção de *cowboys*, catadores de praia, mineiros, africânderes, emigrantes e heroicos cavaleiros como jamais se poderia ver reunida de uma só vez.

O cavalheiro hussardo com seu rebenque provou ser uma noz tão dura de quebrar em situações de combate quanto numa discussão intelectual sobre as influências de Xerxes em Aníbal ou Napoleão *versus* o Príncipe Eugênio.

Ao final da Guerra dos Bôeres, Byngassumiu o comando do 10º de Hussardos na Índia. Depois retornou à Metrópole, e foi encarregado da Escola de Cavalaria em Netheravon. Em seguida, tornou-se comandante de uma Brigada de Cavalaria, e cerca de dez anos atrás tornou-se o mais jovem Major-General no Exército – e prontamente viu-se desempregado.

Foi então que ele se interessou pelos Escoteiros. Lembro-me de vê-lo, e ao General Plumer, em Hatfield, seis ou sete anos atrás, acertando o passo de um grupamento de Escoteiros. Estes rapazes tornaram-se os melhores soldados de nosso Exército, um fato facilmente comprovado por ambos os homens que foram nossos mais bem-sucedidos comandantes de Exército na Frente Ocidental.

Um dos homens de Kitchener [25]

---

[23] ¢K2Yl ă á { ú2 yŜ ó 1863) foi um dos mais notáveis generais confederados na Guerra Civil Americana.

[24] África do Sul, 1899-1902, na qual Baden-Powell também combateu; foi a Guerra dos Bôeres que ocorreu o cerco de Mafeking.

[25] Horatio Herbert Kitchener (1850-1916). Comandou a expedição ao Sudão em 1896-97, derrotando a rebelião mahdista. Foi um dos comandantes, e depois comandante-chefe das forças britânicas na Guerra Anglo-Bôer. Em 1914, ao iniciar-se a guerra, foi feito Secretário da Guerra. Foi o mentor do plano de construção de um vasto exército de voluntários para combater na França, um exército de massa, ljdzŜ ă2 TNJŜdz Y2NJúlyŘlŘŜ ŜY YlŜaăÖl2DYLJl ,ykŜŜŠNáăáéá œń2Ř2á á mesma localidade, criados com base no pressuposto do forte vínculo afetivo pela origem comum, levou à situação de cidades inteiras ficarem de luto. Kitchener morreu no naufrágio do cruzador *HMS Hampshire*, vitimado por uma mina submersa perto das ilhas Orkney.

Uma mudança no comando dos Territoriais de East Anglia completou o tempo de serviço do General Byng na Metrópole em 1912, e ele foi então enviado para o Egito, para comandar as tropas britânicas. Ele era um dos chamados òhomens de Kitchener sempre gostou de ter òseus homensó perto de

Na Grande Guerra, o General Byng primeiramente comandou a 3ª Divisão de Cavalaria, que se portou tão maravilhosamente em Ypres [26]; depois, um Corpo de Exército na França e na Baía de Suvla, onde ele conduziu a retirada sem que se perdesse sequer um homem [27]; retornou, então, à Metrópole, para comandar um Corpo de Exército. Os canadenses queriam um novo comandante. Eles pediram para ser Byng e o obtiveram.

Se você quer deixar um soldado canadense furioso, diga algo depreciativo sobre a capacidade militar do general Byng, e, pela mesma moeda, se quer agradá-lo, diga algo elogioso sobre o general.

Da Serra de Vimy [28] foi um pequeno pulo para o comando de um Exército, e lá está ele.

Cambrai [29] levou algumas pessoas a tocarem os sinos de vitória antes do tempo, mas o General Byng certamente mereceu ser festejado, ainda que não se tenha conseguido tudo em Cambrai na ocasião.

Seus íntimos chamam-no òBungoó. Ele ® terr determinado na guerra, e igualmente simples, amável e de natureza agradável em situações de descontração. Sendo cavalariano, conhece tudo sobre cavalos, é capaz de atirar bem em pássaros, e seu principal

[26] Primeira Batalha de Ypres, outubro-novembro de 1914.

[27] A retirada, em dezembro de 1915, do que restou da força que desembarcara em Galípoli em abril.

[28] Combate vencido pelos canadenses sob o comando de Byng, em abril de 1917, na Batalha de Arras.

[29] A Batalha de Cambrai, em 1917, foi a primeira na qual se empregaram tanques de maneira concentrada. O ganho de terreno acabou sendo reduzido pelos vigorosos contra-ataques alemães, e deixou os britânicos com um saliente em Flesquières

passatempo quando em casa ðo que não é muito frequente ðé cortar e serrar madeira, como exercício.

Na obra *Mr. Britling sees it through* , o sr. Wells aprese nta um Coronel Rendezvous, que é todo dedicado à eficiência, ao serviço à nação, a o t r e i n a m e n t o f ² s i c o e ¨ o r g a n i z a - « o . a r r u m a m p a r a r e v i s t a q u a n d o e l e p a s s a ó . l Byng, o homem que na guerra pôs todas estas teorias à prova ðe obteve sucesso.

ò A A L M AANZAC[30] ó

(Comissário -Chefe para a Índia)

Sobre o Comandante dos australianos e neozelandeses em Galípoli.

ò O T e n G e n e r a l Sir W. R. Birdwood [31] foi a alma do ANZAC. Nem por um único dia ele largou seu posto. Animado e cheio de simpatia humana, ele passou muitas horas de cada conjunto de 24 inspirando os defensores das trincheiras da frente, e se ele não conhece pessoalmente cada soldado de sua fo rça, pelo menos cada soldado na força acredita que é conhecido pe l o s e u c h e f e ó .

Tal foi o elevado louvor feito por Sir Ian Hamilton ao comandante dos australianos e neozelandeses em Galípoli [32]. Raramente um elogio tão alto é dado em despachos, mas no caso d e Sir W. R. Birdwood ele foi conquistado no meio da mais terrível luta que o mundo já viu.

---

[30] ANZAC: Australian and New Zealand Army Corps, Corpo de Exército Australiano e Neozelandês.

[31] William Riddell Birdwood (1865-1951), comandou o ANZAC em Galípoli, inicialmente sob o General Ian Hamilton, depois sob o General Julian Byng. Comandou o Exército Australiano na Frente Ocidental e, depois, o 5º Exército Britânico.

[32] Galípoli (Gelubolu) é uma cidade na Turquia, na saída do Estreito de Dardanelos para o Mar de Mármara,diagonalmente oposta à atual Hissarlik (onde foi Tróia), que fica na saída para o Mar Egeu. Em 1915, tentou-se abrir uma segunda frente por ali, desembarcando um Corpo de Exército que, presumivelmente, assumindo o controle do Estreito, asseguraria a passagem dos navios britânicos entre o Mediterrâneo e o Mar Negro, articulando-se com os russos e neutralizando a Turquia. O desembarque Ŏ ² Y Ŝ œ ² d z Ŝ Y н p Ř Ŝ l · ō N J ƛ f Ř Ŝ м ф м p Σ Ř l · ű l · l j d z Ŝ ă Ŝ N J ƛ l · Ř Ŝ L J ²

O General Birdwood é o homem cujo retrato pouco convencional dói tirado quando nadava no mar em Galípoli, e que foi oficialmente distribuído.

Como muitos outros homens que vieram para o front na guerra, ele ® um dos òbomens só de Kitchener, de fato, ele foi, p braço direito de Kitchener, pois foi designado seu Secretário Militar quando servindo na África do Sul, e seguiu seu chefe à Índia na mesma condição.

Para o Ex®rcito, de fato, ele teria a mais Birdwood, o dó® ser designado para o comando do do Suló, para usar as palavras de Sir Ian H

E o General Birdwood era justamente o homem certo para liderá-los. Absolutamente desprovido de medo, ele escapou da morte vezes sem conta por puro milagre. Por exemplo, uma vez, durante a Grande Guerra, seu quepe foi arrancado de sua cabeça por uma bala, que escavou uma nova partição em seu cabelo, cortando s eriamente seu escalpo e atordoando-o. Apesar disso, ele recusou-se a deixar seu posto, e não o deixou nem quando seu nome entrou na lista de baixas [33]. Na Guerra Anglo-Bôer, ele foi muito gravemente ferido, e sua grande coragem e magnífico espírito combativo foram mencionados nada menos que cinco vezes em despachos. Antes de ser fer ido, ele já tivera alguns êxitos por margem apertada, tendo o cavalo que montava sido morto numa ação perto de Pretória, entre outros.

Em todas as guerras britânicas desde 1883

Na campanha do Tirrah de 1897-98, logo antes da Guerra dos Bôeres, ele também f oi citado em despachos.

O agora famoso general esteve praticamente em todas as nossas pequenas guerras desde que se juntou aos *Royal Scots Fusiliers* em 1883.

---

[33] Baixa é todo militar que se encontra fora de condição de combate: mortos, feridos, prisioneiros, doentes, acidentados e desaparecidos.

A maior parte de sua v ida foi passada na Índia. Os Birdwoods, de fato, são famosos por lá, pois su cessivas gerações deles serviram na construção de nosso grande Império no Oriente.

Como Secretário de Lord Kitchener na Índia, ele ajudou seu chefe a reorganizar o Exército Indiano e a totalidade dos problemas militares; um resultado disso pode ser visto n a magnífica Força Expedicionária Indiana.

O General Sir W. R. Birdwood é capaz de falar muitos idiomas e dialetos orienta is e, de fato, serviu também como intérprete para Lord Kitc hener na Índia.

Nascido em setembro de 1865, o General Birdwood foi feito cavaleiro em 1918.

Quando lhe foi pedido que escrevesse alguma coisa para este livro, o General Birdwood mandou ao editor o que se segue:

> Apesar de já haver decorrido algum tempo des de que fui Comissário -Chefe dos Escoteiros na Índia, naturalmente mantive um vivo interesse no seu bem -estar e no progresso da Associação Escoteira. Ninguém duvidava que este Movimento tivesse grandes possibilidades, mas me parece que poucas pessoas, mesmo entre seus mais entusiásticos apoiadores, poderiam antever o sucesso e a pr oeminência alcançada por ele em todo o Império Britânico, até nos domínios mais distantes, e particularmente no tocante ao devotado, leal e valoroso serviço que nossos Escoteiros prestaram à sua Pátria durante a Grande Guerra.
>
> Não se pode deixar de percebe r o enorme valor desta organização. Podemos, de fato, ter orgulho de nosso passado, de nossas gloriosas tradições, e do que nossas forças combatentes fizeram por nós; m as é da geração futura que dependerá o porvir do nosso grande Império. Em suas mãos repo usa a preservação daqueles nobres ideais pelos quais a nação, de boa vontade, fez os maiores sacrifícios.
>
> Entretanto, é dever da atual geração garantir que nossos rapaz es sejam educados para as responsabilidades que os esperam, e é aqui que a Organização E scoteira está desempenhando um

trabalho de importância nacional de longo alcance. Basta ver uma formatura de Escoteiros para perceber o efeito do seu treinamento no desenvolvimento das qualidades de empenho, pragmatismo, prontidão e cavalheirismo, todas elas essenciais tanto ao soldado quanto ao cidadão. E é um corolário natural que elas propiciem aos jovens um verdadeiro interesse na vida, e uma determinação para prepar ar-se para os papéis que eles estão destinados a assumir em nossos desafios nacionais do futuro.

Para os garotos propriamente ditos, eu recomendaria o lema de sua organização como um dos seus princípios norteadores na vida. Neste registro de Escoteiros e Escotistas, os autores tornaram manifesta a bela reputação que procuram preservar, e confio em que permanecerão determinados pelo resto da vida a manterem esses elevados padrões.

Assina: W. R. Birdwood

PLUMER, O POLIDO

(Membro do Conselho da Sede Central)

Um General que não cometia erros

Sir Herbert Plumer [34], recentemente promovido a Marechal-de-Campo [1919], é um dos mais brilhantes soldados do Exército. Foi quem tomou a Crista de Messines [35], ò o maior estouroó da g u se tem descrito.

---

[34] Herbert Plumer (1857-1932). Ingressou no Exército na mesma ocasião em que Baden-Powell (setembro de 1876), mas cursou Sandhurst na Arma de Infantaria. Comandou a Coluna de Socorro na rebelião dos Matabeles, a mesma em que Baden-Powell atuou em missões de reconhecimento. Constituiu a Polícia Montada da Rodésia do Sul. Por ocasião do cerco de Mafeking, comandou uma coluna que dava cobertura à fronteira da Bechuanalândia com o Transvaal, protegendo indiretamente Mafeking contra reforços bôeres. Comandou o V Corpo na Segunda Batalha de Ypres (abril de 1915, primeira na qual foi usado gás na Frente Ocidental), e o Segundo Exército Britânico a partir de maio seguinte, em substituição a Horace Smith-Dorrien (Smith-Dorrien foi um dos poucos britânicos sobreviventes da batalha de Isandlwana, em 1879; apesar de um ano mais novo, era mais antigo que Plumer e combateu também na Guerra dos Bôeres e, quando comandou o II Corpo de Exército em 1914, conduziu com êxito os movimentos retrógrados em Mons e Le Cateau).

[35] Plumer obteve significativa vitória na Batalha de Messines (junho de 1917), que foi iniciada pela explosão de minas subterrâneas em túneis feitos pelos *Royal Engineers*, feito considerável; a grande

Seus registros militares, de fato, mostram uma firme carreira de sucesso. Desde o serviço no Sudão no início da década de 1880, passando pela Guerra Sul-africana [Anglo-Bôer, 1899-1902] até o dia de assinatura do Armistício [36], ele nunca cometeu um erro. No maior calor da batalha ele se mantém tão frio e imperturbável como se estivesse num desfile.

Em muitos lugares, esperava-se confiantemente que ele viesse a assumir o comando supremo das forças britânicas na França. Sem dúvida, teria sido uma promoção bastante popular.

Um General que diz "por favor"

A polidez e apuro na apresentação pessoal granjearam-lhe o apelido de *Dandy* [37] General. Ele usa um monóculo que dizem, não tira nem para dormir. Sempre dá seus comandos com um "por favor", e frequentemente "de nada", e, tanto subordinados quanto outros em posições de responsabilidade, nunca se esquece de elogiar um trabalho bem feito.

Durante o cerco de Mafeking, um projétil de Artilharia caiu próximo de seu cavalo, fazendo que o animal escoiceasse levantando uma nuvem de poeira. O então Coronel Plumer calmamente limpou a manga do uniforme e disse ao seu Assistente [usualmente, um Tenente ou Capitão] com a gentileza de ir até o oficial em comando da Artilharia e peça-lhe que tenha a bondade de silenciar aquela peça [38].

Os soldados das tropas coloniais confiam cegamente em Plumer, pois ele tem ligações consideráveis com eles. Na verdade, eles o têm em

---

[36] Armistício que pôs fim à Primeira Guerra Mundial, entrado em vigor às 11 horas de 11 de novembro de 1918. Em 1919, no primeiro aniversário do fim do conflito, 11 de novembro foi instituído como o Dia da Lembrança, Dia dos Veteranos de Guerra ou Dia do Soldado Desconhecido. Especialmente na Europa, é um dia em que se prestam homenagens aos combatentes mortos em todas as guerras, com a participação de chefes de Estado e de Governo. Ornamentam-se pessoas e lugares com réplicas de papoulas, instituídas como símbolo da Primeira Guerra Mundial por serem capazes de continuar a florescer mesmo nos revirados campos de batalha da Frente Ocidental.

[37] *Dandy*: janota, pessoa que tem muito cuidado no trajar e nas maneiras sociais. Em gíria inglesa, ά Y l· dzNJ ƛ Ŏ ƛ y K 2 ε Φ

[38] Peça: de Artilharia. Canhão, obuseiro, lançador de foguetes, morteiro ou metralhadora.

consider ação quase tão alta quanto o General Birdwood. Seu tato ao lidar com os coloniais pode ser ilustrado pela história a seguir.

Como ele lidou com um bêbado

Quando Plumer servia na África do Sul, um espécime particularmente du rão de soldado colonial tomou mai s bebida do que poderia lhe fazer bem e ficou louco de bêbado.

Circulando pelo campo, ele viu Plumer, muito bem apresentado, em pé diante de sua barraca, e ele meio correu, meio rolou, e atingiu o General violentamente no p eito.

Agredir um oficial em servi ço ativo é punível com a morte, mas tudo que o General disse ao soldado no que o embora! Ele está bêbado demais para ter a menor consciência do que fazó. E isso foi o m§ximo que ele deu de at

Ele viveu algumas experi ências divertidas, e uma vez quase foi morto por ser feiticeiro.

Numa de suas primeiras expedições na África, ele estava escovando os dentes no rio, e usou umas gotas de água de colônia para isso. O produto fez a água em qu e caiu ficar leitosa, e os nativos, nada sabendo sobre água de colônia, acusaram -no de envenenar a água por respirar sobre ela!

BULLDOG BEATTY

(Chefe dos Escoteiros do Mar)

Quando foi anunciado que o Almirante Sir David Beatty [39], K.C.B., M.V.O., D.S.O., ac eitara o posto de Chefe dos Escoteiros do Mar (Chief Sea Scout), os Escoteiros do Mar por todo o Império ficaram loucos de contentamento.

E não foi sem motivo. Sir David, durante a Grande Guerra, provou ser um marinheiro de primeira linha. Seu nome se torn ou

[39] Almirante Sir David Beatty (1871-1936). Comandou o 1º Esquadrão de Cruzadores de Batalha na Batalha da Jutlândia; sua atitude combativa foi muitas vezes contrastada com a cautela de seu comandante, Almirante Sir John Jellicoe.

familiar. Para os Escoteiros, talvez, ele seja especialmente querido, porque foi ele quem escreveu o despacho imortal que contou ao mundo da grandeza e da bravura de Jack Cornwell.

Sir David foi para o mar quando tinha treze anos de idade, e sua vida desde então foi cheia de aventuras. Ele subiu rapidamente a escada das promoções e da fama. Olhando para seu registro, vemos que em 1910, quando tinha 38 anos, ele foi promovido a Contra-Almirante, e não foi apenas o mais jovem Contra-Almirante de seu tempo, mas o da história, batendo até mesmo o recorde de Nelson de promoções rápidas.

É um homem de extraordinária energia e cheio de recursos, um marinheiro altamente qualificado e um mestre da tática, e um combatente corajoso, como o testemunham os homens que servir am sob seu comando. Quando navega rumo à batalha, ele o faz com o sentimento de que vai triunfar, e assim ele vai avante e tudo ó. nos deixou estupefatos. Foi no Sudão, em 1896-97, que Sir David teve sua primeira experiência de combate.

Ele era o imediato (segundo em comando) da flotilha de canhoneiras da Expedição do Nilo de Lord Kitchener, que subiu o rio e usou com eficácia suas armas contra os mahdistas[40] ao longo das margens. Aproximando-se das baterias dos dervixes em Hafir, Beatty estava conduzindo um engajamento com seu barco quando o Comandante Colville foi ferido.

Beatty então assumiu o comando, e lançou a flotilha para cima das baterias, desmantelou-as e então prosseguiu rumo a Dongola. Lá,

---

[40] Rebelião dos Dervixes, no Sudão, que teve como líder Muhammad Ahmed, tido como o Mahdi (Guia). A rebelião começou em 1881. O governador Charles Gordon resistiu em Khartum, sitiada, até ser morto quando a cidade foi tomada de assalto, em 1885. O então Major Kitchener integrou a expedição comandada por Sir Garnet Wolseley, que tentou resgatá-lo, mas não chegou a tempo. Em 1896-97, Kitchener era o Comandante-em-chefe do Exército egípcio, e, com forças egípcias e britânicas, conduziu a campanha que levou à derrota final dos mahdistas. Nesta etapa, os eventos mais marcantes foram a batalha de Omdurman (2 de setembro de 1898), da qual também participou um certo Tenente Winston Churchill, e a batalha de Umm Diwaykarat (25 de novembro de 1899), na qual foi morto o líder dos

ele comandou sozinho e, desmontando os canhões, abriu caminho para os transportes, continuando a martelar o inimigo.

Por esta ação lhe foi conferida a D.S.O.

No Levante dos Boxers em 1900[41], foi-lhe dada outra chance de distinguir-se, curiosamente pelo fato de seu oficial comandante mais uma vez ter sido posto fora de combate. Beatty saltou para dentro da brecha e conduziu seus homens à vitória. Após esse feito, ele foi promovido ao posto de Capitão-de-Mar-e-Guerra.

As atividades de Beatty na Grande Guerra são bem conhecidas. Quem poderia esquecer a batalha da Jutlândia, Heligoland Bight, Dogger Bank e outros feitos[42]?

Com aquela habilidade consumada conduziu-se a Batalha da Jutlândia, e se não fosse pela interferência da Natureza com o nevoeiro, o audacioso plano de destruição de Beatty teria sido um magnífico sucesso. Seu esquadrão de cruzadores teria retido a Esquadra Alemã à sua mercê até que os encouraçados de Sir John Jellicoe chegassem. Mas o nevoeiro e a perda da luminosidade possibilitaram ao inimigo esgueirar-se para a segurança do canal de Kiel.

Mas a Esquadra Alemã foi, afinal, forçada a sair. No memorável dia da rendição, Beatty, discursando para seus homens, sempre disse que eles haveriam de sair "apesar de não ser num pedaço de cordão"[43].

---

[41] O Levante dos Boxers foi uma rebelião na China, liderada por uma sociedade secreta chinesa contra a crescente predominância ocidental na política e economia do país, e que foi esmagada pelas potências ocidentais.

[42] Heligoland Bight foi a primeira batalha naval da Grande Guerra, travada em 28 de agosto de 1914, na qual os britânicos tiveram avariados um cruzador ligeiro e três contratorpedeiros, e os alemães tiveram três cruzadores ligeiros, um contratorpedeiro e dois contratorpedeiros afundados, além de três cruzadores ligeiros e três contratorpedeiros avariados. A batalha naval de Dogger Bank ocorreu em 24 de janeiro de 1915; nessa ocasião, a esquadra britânica emboscou e perseguiu uma frota alemã; os britânicos tiveram um cruzador de batalha e um contratorpedeiro seriamente avariados, e os alemães tiveram um cruzador de batalha afundado e outro seriamente avariado. A Batalha da Jutlândia, em 31 de maio de 1916, foi a maior batalha naval da Grande Guerra.

[43] Como numa fieira de peixes.

Comentando sobre a rendição, o Almirante disse: ò Era uma vi triste ð na verdade, horrível ð a daqueles grandes navios seguindo um cruzador ligeiro britânico e sendo pastoreados como um rebanho de ovelhas por nossa Grande Esquadra. Esperávamos que eles tivessem a coragem que buscávamos naqueles cujo trabalho é sobre grandes águas; esperávamos que eles fizessem alguma coisa pela honra de seu país; e tenho certeza de que os flancos deste bravo velho navio, que já foram bem surrados no passado, devem ter doído, como me doeu e doeu em você, por dar-lhes outro gosto do que intentávamos para eles. Mas direi que seu fim humilhante era um fim certo e apropriado para um inimigo que se provou tão falto de cavalheirismo. No mar, sua estratégia, suas táticas e seu comportamento estiveram abaixo da crítica, e valendo tanto quanto uma nação que conduziu uma guerra da maneira como o inimigo o fezó.

E agora, para concluir, adicionarei uma história típica desse grande Almirante.

Na segunda noite da conferência do armistício, a bordo do *Queen Elizabeth*, o Almirante alemão, Von Meurer, apresentou um documento em pergaminho em letras góticas, elaborado pelo Soviete Naval de Kiel, e solicitou a Beatty que o assinasse. Este, como sempre fazia quando inquirido diretamente pelo alemão, virou-se inquisitivamente para seu intérprete, pedindo-lhe que o traduzisse. Dizia:

ò Eu, abaixo, solenemente prometo que todos os tripulantes alemães de submarinos ou navios de superfície encaminhados a portos britânicos para internação serão preservados de maus tratos em toda a sua jornada de prisioneirosó.

Um espaço fora deixado embaixo, para que Sir David assinasse.

ò Dê-me isso!ó, ele ordenou, quase arrancando o intérprete; então, rasgando-o ao meio e lançando os pedaços na cesta de papéis, disse, na sua maneira mordaz e incisiva: ò Diga que estes homens estão sendo levados à Inglaterra. É tudo quanto há a dizer sobre issoó.

Será de se espantar, então, que Escoteiros do Mar em todo o Império tenham acolhido tão entusiasticamente Sir David como seu Chefe? E talvez algum dia, à luz de um fogo de campo ou na cabine de um navio, esses garotos ouvirão serem recontados os feitos de nossa Silente Marinha na maior e mais terrível das guerras pelo próprio grande Almirante.

CAPÍTULO III

HERÓIS ESCOTEIROS DO EXÉRCITO

GAITEIRO DAVID LAIDLAW [44], V.C.

(Kingõs Scottish Borderers; Chefe Assistente na 1ª Tropa de Alnwick)

Loos[45]! Que histórias eletrizantes esse nome evoca! Mas talvez nenhuma mais emocionante e romântica que a do bravo gaiteiro escocês, que soube como agitar o coração de seus compatriotas e incitá-los à vitória.

O manto da noite descera sobre o mundo. Para o resto da humanidade era a hora de dormir e repousar. Mas para os nossos rapazes era a hora de vigília. Ao redor de cada fogueira ouvia-se fervilhar nas trincheiras. Equipes de trabalho põem-se em ação, consertando os parapeitos que ruíram durante o dia. Figuras furtivas esgueiram-se para fora, para trazer os mortos. Outros põem-se em marcha, de pá ao ombro, para cavar a sepultura de um camarada, e pensar, a cada pazada de terra que erguem, que estão cavando a sepultura de um camarada. Amanhã poderão estejam cavando a minha sepultura; posso ter ido para o Oeste [46], onde não haverá mais fadigas nem dor.

Havia movimento nas trincheiras alemãs, também. Equipes saíam carregando rações, buscando água, lançando barreiras de arame farpado. Não deveriam trabalhar em paz enquanto a nossa Artilharia estava de olho! Os projéteis vindos lá de trás das trincheiras zumbiram por cima

---

[44] Outras fontes dão como Daniel Laidlaw.

[45] Na verdade, em Loos, foram os britânicos que usaram gás, na batalha iniciada com o ataque de 25 de setembro de 1915. Lançaram gás mostarda; devido à mudança do vento, parte da nuvem de gás voltou sobre a posição da 15ª Divisão (Escocesa). A batalha, que marcou o primeiro uso de gás pelos britânicos na guerra, durou até 14 de outubro. Apesar de se haver conquistado a cidade de Loos, não foi possível sobrepujar a segunda linha de defesa alemã, e o impasse continuou.

[46] Ir para o Oeste: morrer. A mitologia celta tinha a crença de que as almas dos mortos iam para o oeste, do outro lado do mar, onde não havia tristezas nem canseiras, *breasail Bhéasa*, donde vem o nome Hy Brazil, a terra da bem-aventurança.

de nossas cabeças, um após outro, seu som diminuindo cada vez mais, até que o rugido de sua explosão enchia o ar e fazia a terra saltar sob seus pés. Os canhões alemães trovejavam em retribuição. E assim passou a noite.

Por fim, o leste começou a em palidecer. A luz cinzenta da madrugada arrastava -se para cobrir o céu. Os homens estavam cansadíssi mos; mas com o dia veio a esperança de um pouco de descanso. De instante a instante a claridade aumentava; já era possível distinguir novamente o contorno da s trincheiras alemãs. O dia mal acabara de clarear quando nossos homens tiveram uma visão que os encheu de horror. Por cima da linha escura que mostrava as posições inimigas, veio pairando uma longa e baixa nuvem de vapor esverdeado.

ò G § s ó ! A p avisarra a por u m após o outro. Todos sabiam o que isso significava, apesar de ser a primeira vez que eles o experimentavam. Mas, felizmente, os vapores venenosos tinham ainda uma distância razoável a percorrer e já haviam perdido boa parte de sua intensidade até atingir as linhas britânicas. Ainda assim, tiveram um efeito marcante sobre os homens, pois al ém de irritar os olhos e o nariz, veio sobre eles uma estranha estupefação : eles ficaram parados, capazes mas sem fazer qualquer tipo de esforço.

Foi então q ue veio a ordem de atacar.

Os homens estavam atordoados demais para entender o comando. Ninguém se mexeu. Então, um homem, com grande esforço de vontade, levantou -se do efeito dos gases. Ele começou a perceber que de uma maneira ou outra os homens precisav am transpor o parapeito. Esse homem era um Escoteiro, e tinha duas características do verdadeiro Es coteiro ð o hábito da pronta obediência e o descaso com sua própria proteção.

ò V a m o s l § , c a r a s ó , g r i t o u e l e , e p u l o u p
ninguém o se guiu ð o efeito do gás os mantivera estuporados, de modo que não conseguiam entender o que se queri a deles.

Por um momento, Laidlaw ficou indeciso. O que deveria fazer? Seria inútil um homem avançar sozinho. Deveria ele voltar para dentro da trincheira? Mas com a criatividade de um Escoteiro, ele teve uma ideia. Ele sabia o que poderia instigar os *Jocks*[47] à ação, e despertar neles novamente o espírito combativo. O guincho da gaita de foles agitara o sangue dos escoceses por incontáveis gerações.

Prendendo sua gaita em posição, ele começou a marchar para lá e para cá no topo da trincheira, e a melodia de *The Braes of Mar* encheu o ar.

Para os hunos[48], distantes umas 80 jardas, aquela figura que marchava com o *kilt*[49] balançando e o som esquisito e pouco familiar da gaita de foles deve ter parecido quase surreal. Mas no momento seguinte o fogo foi dirigido sobre ele. As balas zumbiam ao redor, densas. Por que ele não foi atingido é algo além da compreensão humana. Como ele mesmo disse, "A Aldo Providência [illegible] poder protetor de Deus foi maior que o fogo mais mortífero dos atiradores germânicos. O trabalho desse homem ainda não estava concluído, e assim ele continuou a marchar de um Aldo para outro no topo da trincheira, a salvo. Cinco minutos se passaram, e por esse tempo todo a vibrante música continuou a tocar, falando ao coração dos escoceses nas trincheiras. Pouco a pouco eles foram despertando do estupor. Que significava, afinal, essa música? Para o que ela os chamava? Ao combate, claro, ao combate! Para correr à frente e arrancar o inimigo de suas posições com a impiedosa baioneta que ele aprendeu a tanto temer. Uma a uma, cabeças começaram a surgir

---

[47] Escoceses.

[48] Forma depreciativa de tratar os alemães, nas duas Guerras Mundiais. Outro apelido que lhes era dado [illegible]

[49] Saiote escocês. Os escoceses mantiveram o *kilt* como parte do seu uniforme de combate até 1915, continuando a usá-lo nos serviços de guarnição na retaguarda. Alguns autores dizem que os alemães apelidaram as unidades escocesas (a começar pelo regimento *Black Watch*) [illegible] *kilt* e de sua [illegible] agressividade em combate.

sobre o parapeito, e então, num lanço, os homens transpuseram o parapeito! A gaita fizera seu trabalho .

Assim que seu oficial comandante chegou ao seu lado, o triunfante gaiteiro atacou *Blue Bonnets ov er the Border* , e juntos eles lideraram a carga.

El e precisou de todo o fôlego para correr: mas fora a gaita de foles que juntara os homens, e era ela que precisava ajudá -los a encarar os hunos no combate aproximado.

E a música prosseguiu, incessante, selva gem, vibrante. Os homens estavam agora devidamente inspirados para a ação. Por sobre o parapeito e para as trincheiras alemãs eles se despejaram. Não havi a mercê para aqueles covardes que lançaram aquela nuvem de vapor verde. A limpeza da trincheira foi tr abalho rápido; e eles continuaram a lançar -se para adiante. A música inspiradora seguiu a conduzi -los, até que subitamente houve um estrondo, uma terrível explosão, e a valente gaita se aquietou.

O batalhão prosseguiu, pois o serviço precisava ser bem term inado. Não se devia dar quartel [50] aos hunos.

Os homens que haviam sido lançados ao chão pela explosão foram -se erguendo, um a um, sacudindo de si a terra. O intrépido gaiteiro olho ao redor , e logo viu o que procurava. Seu bravo jovem oficial, Tenente Young , jazia perto de si; mas, que lástima, ele recebera um ferimento mortal. O gaiteiro tentou levantar -se, mas seu tornozelo espatifado não o permitia. À sua volta, estavam vários de seus camaradas, mortos ou moribundos, e sua preciosa gaita também estava destruída e inútil.

Ao longe, ele podia ver a luta ainda em andamento. Com súbito horror veio -lhe o pensamento: e se nossos homens forem repelidos, e os huno s viessem ter ao local em que ele estava? E tremeu com a ideia.

---

[50] ά b ń ƨ Ř ŀ NJ lj dz ŀ NJ ű Ŝ f ɛ ă ƛ Ǝ ƴ ƛ Ŧ ƛ Ǒ ŀ ƴ ń ƨ Ŧ ŀ Î ŜNJ s LJNJ ƛ ă ƛ ƨ ƴ Ŝ ƛ NJ ƨ ă
garantias.

As horas se arrastaram. A tarde ia avançada. Será que o socorro nunca viria? Então, por fim, quando o cinzento crepúsculo começou a se espalhar, figuras escuras podiam ser vistas vindo desde as linhas britânicas.

Eram padioleiros! Que alívio em vê-los! Não demorou muito para que ele fosse transportado para trás, para o posto de socorro.

Foi enquanto ele estava na cama, no hospital, que lhe chegou a surpreendente notícia de que fora recomendado para a *Victoria Cross*.

Em seu retorno à Inglaterra, ele recebeu sua recompensa pelas mãos do Rei. Esta, e sua querida gaita, são agora seus maiores tesouros.

O gaiteiro David Laidlaw foi o primeiro Escoteiro a receber a *Victoria Cross*, mas não seria o último, como se verá mais adiante.

SEGUNDO-TENENTE GEORGE EDWARD GATES, V.C.

(Rifle Brigade, A. S. M[51].; 2ª Tropa de Wimbledon)

A história de como este valente e jovem oficial conquistou sua *Victoria Cross* é bem curta, mas tem em si todo o heroísmo e autossacrifício de que um homem é capaz: dar que aquele que dá a vida por seus amigos[52]. Não houve atribuição excitante, nem aventura, nem exigência de destreza, nem chance de obter fama e glória. Foi apenas a chance de fazer uma boa ação para seus homens que veio em seu caminho e, como um verdadeiro Escoteiro, ele a tomou, mesmo sabendo que lhe custaria a vida.

O Tenente Gates estava no comando de uma equipe empenhada no aprofundamento de um a trincheira capturada. Como todo bom Escoteiro, ele estava pronto para pôr a mão na massa junto com seus homens, tanto quanto para comandá-los. Enfiando sua pá profundamente e lançando para cima uma grande quantidade de terra,

[51] Não foi possível identificar o significado.

[52] Evangelho de João, 15, 13.

ele expôs ao olhar horrorizado dos presentes uma granada de mão enterrada, cujo retardo começou imediatamente a queimar[53].

Em poucos segundos ela ia explodir. Não havia tempo para fazer nada, nem para se afastar. Naquele espaço confinado, a equipe seria feita em pedaços. Seus homens tinham de ser salvos – foi o pensamento que passou pela cabeça desse verdadeiro Escoteiro. Pondo seu pé sobre a granada, ele a pisou para dentro da terra solta do fundo da trincheira. Ela então explodiu, matando-o, mas sem causar dano aos demais. Assim passou um herói para junto Daquele que primeiro deu o exemplo do supremo autossacrifício.

SEGUNDO-TENENTE REGINALD HAINE, V.C.

(H.A.C[54].; Monitor, Tropa de Petersham)

A história de como o Tenente Haine conquistou a Victoria Cross ao conseguir o que parecia ser impossível lembra uma famosa observação do Marechal Foch: "Uma batalha que não se ganha, é uma batalha que se perde". Isto é a filosofia da guerra, uma crença que o espírito do líder pode levar seus homens através de praticamente qualquer situação e frequentemente alcançar o que se dizia impossível.

Nossas tropas estavam ocupando um pronunciado saliente, e o inimigo repetidamente contra-atacava.

Nossos homens resistiam aos ataques esplendidamente, mas logo ficou claro que se o inimigo obtivesse êxito em algum deles, a guarnição do saliente ficaria cercada.

O Tenente Haine, percebendo que a mera resistência passiva não aguentaria por muito tempo, organizou seis ataques com granadas, e

---

[53] Quando se retira o grampo de segurança de uma granada de mão, um percussor dá início à queima do retardo, que leva normalmente de três a cinco segundos, quando então o detonador deflagra a carga principal e ela explode.

[54] *The Honourable Artillery Company*, unidade criada em 1537; na verdade a palavra *Artillery* em seu nome referese a armas de fogo; a unidade é predominantemente de Infantaria, e destina prioritariamente à Defesa Territorial. O regimento que atualmente a compõe é parte da Reserva do Exército Britânico.

liderou -os ele próprio com a maior intrepidez. Esses ataques foram dirigidos contra um ponto -forte que ameaçava perigosamente nossas comunicações. O Tenente Haine foi bem -sucedido na captura dessa posição, com cinquenta prision eiros e duas metralhadoras.

Percebendo a importância desse ousado movimento por parte dos britânicos, os alemães decidiram não poupar esforços para reconquistar a posição. Trazendo um batalhão da famosa Guarda, eles contra -atacaram e obtiveram êxito. A sit uação agora parecia crítica. A maioria dos homens teria perdido a esperança, mas não o indômito Escoteiro. Construindo um bloqueio em sua trincheira, ele determinou -se a resistir até o fim. De novo e de novo, por toda aquela terrível noite, os hunos atacar am, mas sem resultado. Por fim, o dia amanheceu, mas o espírito daquela pequena guarnição permanecia inquebrantável. Foi então que o Tenente Haine inspirou seus homens a tentar o aparentemente impossível. Iriam, eles mesmos, atacar o Fritz em seu ponto mai s forte!

Reorganizando seus homens, ele os liderou na transposição do parapeito e avançando para cima dos atônitos germânicos. Em pouco tempo, o ponto -forte fora tomado, e o inimigo estava em fuga. Mantendo a pressão sobre os alemães por mais algumas cente nas de metros, a brava pequena equipe foi bem -sucedida em aliviar a situação.

Ass i m d i z u m t e x t o o f i c i a l : ò N e s s a s o p e r
desse oficial, sua rápida decisão e sólido julgamento ficaram acima de qualquer elogio, e foi seu esplêndido exem plo pessoal que inspirou seus homens a manter o esforço durante mais de trinta h oras de combate
c o n t ² n u o ó .

MAJOR A. M. TOYE, V.C., M.C.

(2º Middlesex Regiment; Monitor, 2ª Tropa de Aldershot)

ôNão largue mão ó ® u m d o s l e m a s f a v o r i t º o s d o s
Tenente Toye (tal era seu posto ao tempo em que os fatos ocorreram) mostrou aos hunos o que um lema assim pode significar.

O Ten Toye estava no comando de um posto numa cabeça-de-ponte. O inimigo, atacando em grande força, conseguiu capturar sua trincheira. Mas o Ten Toye decidira aferrar-se àquela cabeça-de-ponte, e não demorou muito para que ele restabelecesse uma posição. Esta também foi capturada pelo boche[55], mas o perseverante Escoteiro estabeleceu um terceiro posto, com o qual sucedeu o mesmo.

Considerando que seus três postos haviam sido cortados, e que a ponte estava em risco iminente de cair em mãos inimigas, o Ten Toye fez seu último movimento. Abrindo caminho combatendo no meio das hostes inimigas, acompanhado apenas por outro oficial e seis praças, bem nesse momento ele encontrou setenta homens do batalhão que se posicionava à sua esquerda, retirando-se. Ele os juntou e, inspirando-os com seu indômito espírito e temerária coragem, contra-atacou.

Foi demais para os boches. Um inimigo que se aferrava às posições daquela forma era mais do que eles podiam lidar. Conquistando sua nova linha de defesa, o Ten Toye determinou-se a mantê-la até a chegada de reforços, e ele conseguiu fazê-lo. Sem essa ação, a defesa da ponte teria sido esmagada.

Depois fez-se necessário que as tropas do flanco esquerdo do batalhão recuassem. Foi um retraimento cheio de perigos. Entretanto, graças à sua extraordinária coragem, o Ten Toye tornou-o possível. Com uma equipe de combatentes do batalhão, ele pressionou contra o inimigo na aldeia, atirando neles nas ruas, dando assim cobertura ao retraimento do flanco esquerdo do batalhão. Ele foi ferido duas vezes em dez dias, mas permaneceu no serviço.

SOLDADO R. E. CRUIKSHANK, V.C.

(London Scottish Regiment; 53ª Tropa do Norte de Londres)

O que significa dizer que um homem está sempre Escoteiro aó? Bem, por toda a vida, mesmo nas tarefas

[55] Forma pejorativa de dirigir-se aos alemães.

comuns e enfadonhas do dia, ele mostra espírito cavalheiresco em sempre estar pronto para cumprir o trabalho, ainda que chato, difíci l ou perigoso, de modo a poupar a outros o dissabor de fazê -lo; e ao fazer isso, mostrar tal animação e contentamento que as pessoas cheguem a pensar que aquele deve ser o trabalho de que ele mais gosta acima de todos os outros! Se a tarefa é longa e irrit ante, o homem com espírito Escoteiro mostra paciência; e se é dura e quase impossível, ele mostra coragem e perseverança, apesar do muito que lhe possa custar. E passando assim por cada dia ordinário, ele começa a adquirir certos hábitos ðe hábitos são as sementinhas que, quando crescem, florescem no caráter. O caráter de um homem é o que o faz agir desta ou daquela maneira no momento em que não há tempo para pensar e pesar as consequências. O tempo de testar um Escoteiro é nos momentos de emergência.

Tent emos retratar a cena nós mesmos ðuma cena chocante ðem que um homem elevou o espírito Escoteiro a tão gloriosas alturas.

Um pelotão do London Scottish achou -se numa terrificante, confusa posição. De onde um momento antes tudo parecia quieto e tranquilo, subitamente rompeu um ruído como a liberação de uma gargalhada sarcástica. Uma metralhadora varria as linhas fazendo os homens caírem de cara no chão, uma massa de ferimentos de bala. Quase tão rapidamente vieram os tiros de fuzil. É como fic ar de pé no meio de um enxame de vespas furiosas, só que a ferroada joga você ao chão, indefeso; ou talvez signifique uma grande escuridão e silêncio, e a v o z d e u m c a m a r a d a d i z e n d o : ò E l e p a r t i u p a r

Nessa súbita tempestade de fogo, não havia nad a a fazer a nã o ser ir para o fundo de um *wadi* [56]. Escorregando, escalando, os homens desciam pela vertente, muitos caindo antes de atingir o fundo. Entre os tombados estava o oficial no comando do pelotão. O sargento que assumiu o comando mandou um mensagei ro para o Posto de Comando (PC) da Companhia a f im de pedir apoio. Mas, mal acabara de enviá -lo,

[56] [Ŝ ƛ ű ƨ ă Ŝ Ŏ ƨ Ř Ŝ ŎdzNJ ă ƨ Ř Ω ł ∃ dz l· ű Ŝ Y LJ ƨ NJ ł NJ ƛ ƨ T ∃ Ŝ NJ l· f Y Ŝ y ű Ŝ Σ

ele caiu, mortalmente ferido. O cabo também fora morto, e agora o anspeçada [57] assumiu o comando.

Era preciso comunicar-se com o PC da Companhia. O anspeçada tinha certeza de que o primeiro mensageiro tinha sido morto. Pediu, então, um voluntário para levar a mensagem. Foi um Escoteiro que respondeu. Sem hesitar por um momento, ele correu pelo aclive. Logo veio uma bala, e ele se encontrou rolando de volta para o fundo do *wadi*. Mas, graças a Deus, ele não ficara incapacitado; ainda podia cumprir a missão. Reunindo toda sua força, ele fez outra tentativa desesperada de alcançar o topo, mas outra bala o fez descer rolando, empoeirado e manchado de sangue.

Abalado, confuso, mas impaciente por levar avante a missão, ele esperou que lhe aplicassem o curativo de campanha e lançou-se novamente ao aclive. Mas por uma terceira vez o atirador alemão o atingiu, e agora com gravidade. Dando jeito de rolar de volta para o *wadi*, ele foi obrigado a deitar-se quieto e desistir da empreitada. Não havia coberta para onde ele pudesse ir. Enquanto estava ali deitado, um *sniper* alemão feriu-o mais uma vez. Mas, como um bom Escoteiro, ele ainda sorria, e dele não escapou nem uma palavra de medo ou queixa. Quando, por fim, veio o socorro, o ferido foi retirado, desgastado e fraco no corpo, mas com seu espírito Escoteiro totalmente íntegro.

SEGNDO-TENENTE JOHN MANSON CRAIG, V.C.

(Royal Scots Fusiliers; Escoteiro, 5ª Tropa de Perthshire)

O espírito Escoteiro é algo grande e nobre, mesmo nas tarefas simples e aborrecidas do cotidiano. Mas quando, por fim, aparece um momento tremendo, e o Escoteiro age com toda a simplicidade em conformidade com seu espírito Escoteiro, de repente aquilo se torna um feito glorioso que todo o mundo aclama. Para o Escoteiro, é apenas o velho espírito que rege os seus dias desde que ele fez a Promessa. Ele se

[57] Graduação entre o soldado e o cabo. Pode-se considerar equivalente ao Soldado de 1ª Classe.

admira que as pessoas façam tanta agitação por causa disso. Ele não se dá conta de ter elevado a ação às en solaradas alturas do heroísmo, e que, em reconhecimento por isso, seu Rei lhe entreg ue a mais elevada recompensa, a *Victoria Cross* .

A história de como o Ten Craig conquistou a maior das distinções militares é um exemplo desse espírito. Sua ação começou com aquela caracterísi ca do autêntico Escoteiro, pronta ação no cumprimento do dever, sem consideração quanto ao perigo pessoal ou desconforto, e terminou com aquela outra e muito humana característica Escoteira, o intenso desejo de prestar assistência àquel es em necessidade ð o i n s t i n t o d a ð não importando o que aconteça a si próprio.

O Ten Craig era o oficial encarregado de um posto avançado. Inesperadamente, um grande grupo de alemães invadiu o posto. Uma dura luta se seguiu, durante a qual uma quantidade considerá vel dos nossos homens foi morta ou ferida.

Por mais sem esperança que parecesse a situação, o jovem oficial foi destemido. Reunindo os homens que restaram, ele foi bem -sucedido em empurrar os germânicos de volta às suas trincheiras, atr avés do terreno revi rado.

Mas o trabalho do Ten Craig ainda não estava terminado: o primeiro pensamento de um Escoteiro, quando a missão tenha sido cumprida, é para aqueles que sofreram na luta e necessitam de socorro. Com a ajuda de sua equipe de resgate, ele se pôs a trabal har carregando os mortos e feridos para dentro da posição. Muitos dos rapazes haviam caído em terreno aberto, e quando seus bravos resgatadores os alcançavam, soava de todo lado o silvo e o *ping* das balas de fuzil, e às vezes o cruel ma traquear duma metral hadora. Que qualquer dos resgatadores escapasse com vida já seria espantoso. Não demorou muito para que um graduado fosse atingido. Um oficial médico foi em seu auxílio, apenas para ser ele próprio ferido seriamente. Vendo o que acontec ia, o Ten Craig imed iatamente foi até eles e, pondo nas

costas o graduado ferido, correu com ele de volta para a pobre proteção da trincheira.

Voltando a toda velocidade, ele se preparava para fazer o mesmo por seu companheiro oficial, quando uma bala alem ã o atingiu. Entreta nto, não era um ferimento fatal e, a despeito da dor e do grande desconforto que lhe causava, ele não quis saber de de sistir de sua tarefa. Com grande perseverança, ele logrou êxito em resgatar também o oficial médico.

Enquanto isso, o inimigo era igualmen te perseverante em fazer quanto estivesse ao seu alcance para molestar a destemida pequena equipe em sua tarefa de prestar assistência aos caídos. Ao fogo de fuzil e metralhadora, vieram somar -se o *shrapnel* [58] e o alto -explosivo. Parecia que os feridos estavam destinados a morrer onde estavam. Mas, enquanto teve forças, o Ten Craig determinou -se a não se poupar enquanto uma única vida humana restasse por ser salva. Com total desprezo por sua segurança pessoal, sob completa observação do inimigo, e a curta distância, ele escavou proteções para os feridos. Graças a essa ação, suas vidas foram salvas e o seu resgate, mais tarde, pôde se efetuar.

Essa não foi a primeira vez que o Ten Craig provou o valor de um autêntico Escoteiro. "Em primeira instância, diz o oficial, este se comportou com notável bravura, retendo um excepcional exemplo de coragem e criativida

Todo Escoteiro há de sentir -se feliz e orgulhoso por um de seus irmãos ter mer ecido a V.C. de uma forma que tão verdadeiramente se encaixa a um membro da nossa Grande Fraternidade.

TENENTE -CORONEL DIMMER , V.C. , M.C.

(Royal Berkshire Regiment; Escotista, Southend)

[58] Metralha. Projétil de fragmentação. O alto-explosivo destrói pelo deslocamento de ar (sopro, concussão), a metralha causa baixas pela emissão de fragmentos.

Foi naqueles terríveis primeiros meses de guerra que o Ten Cel Dimmer (à época, Ten Dimmer) conquistou a *Victoria Cross* – a primeira a ser concedida pelo serviço em Flandres. É uma história para agitar o coração de todo Escoteiro e ajudá-lo nos momentos difíceis, quando o 8º artigo da Lei Escoteira parece muito difícil de obedecer: sorrir e continuar adiante.

Foi em Klein Zillebeke [59], em 12 de novembro de 1914. A famosa Guarda Prussiana se lançava, fileira após fileira, contra as linhas inglesas. Os alemães estavam determinados a obter a ruptura. Com uivos, os obuses vinham cair sobre nossas trincheiras, matando nossos homens aos punhados.

O Ten Dimmer estava no comando de quatro metralhadoras [60] Maxim [61]. Suas ordens eram para fazer tudo que pudesse para bloquear o avanço dos germânicos. Todavia, não demorou muito para que três de suas armas viessem a ser desmanteladas pela ação do inimigo. Com seus três homens restantes, ele se resolveu a usar sua quarta metralhadora de uma forma que os alemães jamais esqueceriam.

Então, ele recebeu um fragmento de metralha em cheio no rosto. Cambaleando para trás, ele teria desmaiado, se seus homens não o tivessem apoiado e lhe dado a beber da sua garrafinha de *brandy*.

Recobrando-se e não dando atenção à dor de seus ferimentos, o Ten Dimmer continuou a dar ordens. Os alemães vinham avançando

---

[59] Localidade situada no que ficaria conhecido como o Saliente de Ypres.

[60] Uma Seção de Metralhadoras de um Batalhão de Infantaria era constituída por quatro peças. Cada peça, por sua vez, era guarnecida por três homens, um atirador/chefe de peça e dois serventes. O comandante era um oficial subalterno.

[61] Praticamente todas as metralhadoras usadas na Primeira Guerra Mundial usavam o sistema Maxim, desenvolvido pelo norte-americano Hiram Maxim. Por esse sistema, parte dos gases da explosão do cartucho é usada para empurrar o ferrolho para trás, fazendo o estojo usado ser ejetado, apresentar um novo cartucho e, por ação da mola recuperadora, o ferrolho avança, carregando um novo cartucho para ser disparado. É o que predomina nas metralhadoras modernas. A alternativa é o sistema Gatling, de vários canos dispostos ao redor de um eixo. É imprimido um movimento de rotação, e eles vão, cada um por sua vez, disparando ao passar diante do percussor, e no trajeto do giro ocorre a ejeção do estojo usado e o carregamento do novo cartucho.

em formação cerrada e, quando o fogo mortal da Maxim foi dirigido contra eles, literalmente ceifou-os às fileiras. Eles não tinham como abrir caminho contra o fogo contínuo e, ainda assim, quando uma fileira vinha abaixo, outra fileira cinzenta, severa tomava seu lugar, com as reluzentes baionetas movendo-se à frente, sedentas pelo sangue britânico.

Então, um estrondo: terra lançada ao ar, madeira, pedaços de metal. Assim que foi possível voltar a enxergar, o oficial encontrou-se sozinho – seus três bravos homens jaziam com o rosto para baixo, mortos. Mais dois projéteis de metralha feriram o Ten Dimmer, desta vez no ombro. Mal lhe restavam forças – pareceu-lhe que o fim estava bem próximo. A única coisa a fazer era continuar... continuar. Enquanto tivesse forças, ele continuaria a repelir aquelas severas, persistentes fileiras.

Engolindo o que restava do *brandy*, ele cambaleou para a frente, e começou a fazer funcionar a Maxim. Usou três cintas de munição de 300 cartuchos cada, e então caiu, inconsciente.

Parecia-lhe que era o fim; ele havia encarado o amargor da morte. Mas não era para ser assim. Os alemães não conseguiram fazer a ruptura. O Ten Dimmer foi apanhado pelos padioleiros e conduzido de volta à segurança.

A promoção do bravo V.C. veio depress
ele alcançar a o posto de Major. Foi por essa época que ele passou alguns meses em Southend, onde partilhou, com seus conterrâneos, os horrores das incursões dos zeppelins [62].

Depois, ele recebeu uma designação para o Corpo de Metralhadoras (*Machine Gun Corps, MGC*), e depois foi transferido para

[62] Antes de desenvolverem aviões bombardeiros com autonomia suficiente para chegar à Grã-Bretanha, os alemães usaram dirigíveis para os reides contra as cidades inglesas. Os dirigíveis receberam a alcunha [illegible] guerra, os dirigíveis de transporte de passageiros *Graf Zeppelin* e *Hindenburg* foram os mais famosos exemplares. O desastre do *Hindenburg* em 1937 pôs fim ao uso dos dirigíveis como transporte de passageiros.

o 60º Regimento de Fuzileiros, e ao ser promovido a Tenente-Coronel recebeu um comando no Royal Berkshire Regiment.

A carreira militar do Ten Cel Dimmer começou bem antes da Grande Guerra. Em 1902, ele se alistou no Rifles, e foi designado para a África do Sul. Sua carreira foi cheia de brilhantes sucessos e feitos heroicos. Em 1906, ele foi enviado à Bélgica e à Alemanha para estudar os métodos militares dessas nações.

Recebeu sua comissão como oficial em 1908, e foi especialmente selecionado pelo Escritório Colonial para trabalho na África, onde retornou em licença, poucos meses da guerra ser deflagrada. Ele acompanhou a primeira Força Expedicionária à França, e foi mencionado no primeiro despacho de Sir John French [63].

O Ten Cel Dimmer [64] foi um Escoteiro dedicado, e fez muito para ajudar os Escoteiros de Southend enquanto esteve na cidade.

CAPITÃO G. B. McKEAN, V.C., M.C., M.M.

(Chefe da Tropa Presbiteriana Robertson, Alberta, Canadá)

O Capitão George Burdon McKean, que possui a *Victoria Cross*, a *Military Cross* e a *Military Medal*, é um belo exemplar do garoto britânico canadanizado. Nasceu numa típica cidade provinciana, Bishop Auckland, em Durham, e foi para o Canadá adolescente, em 1902, para juntar-se a seu irmão que lá o precedera. Instalou-se em Edmonton, Alberta. Quando estourou a guerra, ele estudava na Universidade de Alberta, no terceiro ano do curso de Artes, com a pretensão de ingressar na carreira de professor. Aqueles que o conheciam melhor poderiam ter previsto com certeza uma brilhante carreira para ele como militar. Ele era um Escotista encarregado de uma Tropa ligada à Igreja Presbiteriana Robertson; jogava futebol (meia

[63] Primeiro comandante da Força Expedicionária Britânica (*British Expeditionary Force, BEF*). Substituído em 1916 por Sir Douglas Haig, que até então comandara o 1º Corpo de Exército da BEF.

[64] Nascido em 1883, foi morto em combate em Marteville, em 21 de março de 1918.

esquerda) pelo time da universidade, e era interessado em todos os esportes de ar l ivre.

Foi para a França como soldado com o 14º Batalhão, no começo de junho de 1916. Quando conquistou sua *Military Medal*, em Bully - Grenay, perto de Lens, tinha sido promovido a cabo, e foi recomendado para uma comissão como oficial. Esta lhe foi outorgad a em abril de 1917. A *Military Cross* ele obteve quando comandou uma patrulha em missão de reconhecimento, e nessa oca são foi ferido.

Quanto à conquista da *Victoria Cross*, deixaremos que o próprio Cap McKean conte a eletrizante aventura que resultou nessa honraria, pois ele já o fez em seu livro *Scouting thrills*, recordando dois anos de vida Escoteira no front.

Foi nos c ríticos dias de 1918 [65], nas terras ao redor de Arras, que a mais arrepiante d a s ò e m o - » e s ó d o C a p M c K e a n a c o n estava atacando, mas nossas autoridades decidiram por fazer um grande reide. Na preparação para ele, o Cap McKean teve mais de uma aventura, localizando postos avançados, bombardeando barreiras e espaldões de metralhadora, mas foi o que aconteceu na noite do avanço que vam os contar. Seus Escoteiros foram divididos, cada um seguindo com uma equipe de grandadeiros. McKean escolheu Pete ð um combatente inato, com quem partilhara mais de uma experiência no passado. Cuidadosamente, eles guiaram os homens para uma grande cratera e lá permaneceram aguardando pela hora certa.

Reinava uma enorme calma, escreveu o Cap McKean; era o período em que as atividades dos exércitos oponentes estavam em seu nível mais baixo. Exceto por um ocasional fogo de artifício [66], ninguém adivinharia que l egiões de homens armados se encaravam através

---

[65] Referência ao grande ataque alemão da primavera, desencadeado em 21 de março de 1918, que resultou em grandes perdas territoriais para os Aliados. Foi, no entanto, o esforço final dos alemães. De agosto em diante, foi a vez de os Aliados avançarem até a derrota da Alemanha.

[66] Os fogos de artifício podiam ser usados para sinalização, geralmente coloridos (verde, vermelho, branco) ou para iluminar trechos do campo de batalha.

daquela estreita faixa de terreno conhecida como terra -de-ninguém. Estava frio, e tremíamos um pouco por causa disso. Os homens ficaram lá deitados, bem quietinhos ð mal e mal respirando. Olhei para o meu relógio: estava na hora!

Subitamente, sem aviso, a assustadora e ameaçadora calmaria foi violentamente quebrada pelos uivos de centenas de projéteis. Era ensurdecedor, tremendo. Nosso bombardeamento tinha começado. A metralha se espalhava baixo e logo à nossa frente; podíamos ouvir o estampido e o espalhamento dos projéteis de metralha e o ensurdecedor rugido da deflagração do alto -explosivo. Miríades de luzes coloridas ð todas piscando suas mensagens ð eram lançadas ao ar das linhas inimigas, iluminando o céu. Para os neófitos, era terrificante, um abalo para os nervos. Eu sabia que alguns dos garotos eram novos nesse tipo de coisa, então eu ia rastejando no meio deles dizendo -lhes palavras tranquilizadoras.

ò Não se preocupem, rapazes, Vai tudo dar isso ® logo. Morrerão de medo quando nos virem chegando em cima deles

Fui, então, até Pete, que estava sentado na beirada de uma cratera, seus olhos brilhando de excitação no escuro, seus dedos nervosamente agarrando o revólver.

ò Ainda não ® hora, ó a, e sussurrou.

ò Ainda não, Pete. Só mais uns minutinhos

Por fim, os ponteiros luminosos do meu relógio me mostraram que estava na hora.

ò Muito bem, Pete, esteja -me para tudo. Então rapazes atrás, eu comandei: e ò Duzentos à frente, e assim fizeram. ò Vamos lá, Pete, vou com você ! Var e eu levantamo -nos juntos, de um salto. Vimos os hunos enfileirados esperando -nos à medida que avançávamos, cambaleantes, emaranhados no arame. De repente, houve alguma explosões cegantes logo aos nossos pés, e ouvimos o perverso ruído rascante da metralhadora bem em frente.

Pete agarrou meu braço e gritou: ò Me pe
mortalmente ferido. Eu me abaixei e peguei sua m« o. ò Te ac
feio, . Mas ele não respondeu. Já estava morto.

À minha volta, era tudo uma sucessão de explosões cegantes, e os homens gritando de dor. Aquela massa de arame farpado de cada lado da posição estava se mostrando uma barreira impenetrável. Corri um pouco para a direita, pus meus pensamentos em ordem, corri para a frente e dei um grande salto por cima do arame. Consegui aterrissar livre, cambaleei alguns passos à frente e lancei-me de cabeça em cima de um huno que estava alinhando seu fuzil na minha direção. Despenquei para o fundo de uma trincheira de uns 2 m de profundidade, com um huno surpreso debaixo de mim.

Ao aterrissar em cima do tedesco, meu capacete de aço desceu batendo-me no rosto, e a borda de sua aba cortou a ponta de meu nariz. Ao mesmo tempo, vi milhares de luzes dançantes. A jugular do meu capacete estava na parte de trás de minha cabeça [67], então agora o capacete estava pendurado na frente do meu rosto. Deitei-me respirando pesadamente, com meu cotovelo direito enfiado no estômago do alemão debaixo de mim, que estava engasgando ð eu lhe tirara o ar com a pancada [68]. Eu ainda mantinha meu revólver firmemente empunhado, com o dedo no gatilho. Espiei por cima da borda do meu capacete (ainda pendurado na frente do rosto) e vi a figura de um grande huno avançando animadamente para cima de mim, a ponta de sua baioneta a uns 70 cm da minha garganta. Prontamente puxei o gatilho: ele fez um som gorgolejante e caiu amontoado, seu fuzil com baioneta batendo no chão da trincheira.

O homem debaixo de mim, não há dúvida que desesperadamente assustado pelo estampido do revólver, violentamente voltou à vida e começou a tentar lançar seus braços à volta. Não era o momento para

---

[67] No capacete britânico, a jugular, em lugar de ser presa sob o queixo, era na parte de trás da cabeça.

[68] Uma pancada na altura do diafragma costuma produzir esse efeito.

discussões educadas, então eu apertei a boca do cano do revól ver em seu corpo e puxei o gatilho. P us-me de pé e arrumei o capacete na cabeça, na horinha em que outro huno vinha correndo para cima de mim. Mandei ver com o revólver; ele deu um uivo de dor, fez meia -volta e correu. Tendo uma grande crença no efeito des moralizante do barulho, corri atrás d ele, gritando. Havia alguns hunos naquela trincheira, e logo as granadas de mão começaram a voar. Eu tinha um par de granadas comigo, então comecei com as minhas. Mais granadas vieram, e eu tive de recuar um pouco para colocar-me fora de alcance [69]. Eu estav a começando a me sentir um pouco solitário e preocupado ð pois aquela metralhadora ainda estava atirando ð quando, por fim, um dos meus homens chegou a mim.

E u l h e d i s s e : u à D ° g r a n a d a s , r § p i d o ! E v §

Ele me entregou três granadas, eu c orri adiante e lancei-as, forçando os hunos a recuar acompanhando a trincheira. Eles voltaram, novamente, correndo em minha direção. Usei meu revólver com eficácia, e eles recuaram novam ente, justo quando o soldado que eu mandara buscar mais granadas chega va com mais algumas. Peguei duas, corri à frente e lancei-as, seguindo de perto com meu revólver. Fui dar de cara com seis hunos, atirei em dois deles e os restantes fizeram meia -volta e puseram as mãos ao alto. Poucos metros além, eu os vi puxando a metra lhadora. Mandei o homem atrás de mim vigiar os prisioneiros, e prossegui passando por eles, a tempo de ver os homens com a metralhadora desaparecerem dentro de um abrigo escavado. Pedi uma carga explosiva móvel e espere i. Levou uns dois ou três minutos par a um soldado chegar cambaleante com uma. Arranquei o grampo de segurança e lancei-a no abrigo. Em poucos segundos, o ar estava cheio de escombros que voavam. Deixo à imaginação o que deve ter acontecido à metralhadora e aos tedescos.

[69] Usualmente, o raio de alcance com alta letalidade para uma granada de mão é da ordem de 7 até 15 metros.

Olhando para trás, vi os fogos vermelhos ð o s i n a l d e ò r e u n i
Retornei para descobrir que o corpo de Pete fora carregado para a nossa trincheira . No dia seguinte, e ainda pelos dois que o sucederam , sofri do que é popularmente denominado torcicolo, o que é explicado pelo hun o que ficou debaixo de mim.

Algumas semanas depois, o Comandante mandou -me chamar.

E l e d i s s e : ò M c K e a n , - l o c a l o r o s a m e n t e p o r s e r i - m e n t § lhe outorgada a *Victoria Cross* ó .

Senti -me desconcertado e confuso.

ò O b r i g a d o , C o m a n d a n t ð e f o i , t u d o e q u a n t o p u d e i e u dizer.

TENENTE DONALD JOHN DEAN, V.C., M.C., M.M.

(8º Batalhão, West Kent Regiment; Escoteiro, 1ª Tropa de Sittingbourne)

F o i p e l a ò m a i s n o t § v e l b r a v u r a , c o m a n d o d e v e r ó q u e e s t e E x *V i c t o r i a C r o s s* . o L e n s f o i c o n á r i o d o seu maravilhosos feito, que ocorreu no período de 24 a 26 de setembro de 1918.

Tínhamos avançado e obtido êxito em capturar uma trincheira inimiga a noroeste de Lens. Ela estava mal preparada para a defesa e o flanco esquerdo da posiç ão era inseguro. E foi a nada invejável tarefa de manter tal posição que coube a Donald Dean, naquela noite de setembro.

Com a plena determinação de obter sucesso característica dos verdadeiros Escoteiros , o Ten Dean pôs -se ao trabalho, e logo teve seus ho mens pegando firme na tarefa, consolidando a posição. Eles mal haviam começado, quando os hunos tentaram assaltar a posição. Inspirados pela determinação de seu oficial em não ceder, os homens mantiveram -se firmes na resistência, e o Jerry, surpreso por te r falhado num ponto tão obviamente fraco, retirou -se desencorajado, de modo a reunir uma força mais poderosa e garantir o sucesso da próxima vez.

Direcionando o fogo de suas metralhadoras para a trincheir a, o tedesco estava decidido a, de qualquer maneira, fazer impossível o trabalho de consolidar a posição. Mal sabia com quem tratava.

Imprimindo aos seus comandados o sentido de urgência e trabalhando com eles sem cessar, o Ten Dean continuou com a fortifi cação da trincheira, e estava preparado para resisti r ao ataque determinado que foi feito pouco depois da meia -noite. Alvoreceu e já era dia bem claro antes de os hunos estarem prontos para repetir o ataque. Desta vez eles tiveram o apoio de um pesado fogo de artilharia e de morteiros, e avançaram contra a posição britânica, sentindo -se confiantes para o êxito. Mas o Ten Dean manejou tão habilidosamente seu comando, que o boche descobriu que não apenas foi contido por uma tenacíssima resistência, mas també m que suas próprias baixas estavam se tornando tão s everas que a única coisa a fazer era dar meia -volta e correr.

Por todo aquele dia, e durante a noite, o inimigo continuou a bombardear aquela trincheira, e os valentes rapazes comandados pelo Ten Dean con tinuaram a reparar os danos à medida que iam sendo feitos. De manhã cedo no dia 26, o huno fez mais uma tentativa desesperada. Lançando um intenso fogo de artilharia, ele o fez ser seguido por um forte assalto de infantaria ð apenas para ser repelido mais uma vez. Como teria sido possível que aquele pequeno grupo de soldados britânicos em posição tão desfavorável ti vesse conseguido mantê -la contra cinco assaltos e um fogo quase contínuo? Foi graças ao espírito do seu líder, e à sua inabalável determinação d e não entregar os pontos.

SEGUNDO -TENENTE RUPERT P RICE HALLOWES, V.C .

(4º Batalhão, Duke of Cambridge õ Own Middlesex Regiment; Instrutor , Tropa de St . Peter, Port Talbot)

ò O E s c o t e i r o s o r r i n a s d i f i c u l d a d e s ó , Escoteira . Foi esta a heroica maneira pela qual o Ten Rupert Hallowes

fez valer o espírito da Lei, em Hooge, no outono de 1915, e que lhe valeu a outorga da *Victoria Cross* .

Eram dias terríveis. Mal esmorecia um bombardeamento pesado e outro começava. Isso era o bast ante para abalar o espírito das tropas mais corajosas. Para Rup ert Hallowes, tudo isso não era senão uma oportunidade de pôr em prática o 8º artigo da Lei Escoteira. Sua animação, coragem e energia incansável serviam de inspiração para sues homens. Em vári as ocasiões, percebendo que bastaria algum encorajamento e um r enovado impulso de confiança para manter os homens em ação, ele subia ao parapeito completamente descuidoso do perigo, somente para infundir novo ânimo em seus subordinados.

Os alemães haviam c apturado e mantinham algumas posições em nossas linhas. Era nec essário fazer reconhecimentos. Fazê -los requeria coragem e ousadia . Foi o Ten Hallowes quem se voluntariou e tomou a si esse serviço perigoso.

Como o combate se conduzia a curta distância, as g ranadas de mão tornaram -se o principal meio de defesa e de ataq ue. Tão furiosa era a luta, que o suprimento das granadas foi ficando perigosamente reduzido. Precisava -se obter mais granadas, mas o bombardeio era tão terrível que deixar a trincheira era morte quase certa. Sem se intimidar, Hallowes saiu e obteve êxito em trazer um novo suprimento. Por fim, o bravo Escoteiro foi atingido. Ele sabia que seu ferimento era mortal, e que não viveria para voltar para casa. Nada mais de combate, nada mais de mi ssões de reconhecimento para ele. Mas, deitado ali, ainda havia uma coisa que ele podia fazer ð ele podia manter elevado o espírito dos rapazes, até que o seu bravo espírito o deixasse. Sem dar atenção à dor e à fraqueza que o ia dominando, ele continuou a animar aqueles que estavam por perto, e assim, mesmo na morte, ele inspirou seus homens com renovada coragem.

REVERENDO PERCY W YNDH AM GUINNESS [70], D.S.O.

(C.F. [Chaplain to the Forces], 3ª Brigada de Cavalaria ; Chefe Escoteiro, 2ª Tropa de Curragh)

Foi em Kruistraat que o Capelão Guinness praticou as duas heroicas - às quais lhe foi concedida a *Distinguished Service Order* .

Luta feroz estava em andamento, e o 16º de Lanceiros sofria pesadas perdas. Os operadores das ambulâncias e os padioleiros estavam sobrecarregados pela quantidade de baixas a que precisavam atender. Na parte dianteira da linha, os homens eram deixados deitados onde haviam caído – era impossível carregá-los de volta para lugar seguro.

De repente, passou uma mensagem de boca em boca: "O Major foi atingido". Era verdade: o Maj Dixon jazia na trincheira.

Quem poderia ir buscá-lo? Enquanto a questão era decidida, tempo precioso estava se perdendo; o galante oficial estava, talvez, sujeito a morrer por falta de socorro. Um Escoteiro age sem demora, e sem pensar em sua própria proteção. O Capelão era um Escoteiro. Silenciosamente ele saiu, sozinho. Pouco depois ele chegava ao local. Ele percebeu, de imediato, que tratar o ferido onde se encontrava estava fora de questão. O bombardeio estava feroz. A qualquer momento ele poderia ser novamente atingido. Trazê-lo de volta para o posto de pronto atendimento era a única esperança. Levantando-o, muito gentilmente, o Capelão trouxe-o de volta, encarando com alegria o perigo a que se expunha para salvar a vida de outro homem.

Mas um Escoteiro não se limita a fazer apenas uma boa ação por dia, mesmo que essa uma seja a maior que ele pode fazer – arriscar a vida por outrem. Uma vez mais, naquele dia, os homens estavam sem

---

[70] b 2 f λ ØNJ2 2 NJ λ Ǝ λ y l f Šéäžú łY lúät ŠŠJYÖ èä Š²dλ fNéŠŠTÖšíÄÜ2ÄsyÏyÖŠlăřäş Y λ Ö 2 de Cambridge, na página *Alumni Cantabrigienses* Š l ÖŠ ă ă l Ř l LJŠ f 2 D 2 2 Ǝ f Š . 2 2 ļ ă ú Ö 2 Capelão das Forças na Frente Ocidental em 1914 e de 1916 a 1919, na África Oriental. Recebeu a *Military Cross* em 1917.

saber o que fazer numa súbita emergência e, novamente, foi o Capelão que, quietament e, tomou a si a tarefa.

Fazia-se necessário enviar uma mensagem ao quartel -general com a maior rapidez possível. Não havia mensageiro à mão, nem cavalo ð exceto a montaria do Capelão.

O Capelão era um Escoteiro, e estava pronto não apenas para emprestar se u cavalo, mas para cavalgá -lo ele mesmo, e levar a mensagem urgente através daquele terrível espaço aberto onde as balas dos atiradores zumbiam com tão mortal precisão e os obuses picotavam o ar.

Os homens em função de comando hesitaram em aceitar a oferta . Mas o Capelão estava resolvido a cumprir esse perigoso serviço ao seu país. Ele recebeu a mensagem e, esporeando o cavalo, pôs-se a galope no terreno exposto.

Obviamente ele atraiu o fogo inimigo. As balas sibilavam atrás dele, mas nenhuma atingiu aquele homem corajoso, nem sua montaria. Talvez lhe viessem à lembrança, naqueles momentos de tirar o fôlego, as linhas do velho hi n o r e l i g i o s o : ò C o b r e m i n h a i n d e f s o m b r a d e T u a s a s a s ó .

Triunfalmente, os cascos de seu cavalo bateram uma canção de louvor e gratidão ao seu invisível Protetor, à medida que passava sobre as últimas poucas centenas de metros de terreno. Afi nal, ele conseguira colocar-se a coberto. A mensagem foi entregue. Apenas uma boa ação ð parte do trabalho do dia a dia ð assim par eceu aos olhos do Capelão. Mas para aqueles no comando, foi um ato de heroísmo que não poderia passar sem ser reconhecido.

CAPITÃO A. ILLINGWORTH BUTLER, M.C .

(Royal Field Artillery; Escoteiro, Tropa da Blue Coat School (Reading))

Foi em 21 de março de 19 18, em Vill ers-Br etonneux, que um Escoteiro conquistou a *Military Cross* de uma forma que poderíamos

dizer única, pois ele te ve a sorte de engajar tanques alemães na primeira ocasião em que foram usados, e a habilidade para pôr um deles fora de ação, de ta l modo que no despacho de Sir Douglas Haig de 21 de outubro de 1918, lia -se: òUm tanque alem« o foi abandonado em noss as l inhas, e posterio.rmente foi

Não somos capazes de dar uma história tão rica em detalhes, como sabemos que seria do gosto de nossos leitores, sobre este feito de serena coragem, porque o herói da ocasião, como muitos outros de seus irmãos Es coteiros, recusou -se a falar dele, até mesmo para os seus pais. òSou um dos sortudosó, diz .eHáe, òe m centenas de outros merecedores da *Military Cross* , mas eles não foram vistosó.

Segue-se a história, conforme a pudemos coletar de várias fontes.

Os hunos haviam atacado em grande número, forçando nossos homens a recuar . Entretanto, veio notícia de que em um certo ponto eles estavam sendo contidos com sucesso. Na intenção de ajudar esses homens que tão corajosamente estavam mantend o essa parte da linha, um único destacamento com um canhão foi enviado à frente. Sabia -se que um tanque alemão estava avançando dir etamente para aquele ponto. O Ten Illingworth Butler, cujo canhão de 18 libras estava escondido logo abaixo da crista da coli na, junto a uma estrada escavada, escolheu uma linha de ação ousada. Ele não disparou nem um só tiro, mas deixou o tanque alemão se aproximar, arrastando -se, na tranquila ignorância do perigo. Então, quando entrou na visada ao transpor a crista da colina, o canhão abriu fogo.

O tanque continuou a avançar, seguido pela infantaria atacante. Era uma situação desesperadora, mas a intenção do Escoteiro era òaguentar firmeó, e nocautear aquele tanque

Finalmente, quando o tanque estava a menos de 50 metros de sua posição, ele conseguiu um impacto direto, que fez o tanque dar meia-volta e pôr -se em retorno para a pro teção. Então, reunindo a infantaria, ele manteve a posição até o último momento possível, e

conduziu o retraimento em boa ordem, sendo, entretanto, obrigado a guiar ele próprio a equipe de um canhão.

O tanque, graças às atenções dispensadas pelo Ten Butler, não conseguiu voltar para casa. Foi abandonado naquele dia, Villers-Bretonneux foi retomada e posta plenamente em nossas mãos, pôde ser capturado [71].

Uma pequena e viva narrativa deste feito está contida no livro *Pushed and the return push*, de Quex (Blackwood & Sons).

O herói dessa aventura do tanque é agora Capitão e é o Ajudante (encarregado da Seção de Pessoal) de sua Brigada, apesar de ter apenas 22 anos de idade.

TENENTE LECHMERE C. THOMAS, M.C. com Barra [72]

(Regimento East Surrey; Escoteiro, 1ª Tropa de Farnham)

O Ten Thomas vem de uma distinta linhagem de militares, com um notável registro de combate. Quando ele entrou para o Exército, aos 18 anos, tinha altas tradições a preservar. Voltando no tempo cerca de seiscentos anos, até a Batalha de Crécy [73], encontramos um de seus ancestrais atuando como Mestre de Artilharia, quando os canhões foram usados pela primeira vez! Por seu extremo valor e habilidade nesse combate, o rei Edward III, no próprio campo de batalha, fez dele

[71] Em Villers-Bretonneux ocorreu também o primeiro combate tanque *versus* tanque, em 24 de abril de 1918. Um Mark IV inglês (comandado pelo Tenente Frank Mitchell) pôs fora de combate um A7V alemão.

[72] A barra, ou a palma, pode ser acrescida a uma condecoração, em reconhecimento por um feito que, conquanto destacado, não se enquadra nos requisitos para o nível acima, ou é da mesma natureza daquele pelo qual a medalha foi concedida.

[73] 26 de agosto de 1346. Embate marcante da Guerra dos Cem Anos. Nessa batalha, os ingleses, ao comando do rei Eduardo III e seu filho Eduardo (o Príncipe Negro de Gales, pela cor de sua armadura), infligiram séria derrota aos franceses. O Príncipe Negro de Gales, entretanto, não se tornou rei, por ter morrido pouco antes do pai. Foi no seu setor da batalha que foi morto o rei João da Boêmia ó ¢ Ŏ K Ŝ Ŏ ƨ ă f ƨ Ø ł lj dz ƛ l· ú Σ Ŏ dz Ƨ ƨ Ŝ Y ō f Ŝ Y l· ó dz Y Ŝ f Y ƨ Ŏ ƨ Y ű NJ ş ă LJ usado pelo Príncipe de Gales.

Cavaleiro Em bandeirado [74], além de presenteá -lo com um anel de diamante, que ainda é uma relíquia esti madíssima pela família.

Pudesse aquele bravo soldado de antigamente ter olhado seis séculos adiante, nos mesmos campos da França, novamente revirados pelo fogo de artil haria, e manchados pelo sangue dos ingleses, ele teria bons motivos para ficar orgulhoso de seu jovem descendente, e da maneira como ele estava preservando as tradições de família.

Chegando à Fra nça em 1915, o Ten Thomas segui u diretamente para as trinchei ras e permaneceu na linha de combate do início ao fim, com exceção dos retornos ao campo de repouso ou ao hospital, quando necessário. Ele esteve em inúmeras ações, e com 19 anos ganhou a *Military Cross* por conduzir uma incursão muito bem sucedida, à luz d o dia, nas proximidades de Hulluck . Uma grande quantidade de hunos foi morta em suas tri ncheiras, sendo o Ten Thomas pessoalmente responsável por eliminar cinco deles e por capturar três prisioneiros. Então, habilmente ele retraiu com sua equipe, sob fogo pesado.

Praticando feito semelhante em dezembro de 1917, foi -lhe outorgada uma barra à s ua M.C.

Em 21 de março de 1918, ele estava no terrível combate daquele dia, quando os East e West Surreys, bem como os Seaforths, foram tão severamente castigados. Ness a ocasião, seu Co mandante foi morto ao seu lado, e ele mesmo levou um tiro que lhe atrav essou o pé, esmigalhando ossos e nervos.

Tão logo ficou curado, lá foi ele novamente com outra divisão, como Oficial de Morteiros de Trincheira.

Após ter sido ferido um a segunda vez, ele saiu novamente , dessa v e z c o m g r a n d e s e s p e r a n - a s r d e d a m A r e a n h a p á r a

SEGUNDO -TENENTE GEORGE MONRO McBEY , M.C.

---

[74] O *Knight Banneret* era o cavaleiro que não vinha da nobreza tradicional (daí ter uma pequena bandeira, não um estandarte, como os condes e duques), mas que conquistava no campo de batalha os foros de pequena nobreza e o comando de uma compan h

(Regimento Seaforth Highlanders ; Escoteiro, Tropa de Elgin)

Foi na fatídica aldeia de Beaumont -Hamel, que tã o frequentemente mudou de mãos, e que viu tantos trágicos e gloriosos combates subindo e descendo suas ruas destruídas pelas granadas, ou em casas arruinadas e porões, ou mesmo no ar.

O batalhão ao qual pertencia o Ten McBey tinha tomado parte no ataque de 13 de novembro de 1916. Cerca de duzentos homens do batalhão haviam caído, ten do entre eles morrido não menos de cinco de seus companheiros oficiais, e a maioria dos outros sendo ferida.

O ânimo combativo do Ten McBey estava em alta, e sua intenção era li derar seus destemidos escoceses a uma luta que deveria ser uma severa punição a o Fritz pelo dano que causara ao batalhão. Então aconteceu que uma bala alemã o feriu no peito. Por severo que fosse o ferimento, não poderia deter o jovem escocês em seu propós ito. Desconsiderando a dor e o sangue, ele correu para a frente. Tão brilhante e inesperado foi o movimento, que antes que os boches percebessem onde ele estava, um grupo de cinquenta caiu prisioneiro nas mãos dos britânicos. E foi um garoto de 19 anos que realizou esse feito de grande ousadia. Foi -lhe outorgada a *Military Cross* .

CAPITÃO H. P. SNOWDON, M.C.

(Regimento Gloucester ; Chefe Escoteiro, 4ª T ropa de Malvern Link)

A 1ª Cia/5º Batalhão do Regimento Gloucester, apesar de ter mantido trincheiras por m uitos meses, não havia tomado parte em combates sérios até julho de 1916, quando, nas vizinhanças de Oliviers, entrou no tipo de luta que provoca muitas baixas e uma série de arrepiantes manobras noturnas, intensamente importantes para os homens que delas tomavam parte, mas de pequeno interesse para quem estivesse de fora.

Foi durante essa série de ações locais que o Capitão (então 2º Tenente) Snowdon se distinguiu.

Em cada caso, havia objetivos limitados e uma ou duas companhias eram empregadas. Os ataques com granadas de mão aconteciam contra um ponto -forte numa trincheira de comunicação, com uma linha defensiva fortemente guarnecida logo à sua retaguarda. Um dos ataques n oturnos era passando por terreno que fora impossível reconhecer.

De início, tudo corr eu bem. O objetivo foi conquistado com muito poucas perdas dos nossos. Encorajada por esse sucesso, a companhia continuou a pressionar, e foi então que o boche a submeteu a um inferno.

Não havia nada a fazer senão recuar. O fogo alemão era intenso. A única coisa a fazer era assegurar -se de uma das trincheiras e consolidar essa posição. Teve lugar uma luta furiosa, e dois comandantes de companhia foram mortos. Um após outro os oficiais caíram, até que sobrou somente o Ten Snowdon.

Toda a responsabilidade por aquels complicadíssima situação recaía agora sobre ele. A vida de muitos homens dependia dele; sua própria vida parecia estar perdida, pois, se todos os seus colegas ofic iais haviam caído, por que deveria, somente ele, escapar? Mas Aquele em Cujas mãos es tão as vidas dos homens ainda tinha trabalho para esse jovem fazer: ainda n«o era a hora da sua ò elevadoó. O trabalho desta noite n«o dever um Escoteiro quem arrancaria o êxito final do que parecia s er insucesso e catástrofe.

Confusa e assustadora como a situação deve ter sido, o Ten Snowdon manteve -se frio e centrado como se estivesse comandando alguma manobra noturna de sua Tropa Escoteira em Malvern Hills. Gradualmente, graças à coragem e tenacida de de seus homens e à movimentação bem coordenada pelo seu comando, a posição foi consolidada, e o restante do batalhão pôde se instalar na trincheira capturada. Então, veio a difícil tarefa de estabelecer comunicações com sua p osição anterior, no que tamb ém se obteve êxito.

Quem sabe ð talvez tenham sido aquelas situações de incerteza q u e t « o b e m c o n h e c e m o s n o ò g r a n d e j o g o ó d o treinado na arte de pensar com rapidez, agir com decisão, liderar e comandar com habilidade, de tal modo que , quando a oportunidade se apresentou, esse jovem oficial foi capaz de conduzir seus homens à segurança, e vencer uma luta difícil para a Gr ã-Bretanha na Grande Guerra.

SEGUNDO-TENENTE ARTHUR H. LEE , M.C.

(Regimento Royal Fusil iers ; Assistente de Chefe Escoteiro, 1ª Tropa de Eltham)

Houvera uma incursão com granadas contra as trincheiras alemãs, e mais de um bravo camarada que avançara cheio de esperança e determinação deixara de voltar. Entre os oficiais cujos homens faltavam e stava o Ten Lee ðum Escotei ro . Fiel ao seu instinto Escoteiro, ele saiu, na escuridão, tropeçando pelo terreno revirado pelas granadas, tentando dar a sorte de encontrar algum dos seus rapazes.

Não precisou procurar muito para alcançar um homem que levara tiros nas duas pernas. Uma rápida verificação constatou que uma delas estava quebrada de mau jeito. O homem não estava só: um companheiro estava tentando trazê -lo de volta à segurança. Mas bem quando o oficial chegou, esse bravo foi abatido por um tiro di sparado ao acaso na escuridã o.

Tentando por todos os meios ao seu alcance, o Ten Lee buscou trazer o ferido de volta à trincheira, mas era um esforço vão. Marcando a posição cuidadosamente, o bravo oficial retornou à trincheira, conseguiu um frasco de bran dy e, após obter a ajuda de outro soldado, retornou até o companheiro ferido.

Juntos, eles deram jeito de trazer o homem de volta à segurança. Por esse feito de humanidade e coragem altruísta, o Ten Lee recebeu a *Military Cross* , e ao soldado que o ajudou n o resgate foi conferida a *Military Medal* .

Antes de ir para a França, o Ten Lee lutara contra os turcos no primeiro ataque no Canal de Suez, além de ter estado em serviço ativ em Galípoli.

SARGENTO -MOR J. H. W. HALL, M.M. com Barra

(Regimento Seaforth Highlanders ; Escoteiro do Mar, K ingston -on-Thames)

Ao tempo em que ingressou no Exérci to, em 1915, Harry Hall era um *K i n g õ s* (Escoteiro da Pátria) , com Cordão Dourado e cinco estrelas de serviço . Ele jogou futebol por todo o inverno de 1913 -14, pelo time do Distrito Escoteiro de Kin gston, que competiu e ganhou a Taça do Desafio Escoteiro promovida pelo jornal *Evening News* , sendo Harry o jogador mais jovem da equipe. Em 1 onde posso julgar por suas animadas cartas, el e ô a i n d a ® u m E s c o t e acredito que ele ainda seja um não -fumante e se abstenha de bebidas a l c o · l i c a s ó .

Para aqueles que acreditam ser o adestramento Escoteiro o melhor treinamento possível, tanto para a guerra quanto para a cidadania em tempo de paz, será interessante acompanhar a carreira militar de um rapaz como este.

Apesar de mal ter completado 17 anos quando entrou no Exército, Harry Hall foi promovido às graduações de Cabo e de Sargento num período de seis meses.

Em 1º de janeiro de 1917, ele fo i promovido à graduação de Sargento -Mor (*Sergeant -Major*), sendo na ocasião o mais jovem a atingir essa graduação no Exército Britânico (tinha menos de 19 anos).

Em 3 de maio de 1917, ele foi morto, òe seu comandante de unidade) liderava com bravura uma seção do batalhão *Bl ack Watch* em a - « o ó , em Fampoux , perto de A

Mas tentaremos contar alguma coisa do esplêndido serviço que ele prestou nesses dois anos. Ele era um autêntico Escoteiro, e sua

história deve servir de inspiração para todos os Escoteiros, tal como o Escotis mo foi a sua inspiração ao longo daqueles anos terríveis.

Quem contou história de como ele conquistou a *Military Medal* foi um amigo seu, que esteve com ele durante a maior parte de seu tempo na França.

No bosque de Delville, no Somme, em 12 de julho de 191 6, o Sgt Harry Hall estava em comando da 26ª Bateria de Morteiros de Trincheira Leves, constituída de seis morteiros Sto kes, posicionados em seis espaldões vizinhos. A distância entre nossa linha avançada e a dos hunos era de uns 75 metros.

Fora planejado que a 26ª Brigada, pertencente à 9ª Divisão, atacaria ao alvorecer (por volta das 4 da manhã). O regimento *Black Watch* se posicionaria em frente às nossas linhas , próximo dos alemães; os Seaforths em apoio, juntamente com os Camerons e os Argyles.

Veio a o rdem para o ataque principal. O *Black Watch* e os Seaforths sofreram pesadamente. E os Camerons e Argyles foram isolados pelo contra -ataque alemão. Harry estava fazendo suas seis peças dispararem mais ou menos 19 tiros por minuto, cada uma. Graça as esse vo lume de fogo, ele salvou toda a Brigada, e também as 27ª e 28ª Brigadas, que estavam nos flancos direito e esquerdo, respectivamente.

Dos 36 homens que operavam as seis armas, 34 foram mortos ou feridos. Harry e um Cabo foram os únicos a passar pelo episód io incólumes. Esses dois mantiveram os seis morteiros atirando, ajudando a manejar as peças da direita, da esquerda e do centro, de modo a bloquear o contra -ataque germânico. Por esse feito, Harry e o Cabo foram recomendados pelo comandante do *Black Watch* para outorga da *Military Medal* .

Ele foi também condecorado por mandar pelos ares duas metralhadoras inim igas que estavam fazendo um estrago terrível na extremidade de certa aldeia. Elas estavam a umas 300 jardas de

distância, quando ele as engajou com dois de seus morteiros; ao quarto disparo ele acertou uma delas em cheio, e a outra pouco depois.

Em novembr o de 1916, foi -lhe conferida uma barra adicional para sua Medalha Militar. Foi conquistada na batalha de Warlencourt.

Todas as linhas de comunicações ha viam sido cortadas. As equipes transportadoras de ração estavam fazendo corajosas tentativas de chegar à s trincheiras, mas o bombardeio de artilharia era intenso, e as estradas quase intransitáveis. A necessidade por rações estava ficando aguda, e algo pre cisava ser feito. Então, o Sgt Harry Hall, com a prontidão Escoteira para servir, voluntariou -se para te ntar trazer as rações de Le Sars, que estava sob observação da artilharia alemã.

Com outros voluntários para ajudá -lo, Hall partiu pelo terreno aberto. Era preciso percorrer 4 km, mas a brava equipe saiu -se bem da empreitada. Para citar as palavras de seu amigo: òEle trouxe as fez ch§ e partiu para continuar a mexer co muito familiarmente Escoteiro nessa tão concisa descri ção.

Não levou muito tempo desde que ele havia voltado, quando seu oficial comandante imediato caiu, gra vemente ferido no quadril. O treinamento Escoteiro de Harry veio em seu auxílio agora. Habilmente ele tratou do ferimento e, sabendo que, para que a vid a do o ficial fosse salva , ele precisava receber cuidados médicos mais apurados sem perda de tempo, ele p artiu para carregá -lo pelos dois quilômetros que os separavam da Abadia de Warlencourt, onde funcionava um posto médico de campanha. A progressão era di fícil e extremamente perigosa, pois era preciso cruzar terreno aberto, e as explosões das granadas soavam de todos os lados, bem com o, talvez, o som mais difícil de suportar: o *ping* das balas dos *snipers* [75]. Mas, esquecido de tudo, exceto da necessidade do s eu oficial, ele corajosamente continuou, até finalmente alcançar a segurança da abadia.

[75] *Sniper* atirador de elite.

Ele transportou muitos outros feridos, mas ninguém neste mundo jamais saberá dessas histórias.

Seis meses depois desse feito, ele foi ò elevado[76] ó. Ele tinha òfeito sua parteó, talve partiu para receber a suprema recompensa de todo òservo fieló.

CABO AUSTIN R. JACKSON, M.M.

(Rifle Brigade ; Assistente de Chefe Escoteiro, 20ª Tropa, West London)

Foi no ataque a Cambrai, em novembro de 1917, que out ro Escoteiro se destacou por um ato deliberado de altruísmo e serviço voluntário pela causa de seu país.

O Cabo Jackson estava encarregado das ligações telefônicas, e em menos de um quarto de hora depois que nosso objetivo foi a lcançado ele já havia cortado muito das linhas telefônicas inimigas, e usou -as para lançar um circuito para o nosso Quartel -General. A linha corria acompanhando uma pequena ferrovia leve, e enquanto ele se deitava entre os trilhos as balas alemãs batiam ne les.

Depois de algum tempo, a companhia recebeu ordem de se mover para a direita, e Jackson foi convocado ao Quartel -General.

Umas duas horas depois, veio um relatório segundo o qual a companhia que se supunha estar de posse da crista de uma elevação não estava lá, e o inimigo tinha se apossado da posição. A fim de verificar os fatos, uma equipe de sinalização visual foi despachada, com ordem de alcançar a crista e enviar informação sobre quem realmente estava de posse dela.

Não demorou muito, entretanto, p ara que a equipe retornasse, informando ser impossível passar pela barragem que o inimigo estava disparando, a meio caminho entre o Quartel -General e a elevação. Era difícil saber o que fazer, pois a informação precisava ser obtida. Então,

[76] Morrer.

um Escoteiro vei o para o socorro. O Cabo Jackson deu um passo à frente, voluntariando -se para essa tarefa quase sem esperança , pôs um telefone a tiracolo, apanhou uma bobina de fio telefônico, e lá se foi.

Logo ele chegou à barragem inimiga. Consistia de granadas de gás e fogo de metralhadoras. Como que por milagre, ele a atravessou incólume, e alcançou a elevação. Muito cautelosamente ele subiu, mas não encontrou nenhum sinal de ocupação, nem pelos alemães, nem pelos nossos rapazes. Chegando ao topo, entretanto, e fazendo um levantamento visual de todos os lados, ele avistou alguns dos nossos, que estavam se preparando para fazer frente a um contra -ataque inimigo ð um dos grandes, no qual eles tinham grande superioridade numérica.

Achando caminho rapidamente pelo outro lado da encosta, Jackson alcançou nossas tropas, instalou o telefone e fez contato com a Artilharia. Mas por três vezes ele teve de voltar à área da barragem para emendar a linha. No entanto, logo os projéteis britânicos caíam densamente e em rápida sequência em cima dos alemães, e o Fritz foi obrigado a retirar -se apressadamente.

O sucesso desse dia recai inteiramente sobre esse Escoteiro; se não fosse por sua serena ousadia, o contra -ataque inimigo certamente teria sido bem -sucedido. Mas a visão que ele tem de si mesmo é simplesmente: òEra para isso que eu estava que esse alvoro-o todoó?

ANSPEÇADA J. G. WELLS, M.M.

(Royal Army Medical Corps ; Monitor, 26ª Tropa, Gateshead)

Dia de São Jorge, 1917: o combate de Wancourt Tower [77]. O Escoteiro J. G. Wells está se defrontando com o horror do combate pela primeira vez. Ele tem apenas dezesseis anos e meio, e está na França há meros três dias, depois de seis semanas de treinamento na Inglaterra.

[77] Parte da Batalha de Arras.

Para todo garoto inglês, em todos os tempos, ò o r u ² d o d a b a t a l representou pensamentos românticos de cavalheirismo e de belas aventuras; mas Wells está encontrando muito pou co romantismo nessa mistura confusa de barulho ensurdecedor. O rugi do dos projéteis; nuvens baixas de fumaça; sangue e agonia por toda parte; homens mortos; caminhos e campos revirados pelas bombas; o zumbido de aviões lá em cima, e a estranha visão dos tanques, semelhando -se a incansáveis monstros rastejando rumo às linh as do inimigo, para espremer -lhe fora a vida. Não, não há nada romântico na guerra ð a guerra é vil.

E, no entanto, é Dia de São Jorge. Afinal, servir à Pátria amada, a chance de dar a vida por um amigo, é romantismo no mais alto grau; e aquilo que foi c h a m a d o ò A g r a n d e a v e n t u r a ó ® u m a importa quão manchada de sangue e horripilante do nosso lado, é dourada do outro, e conduz à Presença de Deus. São Jorge descobriu isso, e um Escoteiro é alguém que se esforça por seguir nas pegadas de São J orge.

Súbito, à frente, Wells tem uma visão que o enche de ho rror. Um de nossos tanques interrompeu seu avanço. Fumaça se derrama dele, e agora sai uma língua de fogo. Mas há homens lá dentro!

Sem atentar para o intenso perigo a que se expunha, Wells dispa rou em direção ao tanque, correndo à toda pelo espaço que os separava. Alcançou o tanque e subiu nele. A fumaça e os vapores são sufocantes. Ele chama, mas ninguém responde. Então ele vê que toda a tripulação está inconsciente. O tanque de combustível está pegando fogo.

Não há tempo a perder. Um por um, ele suspende os homens inertes para fora do ar venenoso. Quando emerge com o quinto, uma bala o fere na coxa e ele cai, desamparado. Mas a tarefa na qual ele se engajou tinha de ser terminada; um Escoteiro n ão desiste facilmente. Sem tomar em consideração sua própria dor, ele levanta sua carga mais uma vez, e rasteja pelo terreno revirado, até uma casamata, então

sendo usada como estação de pronto -socorro regimental. Foi bem - sucedido: o indômito espírito de m ais um jovem São Jorge elevou a agonia humana às douradas alt uras do heroísmo.

Foi nos calmas alas de um hospital inglês que Wells soube que o Rei teve o gosto de reconhecer sua coragem. Mas como em todos os autênticos Escoteiros, sua modéstia se evidencio u : ò E u e s t a v a u m bocado surpreso em saber que me fora outorga da a *Military Medal* pelo m e u p e q u e n o a t o d e h u m a n i d a d e p a r a c o m h o m e

SARGENTO W. B. McKAY , M.M.

(Tropa de Elgin)

Talvez uma das coisas mais verdadeiramente características d e um bom Escoteiro seja o poder de prestar cuidadosa atenção a tudo que lhe seja dito , de procurar obter o máximo dos ensinamentos ou experiências que lhe apareça, e de levar a termo o que quer que lhe tenha sido atribuído fazer com o melhor de sua capacid ade, seja o trabalho prazeroso ou não .

A história de como o S gt McKay conquistou sua medalha é um exemplo disso.

ò P o r t r a b a l h o § r d u o , e p o r p r e s t a r a t e n - c o n s e g u i c h e g a r ¨ g r a d u a - « o d e S a r g e n t o ó , e

Ele era co nhecido como um homem em quem se podia confiar que cumpriria sua missão com todo esmero, calmamente e sem pensar em si mesmo, e na noite de 8 de abril de 1917 ð a noite de um grande avanço ð ele se achou em comando de um pelotão, sendo que cada um dos outr os pelotões da companhia estava ao comando de um oficial. A h ora de avançar se aproximava. Então, descobriu -se que de alguma forma os pelotões se haviam misturado, e a companhia não estava organizada adequadamente para um avanço . Tanto movimento deve ter despertado suspeitas em Fritz, que não estava longe. Mas calma e silenciosamente o sargento do 2º pelotão foi acertando as coisas, e às

05:45 a companhia ultrapassou o parapeito, prosseguindo sob um terrível chuveiro de metralha de nossos próprios canhões.

Em poucos minutos, o sargento fora atingido no rosto pela concussão de um obus que explodiu perto, mas num momento estava de pé novamente, e foi o primeiro a alcançar a linha alemã. De pé em cima da trincheira, ele se surpreend eu ao encontrá -la vazia. Então, súbito, os boches começaram a emergir de seus abrigos esc avados. Mas um a um eles foram mortos como ratos, e nossos homens tomaram a trincheira.

Agora era tomar a próxima trincheira. Mas o fogo de uma metralhadora estava var rendo o terreno e tornava cada tentativa de avanço algo muito perigoso e difícil para nos sos homens. A única coisa a fazer era silenciar aquela arma.

Essa missão difícil e perigosa foi confiada ao Sgt McKay pelo comandante da companhia. Pronto, como de cos tume, a cumprir seu dever com o melhor da sua capacidade , esse bravo Escoteiro saiu. Arma do com algumas granadas, ele se esgueirou para fora da trincheira e avançou, pouco a pouco em direção à mortífera metralhadora. Por fim, julgando estar perto o suficie nte para alcançá -la com uma granada, ele m i r o u c u i d a d o s a m e n t e . ò T o m e d m o s é ş t a e , l e b a g r r d i c t o d lançou a granada rodopiando pelo ar. Ela caiu bem no meio da equipe da peça, e aquela metralhadora nunca mais foi um problema.

A próxima missão que lhe foi confiada foi a de fazer uma busca cuidadosa pelos feridos.

Dois dias depois come çou a nevar, o que tornou as operações muito difíceis. Dia e noite o bravo sargento trabalhou, sem tomar tempo para dormir, naqueles três terríveis dias. mas seu traba lho incansável e sua silenciosa bravura não passaram despercebidos. Quando, por fim, o batalhão deixou as trincheiras para a zona de repouso na retaguarda, foi -lhe outorgada a *Military Medal* .

Por dois anos e meio, na Fratnr-aab,a lehloeó ,ò p
e fez tudo que podia para aprender tudo que pudesse. E assim, em
1917 ele foi comission ado como oficial.

FUZILEIRO A. J. WINGROVE , M.M.

(12º County of London Rifles; Escoteiro, 6ª Tropa de Wimbledon)

Nas trincheiras britânicas perto de St Juli en, nas escuras horas
que antecediam o alvorecer ða òhoraðde26 de setembro de 1917,
noss os homens conversavam aos sussurros; mas sua conversa não era
sobre o fato de ao alvorecer eles terem de enfrentar a morte; consistia,
antes, das piadas e gra c e j o s t ² p i c o s[78] Só Ed o ènTto hamvia
um sentimento de intensa excitação no ar, um sentime nto confiante no
sucesso vindouro.

Quando a alvorada começou a romper, um som ensurdecedor
rugiu vindo de trás de nossas linhas, a artilharia que precedia o
lançamento do ataque.

De todo esse exército que aguardava, talvez o mais ansioso para
transpor o pa rapeito e fazer sua parte era um Escoteiro ð A. J.
W i n g r o v e . S u a c o m p a n h i a r e c e b e r a a m i s s « o
i n i m i g o s] ó e m a n t e r s d a u m a s t a f s o , r m d l e d § o v n e i i n s a d c a s è C
H o u s e ó e è D e a r H o u s e ó . Q u a n d o a c o m p a n h i a
manteve-se pressionando ¨ frente, e na sua ©n
perdeu contato com o restante de seu pelotão.

Não demorou muito para que ele se achasse jun to a um dos dois
objetivos ð sozinho. Um número considerável de alemães guarnecia o
lugar, e eles nem imaginavam que aquele inglesinho solitário, isolado de
sua companhia, os estava atacando. Uns seis ou oito deles dispuseram -
se à luta, mas em poucos segun dos Wingrove deu cabo deles. Então,
para sua sorte, juntou -se a ele um anspeçada, e eles dois toma ram os
restantes quinze alemães como prisioneiros. O restante do ataque

[78] á ¢ ² Y Y è é ŜNJ l· ² l· LJŜ f ƛ Ř ² Ř l· Ř ² l· ² ă ă ² f Ř l· Ř ² ă ō NJ ƛ ú Ń y ƛ Ŏ ² ă

mostrou -se igualmente bem -sucedido, e fortificações de concreto que haviam custado ao inimigo meses de trabalho árduo, caíram em mãos britânicas. Essa audaciosa ação valeu a Wingrove a *Military Medal* .

CABO ERNEST SIMPSON, M.M.

(2Û Cia / 4Ü Kingõs Own Yorkshire Light Tropa de Wakefield)

Em 20 de novembro de 1917, em Havrincourt, nossos rapazes receberam a ordem de òseguir os tanques determinado po nto. Mas seguir os tanques não era tarefa assim tão fácil, com grandes nuvens de fumaça aqui e acolá impedindo a visão, com ob uses explodindo e o desnorteador cacarejo das metralhadoras inimigas. Além disso, o terreno era difícil.

Cavando seu caminho adian te, sem atentar para nada, sem esperar por ninguém, nossos tanques prosseguiram, e a seção comandada pelo Cabo S impson achou -se desesperadamente deixada para trás. Entretanto, os homens mantiveram a pressão, corajosamente encaminhando -se ao seu objetivo, m as logo ficou evidente que eles não estavam mais na trilha dos tanques ð uma enorme extensão de obstáculos de arame farpado in tactos estava diante deles, e em linha direta com o ponto para onde eles tinham de progredir.

òBem, a² est§ó, dimssessemoo. còaSbeo fpoarrmaoss ipara desse arame, vamos todos para o O este[79] ó .

Então, ele mandou seus camaradas deitarem e permanecerem abrigados até que voltasse. Eles não queriam deixá -lo ir, mas ele lhes disse que tinha certeza de conseguir fazer um caminho para que eles passassem e fossem arrancar o Fritz das suas tocas.

Então, rastejando cautelosamente até o arame, começou a cortar nele uma passagem. Pedacinho por pedacinho, o arame foi se rompendo no seu alicate, mas quão lento parecia ser esse avanço! Parecer am

[79] á L NJ LJ l· NJ l· ²2 h Ŝ ă ű Ŝ ε Y Y ²2 NJNJ Ŝ NJ Φ

passar-se horas enquanto ele trabalhava, sabendo que a qualquer momento um *sniper* alemão podia localizá-lo, e mandar-lhe uma rápida e certeira bala. Na situação em que estava, cartuchos usados, fragmentos de obuses e metralha frequentemente passavam cantando por ele, ou aterrissavam perto, com um *ping* e um borrifo de terra.

Por fim, ele chegou ao último pedaço de arame que parecia ser o mais duro de todos. Mas quando o serviço foi terminado e o caminho livre, ele rastejou de volta para junto de seus homens, através do terreno revolvido. Após uns poucos minutos de repouso, ele os conduziu de volta à passagem que havia cortado, e eles passaram rapidamente pelas pontas soltas do arame, esperando a cada momento serem atingidos, pois o ar parecia um bocado vivo. Uma vez transposto o arame, foi questão de minutos para chegar aquelas trincheiras onde Fritz se escondia, e um pouco de enérgico trabalho com a baioneta para extraí-lo.

Quando a tarefa estava cumprida, o valente e jovem cabo voltou-se para ver quem estava faltando, e a alguma distância ele distinguiu seu comandante de pelotão, que havia sido atingido e estava caído. Não havia coberturas, e o fogo do inimigo era feroz, mas sem dar atenção à sua própria segurança, o Cabo Simpson correu até ele. Ajoelhando-se ao seu lado, logo percebeu que ele estava muito ferido. Foi então que ele percebeu o grande uso das técnicas de ambulância que seu Chefe Escoteiro lhe ensinara com tanto cuidado, na velha Tropa. Não fosse por essa instrução e pela prática constante, ele, disso tinha certeza, poderia não saber nem o mínimo que deveria fazer. Mas recordando o que lhe fora ensinado, ele conseguiu estancar a hemorragia e pôr bandagens nos ferimentos.

Este jovem e bravo Escoteiro[80], irmão sênior e oficial permanecerá na memória dos que o viram, e daqueles que leram sobre isso nestas páginas, onde pela primeira vez está sendo contado em

[80] a Ŝ ă Y ˛ ă Ŝ y ˝ ú ƛ Ř ˛ Ř ˛ Ř ˛ ŕ ŝ ŕ ŕ ŕ

detalhes. Pois Simpson nunca contou esta história a ninguém, até um dia em que seu Chefe Escoteiro a extraiu dele.

Seu Chefe Escoteiro escreveu: ò Tenho rogado a Deus para nunca tenha contado a ninguém sequer um pouquinho do que, sob persuasão, me relatou ó nem mesmo aos seus pais. Eu lhe prometi que não contaria sua história, e não deveria tê-lo feito agora, mas pelo fato de ele estar morto e de ser seu o crédito, merece ser registrado como um feito digno de um Escoteiro e de um homem. Que ele receba sua recompensa no País da Paz Divinaó.

SOLDADO D. PHILLIPS, M.M.

(4ª Cia/ 13º Royal Fusiliers; Escoteiro, 2ª Tropa de Goldhanger)

Foi no grande avanço de 23 de agosto de 1918. A Divisão tinha recebido ordens para capturar Acheb Le Grand. Quando os homens transpuseram o parapeito, até onde se podia ver, de ambos os lados, as tropas estavam lançando-se para fora das trincheiras, simultaneamente. A Divisão inteira estava em ação. O ataque estendia-se por milhas.

Não houve oposição nas primeiras 100 jardas; nossa barragem havia posto Fritz em alerta e ele ficou quietinho sob suas coberturas. Mas à medida que as tropas britânicas avançavam, nossa barragem tinha de ser levantada. E as metralhadoras alemãs começaram a matraquear. Não havia outra coisa a fazer senão disparar numa corrida louca até o mais perto possível das linhas teutônicas.

Phillips estava encarregado de uma metralhadora Lewis[81], e estava determinado a causar dano aos alemães; mas antes que ele pudesse dirigir seu fogo sobre eles, uma bala atingiu sua arma e a pôs fora de ação. Não é tão fácil tirar um Escoteiro de uma tarefa que ele se proponha a cumprir. Phillips pretendia usar uma metralhadora contra os boches, e como eles o haviam privado da sua, ele tratou de obter

[81] Uma das melhores armas desenvolvidas na Primeira Guerra, continuou em uso ainda por muitos anos.

outra. Isso significava, é claro, tomar uma do Fritz. Não demorou muito para que ele fosse bem-sucedido nessa empreitada e, dirigindo a arma que capturou contra seus antigos donos, mostrou-lhes como era o gosto de ser alvejado por um britânico a curta distância. Ele manteve esse ritmo o dia todo, até que a Divisão foi substituída à noite. Essa ousada demonstração de ódio foi compensada com a *Military Medal*.

Mas essa não foi a única aventura de Dick Phillips com uma metralhadora Lewis. Pouco tempo depois, ele se achou noutro avanço, de natureza um pouco diferente. Sua companhia recebera ordens de seguir por uma azinhaga [82]. Eles haviam percorrido algum caminho quando descobriram que os alemães no seu flanco, e também logo atrás, batiam-nos com fogo de enfiada. Muitos homens estavam sendo atingidos, e era difícil saber o que fazer, pois enquanto o fogo inimigo continuasse seria impossível tanto seguir adiante quanto retornar em busca de abrigo. Foi então que o Escoteiro com a Lewis veio para o resgate. Dando seu jeito para sair da estrada, ele conseguiu flanquear os alemães e batê-los com o fogo da metralhadora.

Surpreendidos por esses tiros inesperados, os alemães interromperam seu fogo. Bem depressa, os rapazes deslizaram para abrigar-se, e, quando seus serviços não eram mais necessários, Dick Phillips rastejou de volta atrás deles, com sua metralhadora, aproveitando as cobertas do terreno da maneira que todo bom Escoteiro sabe fazer. Por este trabalho corajoso e iniciativa tipicamente Escoteira, Dick Phillips teve outorgada uma barra adicional para sua medalha.

FUZILEIRO F. G. LAWRENCE, M.M.

(16º Royal Rifles; Escoteiro, Tropa de High-Clere)

Duas da manhã, num domingo na Linha Hindenburg [83]. Um nevoeiro pesado, como um grande cobertor cinzento, abafava o mundo.

---

[82] Estrada em nível mais baixo que o terreno ao redor, entre barrancos ou sebes.

[83] Linha de fortificações na fronteira alemã.

Pelo terreno ensopado e escorregadio, o regimento avançava rumo a Fontaine. Uma hora e meia de duro combate, e nosso homens estavam na aldeia – Fontaine fora capturada. Mas às três horas – apenas meia hora mais tarde – os hunos despejaram-se sobre a aldeia, matando sem mercê, e Fontaine foi perdida de novo. Mas os hunos não deveriam mantê-la – quanto a isso, os galhardos combatentes do 16º Royal Rifles estavam resolutos. Às cinco da manhã, a aldeia foi novamente capturada e, então, graças a Deus, outra Divisão chegou para ajudar a mantê-la em nosso poder.

Um prédio alto de tijolos que se erguia em Fontaine fora, outrora, um marco no terreno. Mas quando o cinzento alvorecer se desfez e era possível enxergar alguma coisa, não havia mais um prédio alto em Fontaine – apenas uma pilha de tijolos e argamassa. Uma aldeia, assim a chamávamos, mas a luz do dia revelou uma faixa de tijolos quebrados e madeira lascada, com desolados gatos circulando pelos destroços.

Os regimentos cavaram abrigos, e Fontaine tornou-se a linha de frente. O posto de comando (PC) do batalhão ficava 1500 jardas lá atrás, depois de um grande terreno aberto, todo revirado pelos obuses. Por dois dias essas trincheiras sofreram com tiro de enfiada, e obuses vinham de todas as direções. Foi durante uma dessas noites terríveis que um Escoteiro conquistou a *Military Medal* por seu bom trabalho.

Uma mensagem urgente tinha de ser levada ao PC do batalhão, e a única maneira possível era enviar um mensageiro. Era a missão do Fuzileiro F. G. Lawrence, e ele se aprontou para ela sem a menor queixa.

Estava escuro e enevoado. Os canhões trovejavam continuamente, e os obuses explodiam com estrondos desnorteantes que sacudiam a terra.

Escalando para fora da proteção da trincheira, Lawrence pôs-se a avançar pela densa escuridão. Teria sido impossível encontrar o caminho se não fosse pelo seu mapa e bússola. E era impossível acender a lanterna para ler o mapa se ele não estivesse sob cobertura.

Uma piscada de sua lanterna e os *snipers* o alvejariam. Crateras de obuses eram a única cobertura possível; então, rastejando para dentro de uma delas, ele conseguiu dar uma rápida olhada no mapa, e assim continuou um pouco mais para diante, depois outra, e outra, e assim conferindo a direção.

Por duas vezes a concussão de um obus explodindo bem perto jogou-o ao chão. Na primeira vez ele perdeu o boné, e como estava chovendo a cântaros, ele vestiu um saco de areia em seu lugar. Por fim, ele chegou ao PC.

O general comandante da Divisão estava lá, e a visão desse homem, pálido e abalado, empapado pela chuva e grotesco com seu estranho adereço de cabeça não poderia deixar de causar-lhe impressão, e ele cumprimentou o Escoteiro por sua coragem. Com a mensagem entregue, a viagem de retorno tinha de ser feita, e sob as mesmas dificuldades, mas o Fuzileiro Lawrence alcançou sua trincheira em segurança.

Uma semana depois, o regimento foi substituído, e saiu das trincheiras. Os homens dormiram em pequenos bivaques ð mantas impermeáveis sobre varas. Foi então que o general entregou medalhas, e ele não se esqueceu do mensageiro que vira chegar naquela noite terrível.

CABO THOMAS JUGGINS, M.M.

(8º Gloucesters; Monitor, Tropa de Oakley Bisleyand Eastcombe, Stroud Association, Gloucestershire)

Nada detém um Escoteiro uma vez que ele se tenha posto a caminho e decidido a obter êxito. O Cabo Juggins deu prova disso, certa noite naquela fatídica primavera de 1918.

Era preciso enviar rações e munição das linhas de transporte até o batalhão em Kemmel. O único caminho era pela estrada Reninghelst-Westotre. O inimigo estava bombardeando Westoutre. Uma jornada por essa estrada não era coisa das mais convidativas. Mas o material tinha

de chegar ao batal hão, e Jugins, que era Cabo dos Transportes, assumiu a tarefa como parte da missão do dia.

O inimigo estava muito ativo com seus canhões, naquele anoitecer de abril, e nossa equipe teve de esquivar-se dele eróa, como expressou o Cabo Juggins. Então, em um trote vivo, a pequena equipe seguiu pela estrada. Por algum tempo, tudo correu bem, e eles conseguiram esquivar-se do Jerry com bom sucesso.

Quando eles se aproximaram de Locre, e estavam entre essa aldeia e a inflexão conhecida como Esquina começaram a acontecer. Um obus explodiu perto: o cavalo do cabo moveu-se, cambaleou, e caiu. Sangue se derramava de um corte entre suas omoplatas. Numa rápida olhada podia-se entender que ele estava além das possibilidades de socorro. Com tristeza, a pequena cavalgada prosseguiu, e um tiro pôs fim ao sofrimento do bravo animal.

Mais adiante, línguas de fogo amarelas saltavam no crepúsculo, entre as ruínas enegrecidas das casas. A aldeia tinha fogo em vários lugares, e a intervalos de poucos minutos caía outro obus com um barulho arrasador, lançando ao ar uma nuvem de poeira, tijolos e lascas de madeira.

A estrada estava atravancada por carroças viradas e cavalos mortos, e muitas figuras silentes quedavam-se onde haviam caído no cumprimento do dever. Locre era uma conhecida armadilha mortal. Quanto mais cedo se estivesse fora dela, melhor, pensavam os integrantes daquela pequena equipe de transporte. Açulando os cavalos para o galope, eles chocalharam pela rua da aldeia. Eles não diminuíram para o passo antes de terem passado pelas casas na parte mais distante da aldeia; mas essa parada foi prematura, pois foi então que um obus de metralha explodiu, logo à frente. Os fragmentos de metal voando atingiram os dois condutores, e o Cabo Juggins encontrou-se sozinho, com três carroças e três juntas de animais.

Algumas pessoas talvez perdessem a esperança. Mas não um Escoteiro. Desmontando e acalmando os animais assustados, ele

prendeu a junta da segunda carroça à traseira da primeira, e a terceira junta à trasei ra da segunda carroça; então, guiando a junta da primeira, ele partiu, seguindo a estrada.

A equipagem tro tou pela colina Kemmel e desceu atravessando a aldeia. Por fim, em Bois Du Rossignol ðoutrora o bosque dos rouxinóis, agora um lugar muito diferente ð ele encontrou o batalhão, e relatou que as rações haviam chegado. Mas esse ainda não era o fim de suas aventuras, pois esse destemido Escoteiro ainda teria de encarar a viagem de retorno. Aquela aldeia de pesadelo, Locre, onde dois companheiros haviam ca ído, não era uma perspectiva atraente. Com a criatividade de um Escoteiro e tendo naturalmente um olho ate nto para o terreno, ele vislumbrou um meio pelo qual poderia evitar aquele lugar, e partiu seguindo por uma trilha.

Depois de percorrer algum caminho, ele achou -se subitamente retido por um obstáculo um tanto macabro. Alguém mais tinha seguido por aquela r ota, com carroças de transporte, e lá ficara detido ð para sempre. Um amontoado emaranhado de carroças destruídas e de mulas e cavalos mortos barrava o caminho. Era pouco possível passar e, claro, limpar a estrada estava fora de questão.

Mais uma vez, a si tuação parecia sem esperanças. Mas para um Escoteiro, toda dificuldade tem uma saída. O Cabo Juggins (antes Monitor Juggins) decidiu que provavelmente haveria outro caminho em algum lugar por perto, então ele subiu numa cerca de arame farpado, antes instal ada por um fazendeiro, e descobriu. Ele, então, derrubou a cerca do fazendeiro, e não demorou para que sua cavalgada seguisse sacolejando pela nova tr ilha. Por sorte, esta não estava impedida por nenhum obstáculo sério, e nas primeiras horas da manhã, o ca bo conduziu suas equipagens ao trote até o estacionamento das carroças.

Fora simplesmente sua missão, com um sabor adicional de excitação, por certo, e o sentimento de satisfação que todo Escoteiro conhece tão bem, por ter encontrado uma saída de um aperto . Mas seus oficiais encararam a coisa de maneira diferente , e uma *Military Cross* foi

outorgada como bem merecido reconhecimento notável bravura e coragem, especialmente na noite de 15 de abril de 1918ó.

SOLDADO R. L. DUCK, M.M.

(2º/14ºLondon Scottish Regiment; Monitor, 4ª Tropa de Bancroft School)

Era uma noite escura como breu, e fizeram-se os preparativos finais para um avanço. A serra de Dranoutre, nas vizinhanças do monte Kemmel, tinha de ser capturada. Uma névoa pesada e baixa parecia uma embaçada cortina cinzenta cobrindo o terreno a atravessar. Sob essa cobertura nossos homens conseguiriam chegar à serra sem serem vistos pelo inimigo.

Às duas e meia da manhã, começou o fogo de barragem, e em breve nossos homens transpuseram o parapeito e alcançaram seu objetivo. Mas agora o pesado manto da neblina tornou-se um empecilho, pois era difícil manter contato, bem como ter certeza da direção.

Os postos avançados alemães descobriram os britânicos que avançavam rastejando como fantasmas através da névoa. Os ninhos de metralhadora latiram sua chamada mortal e, silenciosamente, nossos homens caíam, costurados pelas balas do inimigo invisível. Mas o feroz fogo de fuzis e o lançamento de granadas de mão logo silenciaram as metralhadoras e, dando meia-volta, os hunos correram de volta aterrorizados para dar o alarme às posições da retaguarda.

Entre os homens que avançavam na escuridão estava um Escoteiro ðo soldado R. L. Duck ðe é a sua aventura que agora seguiremos, pois foi sua ousada exploração dessa noite que lhe valeu a *Military Medal*.

O pelotão à sua direita ðo último do seu batalhão ðfora quase completamente eliminado, e da sua seção só haviam restado ele e um cabo. Era difícil, naquelas circunstâncias, saber em que direção

avançar, e não demorou muito para eles perceberem que estavam se desviando muito para a direita, já que tinham topado com a extrema esquerda do batalhão vizinho.

Reiniciando a marcha, dirigindo-se mais para a esquerda, eles continuaram a avançar, ouvindo atentamente para identificar qualquer som vindo do inimigo. O boche tinha levado uma boa sacudidela, e estava recuando da melhor forma que podia, sem oferecer combate.

De repente, Duck achou-se deitado no fundo de uma cratera de obus, tentando descobrir como tinha ido parar ali. O cabo estava junto dele, perguntando, baixinho: "Você está ferido? Onde ele está? Mas Duck não conseguia responder. Ele estava ferido, e o que eu o pegueió.

Em breve, porém, um iluminativo alemão se a cendeu, e uma metralhadora abriu fogo. Nossos dois guerreiros chegaram à conclusão de que seria melhor tomar um atalho até nossas linhas; assim, conduziram seus alemães para fora da trilha, e os guiaram pelo terreno irregular, diretamente em direção de nos sas posições.

Após algum tempo, eles alcançaram uma equipe de padioleiros, muito necessitados de ajuda. Os prisioneiros foram empenhados nessa tarefa, com o cabo permanecendo com eles como guarda, enquanto o Escoteiro, que foi designado mensageiro, retorno u para tentar encontrar o restante do pelotão.

Felizmente, as outras seções não haviam sofrido tão severamente, e depois de vaguear por mais ou menos meia hora, ele as encontrou e foi capaz de se apresentar ao seu oficial comandante. Então, mais uma vez, assumiu sua missão de mensageiro, e foi de grande auxílio em fazer que o restante da companhia se pusesse abrigado antes que o inimigo iniciasse seu contra -ataque.

Poucos dias depois, quando Duck retornou de uma licença, seu comandante mandou chamá -lo, e fi cou sabendo que o comandante da Brigada lhe enviara uma mensagem de congratulações por ter -lhe sido outorgada a *Military Medal* .

ò N u n c a t i v e s u m p a r e n s i a h m a v i d a ó , e l e e s c r e
f a m ² l i a . ò A m e d a l h a f o i c o n f e r i f i d e m o s p e l a p e
naquela noite, e veio a mim como uma surpresa tão grande quanto para
v o c ° s , a ² e m c a s a ó . E s s e f o i o e s p ² r i t o
e n c a r a r a m n d a e ò a g v r e a n t u r a ó , e j o g a r a m o j o g o
campos bombardeados da França.

ARTILHEIRO HER BERT HOLLAND, M.M.

(Royal Field Artillery; Monitor, 20ª Tropa de West London)

ò D i c k ó H o l l a n d v i v e u m a i s d e u m a e l e t r i
praticar o feito de heroic o humanitarismo, para o qual o verdadeiro espírito Escoteiro o prontificou, que lhe valeu a *Military Medal* . Antes de

contar este feito, relataremos uma ou duas de suas experiências, pois Dick òfoi para o Oesteó, e nunca mais pod jovens sobre o que aconteceu òpor l§ó, no guerra.

Dick estava num dos pontos de mais intenso combate em Loos. Sua bateria teve de se retirar, deixando para trás uma grande quantidade de munição de alto -explosivo. Pediram -se voluntários para voltar e tentar recuperar alguma coisa. Dick foi o primeiro a se oferecer. Uma equipe retornou e, chegando ao local, pôs -se a trabalhar a toda a velocidade.

Entretanto, eles ainda não haviam conseguido recuperar muito quando os alemães os d escobriram. A única esperança de saírem vivos era retirarem -se tão rapidamente qu anto pudessem.

òMontar! A galope!ó, -Mor.r A tordem foi Sargen prontamente obedecida, pois uma salva de tiros foi dirigida sobre aquele ponto. Dick, entretanto, ainda estava lá embaixo no depósito. Ele se moveu agachado, buscando cobertas e abrigos , e então deu uma corrida para pôr -se a salvo.

òVoc°s ficariam surpresos em ver quanto em direção a um sujeito e ainda errá -loó, r se ele, contando a história de sua escapada por um fio de cabelo. Doutra feita, ele teve a desagradável incumbência de levar mensagens atravessando uma barragem alemã de projéteis de gás.

Quando ele retornava de uma dessas expedições de mensageiro que ele praticou o feit o que lhe rendeu reconhecimento oficial. Seguindo cautelosamente de volta para su a bateria, ele viu, deitado na terrra -de-ninguém, o que à primeira vista parecia ser um morto. No entanto, um leve movimento revelou que o homem ainda estava vivo. Um homem vivo lá, naquele lugar de indescritível perigo, despertou no coração de Dick todos aqueles sentimentos de cavalheirismo e desejo de ajudar que são do estofo de um verdadeiro Escoteiro.

Descuidoso de sua própria segurança, ele rastejou pelo terreno irregular, e por fim alcançou a figura que havia atraído sua atenção. O coitado estava em p éssimo estado. Dick deu -lhe um pág ua, que dõ ele bebeu, agradeceu e murmurou: òPode me eraó.

Dick perguntou: òOs padioleiros n«o o er

òSimó, respondeu o homem, num sussurro, mal, então eles me dei xaramó.

òMuito bemó, disse Di-clko,ó .òeu n«o vou dei

Dizendo ao ferido que não demoraria, ele rastejou de volta até as trincheiras para ver se achava algo com que fazer uma esteira para arrastar o homem de volta. Aí ele encontrou um de seus companheiros , que concordou em retornar com ele nessa missão de misericórdia. Juntos, eles deram jeito de trazer o homem em segurança para o posto de socorro.

Dick Holland e seu amigo rec eberam, ambos, a *Military Medal* . O ferido acabou se recuperando e retornou à linh a de combate.

Em 5 de outubro de 1917, Dick Holland saiu com mensagens. No dia 6, ele foi relatado como òdesaparecid enviada, e o encontrou no dia 7 , gravemente ferido. Levaram -no para o posto de socorro, onde ele morreu no dia s eguinte. Ele está sepultado no Cemitério Militar Britânico, em Lyssenbroke, perto de Poperinge.

Seu pai escreveu: òCreio que seu treina tona tudo que h avia de melhor num bom rapazó.

CABO ROBERT HORN, M.M.

(The Buffs [84], adido à Somerset Light Infantry; Monitor, 1ª Tropa de Cranbrook)

Foi muito perto do fim da Guerra que o Cabo Robert Horn teve sua chance de aplicar um pouco do Escotimo.

---

[84] Royal East Kent Regiment, um dos mais antigos do Exército inglês.

Na noite de 1º de novembro de 1918, ele foi mandado apresentar-se numa casa de fazenda belga, que na ocasião era o PC de sua companhia. Lá, foi-lhe informado que o pelotão ao qual ele se juntara no dia anterior deveria desempenhar um importante papel numa incursão a Lectard, uma aldeia a alguma distância e em poder do inimigo. Assim, foi-lhe explicado o plano.

Seria lançada uma barragem sobre a aldeia, à 01:55 de 2 de novembro. O fogo cessaria às duas horas, quando o pelotão avançaria e instalaria uma pinguela atravessando um riacho, e a manteria até que a Companhia *** (que já deveria ter entrado na aldeia pelo outro lado) retornasse passando pela pinguela, que então deveria ser destruída.

Às duas horas, o pelotão de Horn deixou a base de partida, e começou a lançar a pinguela sobre o córrego. Mas para seu desalento, eles constataram que a barragem não estava sendo levantada, e que nossos próprios projéteis estavam caindo muito perto.

Por fim, a pinguela foi completada, com o trrabalho feito sob condições muito difíceis e perigosas. Os obuses ainda caíam continuamente, e parecia insanidade manter o pelotão em risco de morte, entretanto a pinguela tinha de se manter. Foi então que o cabo, que, cabe lembrar, era um Escoteiro, se ofereceu para transpor a pinguela com dois outros homens e guarnecê-la, possibilitando ao comandante de pelotão retrair com sua fração para um lugar que não estivesse sendo batido pela barragem. O oferecimento foi aceito, e não demorou para que os três bravos rapazes se encontrassem sozinhos, no escuro, na periferia da aldeia.

O tempo demorava a passar. Os obuses continuavam a cair, explodindo violentamente de um lado e de outro. E nenhum som na aldeia ðnada de bombardeio, nada de escaramuças nas casas escuras, nenhum som que indicasse estar a Companhia *** a dirigir-se para a pinguela. Que significaria isso? Por fim, Horn decidiu fazer uma exploração por sua própria conta, para tentar descobrir o que estava acontecendo.

Deixando os dois homens para vigiar a pinguela, ele esgueirou -se para dentro da alde ia, e percorrendo as ruas escuras e vazias. Olhando para dentro de uma e outra casa enquanto avançava, não enc ontrou nenhum sinal de alemães, e no entanto a aldeia certamente estava em mãos teutônicas. Por fim, tendo percorrido a aldeia a deslocar -se discr etamente e a escutar com atenção, como todo Escoteiro sabe fazer, ele constatou que a aldeia não estava deserta, como aparentava, mas sim que os alemães estavam escondidos nos porões, por medo de nossos obuses. Mais adiante, do outro lado da aldeia, os ale mães pareciam mais ativos e, mais além, sua artilharia parecia est ar em ação.

Esgueirando -se de volta para a pinguela, Horn chegou bem na hora de ver uma coluna de vultos escuros avançando na direção dela, pelo outro lado. Os três guardas apontaram seus fu zis para o grupo que avançava, e Horn pediu a senha. Para sua surp resa, era a Companhia ***. Eles não tinham conseguido entrar na aldeia pelo outro lado, e haviam emitido o que eles esperavam fosse um pedido de socorro, mas fora, na realidade, um sinal par a incremento na barragem ðdaí o fato de nossa barragem não ter si do levantada. Horn relatou o que havia descoberto sobre a aldeia e, assim que a barragem foi levantada, ele foi servindo de guia para a equipe de incursão. Infiltrando -se na aldeia e cercand o as casas indicadas pelo Escoteiro como contendo alemães nos porõ es, eles começaram a lançar bombas sobre os Jerries para fazê -los sair dos buracos. Além de alguns prisioneiros, capturou -se uma metralhadora, e uma bolsa de correio lacrada.

A equipe triunf ante então retornou às nossas linhas, e foi -lhes muito gratificant e saber que muitas informações úteis foram obtidas como resultado dessa incursão.

A habilidade, a iniciativa e a coragem de Horn foram recompensadas com a *Military Medal* .

SINALEIRO CECIL ED WARDS, M.M.

(Royal Welsh Fusiliers ; Assistente de Chefe, 1ª Tropa de Holyhead)

Foi em maio de 1916 que o Sinaleiro Cecil Edwards cumpriu seu dever tão fielmente, e com tão serena coragem, que se fez merecedor da *Military Medal*. O bombardeio foi intenso, e em consequência tantos cabos de telefone e telégrafo tinham sido destruídos que a trincheira estava isolada das comunicações com o PC do batalhão. Edwards e outro sinaleiro enviaram as mensagens urgentes por meio de uma lâmpada [em Morse] e, então, arriscando suas vidas em nome do cumprimento do dever, saíram para o ar livre a fim de reparar os fios[85].

Bem sabiam eles que seriam alvos para os *snipers* alemães, e que a qualquer momento um obus poderia explodir junto deles e fazê-los em pedacinhos, ou enterrá-los vivos, enquanto se esperava por um ataque alemão. E no entanto eles continuaram firmes no trabalho, com a difícil tarefa de encontrar as pontas dos circuitos partidos, descobrir qual se ligava a qual, e então fazer a emenda. Por fim, seu esforço foi recompensado com o sucesso, colocando novamente o PC do Batalhão em contato com sua posição. Por esse corajoso feito no cumprimento do dever, Edwards e seus companheiros receberam a *Military Medal*.

ANSPEÇADA R. MASSEY, D.C.M.

(Atirador de Metrallhadora, 6º Batalhão do East Lancashire Regiment; Escoteiro, Tropa de São Pedro e São Paulo, Rishton, Blackburn)

O anspeçada Massey passou por um dos mais emocionantes episódios da guerra antes da noite em que conquistou sua bem merecida condecoração. Ele passou pelos combates em Galípoli[86], e foi

---

[85] Nas duas guerras mundiais, os construtores de linhas telefônicas sofreram muitas baixas ao cumprir a missão de restabelecer a ligação pelos circuitos que haviam sido cortados pelo fogo de artilharia; isso significava ir para o terreno, muitas vezes exposto, com a bobina de cabo telefônico (difícil de ocultar e desajeitada para transportar), alicate e fita isolante, para fazer as emendas necessárias nas linhas; isso os tornava alvos preferenciais dos *snipers*. Na Segunda Guerra Mundial, os radiooperadores também se tornaram alvos preferenciais, juntamente com os comandantes a quem atendiam.

[86] A campanha de Galípoli começou com os desembarques em 25 de abril de 1915. Em agosto, houve uma nova tentativa de avançar, a partir de um desembarque na baía de Suvla. Em dezembro de 1915 e janeiro de 1916, a força ali empenhada foi retirada pelos navios da Marinha Real.

ferido em agosto, quando nossas forças fizeram sua galante porém mal-sucedida investida nos Estreitos. Após algumas semanas num hospital no Cairo, ele retornou ao seu batalhão, então instalado na baía de Suvla. Lá, ele tomou parte na terrível experiência da evacuação; e, sendo um operador de armamento coletivo, teve a tarefa de dar cobertura à retirada.

Após uma curta estada em Port Said [Egito, junto ao Canal de Suez], o batalhão recebeu ordens de seguir para a Mesopotâmia, como reforço para as forças do general Townshend. Em 4 de maio de 1916, Massey tomou parte do avanço de seis milhas que os levou, após combate desesperado, a Sannyut. Após um dia de repouso, o batalhão tomou parte em outra ousada exploração.

Bem cedo, veio a ordem de transpor o parapeito. Não houve bombardeio prévio pela nossa artilharia, e silenciosamente os homens deixaram as trincheiras, e avançaram rumo ao seu objetivo, usando todas as coberturas possíveis. Quase o haviam alcançado, quando um posto avançado do inimigo descobriu sua aproximação. Nossas tropas sofreram uma forte reação, e o número de baixas foi bem alto. Desistiu-se de tentar alcançar Kut[87] por esses meios.

O batalhão de Massey foi, então, relocado para a margem direita do rio Tigre, e logo viu-se atacado por infantaria e cavalaria, mas aqui nossos rapazes recobraram ânimo, e fizeram o inimigo recuar. No entanto, foi nas proximidades de Dejalia que o Anspeçada Massey viveu a eletrizante aventura que lhe valeu a distinção.

Ele e uma equipe de seus camaradas achavam-se ocupando um pequeno trecho de trincheira, com os turcos a apenas uns 30 metros à frente, e em ambos os flancos. Seus fuzis mostraram-se de bem pouca utilidade, e metralhadoras e granadas de mão tornaram-se os principais

[87] A guarnição britânica em Kut-al-amara, sob o comando do General Townshend, foi submetida a cerco e forçada a se render; foram aprisionados e mantidos no cativeiro em Damasco, com brutal diferença de tratamento entre os oficiais e as praças.

meios de defes a. O inimigo replicou da mesma f orma, e suas bombas quase aniquilaram o batalhão.

Mas o principal recurso de defesa das posições eram os metralhadores com suas armas. A arma de Massey prevalecia, fazendo um trabalho mortífero na posição à sua frente; pensa ndo que poderia causar ainda mai or dano ao inimigo, ele deixou sua arma com o restante da sua equipe [a equipe t inha quatro homens] e, pegando outra metralhadora, pôs -se a rastejar para a frente para chegar a uma sapa [88]. Por algum tempo ele não ousou abrir fogo, pois as bombas estavam vindo com rapidez, e disparar a arma atrairia a atenção dos granadeiros inimigos. Mas logo um ataque dos turcos forçou -o a abrir fogo, em defesa própria. Ele disparou duas fitas de munição de 500 cartuchos, quando uma granada a tingiu sua arma e a tirou de ação. Não havia mais o que fazer, a não ser rastejar de volta para a posição original , e ele precisou fazê -lo passando por sobre os corpos de muitos companheiros tombados.

Chegando à sua p rópria metralhadora, ele a encontrou a inda em plena ação, e justamente quando estava removendo -a para nova posição, os turcos começaram a vir em massa em direção às nossas linhas. A única chance era enfrentá -los cara a cara; então, saltando para cima do pa rapeito, Massey e sua equipe varreram o inimigo que avançava com o fogo da sua metralhadora. Mas poucos minutos se passaram até que todos os membros da equipe, exceto Massey e outro homem, tivessem sido atingidos. Eles se mantiveram firmes em sua posição, e resistiram até o fim. Como saíram de ssa vivos, eles nunca conseguiram entender. A ambos foi concedida a *Distinguished Conduct Medal* e, mais tarde, a Medalha de Prata sérvia.

SOLDADO A. E. BENTLEY, D.C.M.

(1º Bedfordshires; Escoteiro, Tropa de Cheshunt)

[88] Trincheira rasa, de ligação.

Foi em Violaines, a umas oito milhas d e Ypres, que outro Escoteiro encontrou uma oportunidade de elevar o espírito Escoteiro às alturas do heroísmo, e mostrou que uma boa ação, praticada com bravura e fielmente, pode ser o meio de salvar a vida de um compa nheiro.

Os alemães estavam dando aos n ossos rapazes condições infernais. Em meio ao incessante tiroteio de armas leves vinha, a cada cinco segundos, o rugido de um obus, como um grande trem expresso invisível, aumentando à medida que se aproximava, e termi nando com um estrondo que parecia sacu dir os próprios fundamentos da terra. Homens caíam por todos os lados. Não havia tempo para simpatia ou piedade. Tratar dos feridos estava fora de questão ðtodo homem apto a combater precisava combater.

O 1º Beds esta va no mais denso da luta, e em seu mei o havia um Escoteiro. É contra a natureza de um Escoteiro ver pessoas precisando de ajuda, ouvi -las gritar por auxílio, e ainda assim ser incapaz de ouvir, d e ò c o n t i n u a r ó . A t ® u m a n i m a l f e r i d o ® u tratado. Mas na guerra, o dever de d ureza vem primeiro: era o dever deste Escoteiro usar seu fuzil para deter o inimigo.

Mas não demorou muito para que o fuzil ficasse esquecido na lama, e ele estivesse livre para voltar seus pensamentos para salvar vida s, em vez de tirá -las.

Um grande fragm ento de um obus infligiu -lhe um ferimento severo na coxa. Pareceu -lhe como se tivesse levado uma marretada em cheio. O choque levou -o ao chão, e por um tempo ele ficou deitado, meio tonto e tentando entender o que havi a acontecido.

Então, ele começou a sen tir o sangue morno ensopando suas roupas e uma queimação que se tornava cada vez pior à medida que a estupefação do choque inicial ia passando.

Qualquer movimento aumentava a dor: parecia que a única coisa a fazer era ficar deitado quietinho e torcer para que os alemães não tomassem a trincheira, e esperar que os padioleiros viessem.

Paredes enlameadas e uma faixa de céu cinzento, era tudo que ele podia ver. Longe, acima dele, soava o estampido dos tiros de fuzil, o som confuso de ordens, o estrondo de obus es cujas vibrações pareciam reabrir seus ferimentos. E então, no meio do ruído da guerra, veio outro som, de bem perto, que tocou seu coração Escoteiro e o fez esquecer sua própria dor. Um homem estava gemendo em agoni a, e murmurando apelos pelo socorro qu e não vinha. A dor estava quebrando -lhe o espírito, e seu próprio sangue estava fluindo para fora, ensopando a terra.

Era mais do que Bentley podia suportar. Arrastando -se para cima, ele viu o homem. Seu treinamento Es coteiro disse -lhe que a imediata aplic ação dos primeiros socorros poderia significar o salvamento daquela vida.

De início, parecia impossível arrastar -se por uma distância tão grande, encarando a intensidade de sua própria dor. Mas o choro abafado do rapaz que precisava de sua ajuda tocou -lhe o coração; e a lembrança do grande ideal de serviço que ele tomara como seu envolveu seu espírito com corajosa determinação. Uma boa ação que não custa nada dificilmente é uma que vale a pena, todo Escoteiro sabe disso . Aqui, afinal, estava uma chance supr ema ð uma boa ação que lhe custaria mais dor que toda a que muitos homens poderiam ter em toda uma vida, e poderia até mesmo custar -lhe a vida!

Dolorosamente, ele se arrastou pelo enlameado piso da trincheira, até finalmente chegar ao lado do ferido. Ele n ão tinha dúvidas quanto ao que fazer. A muita prática o havia tornado familiarizado com o uso do tampão e da bandagem. Muitas vezes, no velho salão de reuniões, ele se re presentar a atendendo a um ho mem ferido , e aplicara um torniquete ou uma tipoia em algu m irmão escoteiro, de modo a, caso a necessidade aparecesse, ele estar preparado.

Por fim, o trabalho foi feito e ele se reclinou, exausto.

ò O b r i g a d o , c o m p a n h e i r o . . . o b r i g a d o . . . õ , Ele estava um pouco mais tranquilo agora, e, melhor aind a, estava

reconfortado, pois um amigo o havia tratado tão bem quanto sua mãe o teria feito; ele não estava mais sozinho, esquecido, largado para morrer sem ninguém se importar.

Mas a missão de Bentl ey ainda não havia acabado. Os débeis gemidos de outro com panheiro caído chegaram aos seus ouvidos. Mais uma vez ele se muniu de coragem para o esforço. Polegada após polegada, ele arrastou seu sofrido corpo pela trincheira. Com cuidado e paciência ele deu assistência a outro homem de quem a morte estava querendo se aproximar. Mas sua tarefa ainda não estava concluída. A um terceiro homem ainda ele atendeu e confortou; e caindo para trás, exausto, ele se deitou para esperar pela morte.

Mas não era para ser assim. Depois de passadas oito longas horas, o socorro vei o. Os padioleiros percorreram a trincheira. Pegaram - no e levaram -no para lugar seguro. E apanharam também três outros homens que, se na fosse pelo habilidoso cuidado com seus ferimentos, teriam morr ido horas antes. E cada um desses três homens contou a mesma história: como um camarada havia rastejado até ele e feito o atendimento, apesar de ele próprio estar ferido como ele e com dores terríveis.

SOLDADO H. C. BULL, D.C.M.

(2º Btl /4º Regimento de Londres; Escoteiro, 2ª Tropa [The Bostalls])

ò E s t e s padioleiro de uma companhia, trabalhou como um super -homem, sem absolutamente tomar em consideração qualquer perigo. Ele trabalhou continuamente por quatorze horas, e durante duas das mais intensas barragens do inimigo, e sem dúvida salvou muitas vidas. Su a devoção ao dever foi extraordinária, e ele foi o meio de inspiração extrema de confiança em todos os integrantes de sua companhia, numa situação extremamente difícil e num perío do da m a i o r a n s i e d a d e ó . A s s i n a : - V C o r o n e l R . ð 2º/4º. D a n n , London Regt.

Foi um Escoteiro que foi assim citado pelo seu Comandante de Unidade, e por sua esplêndida coragem ele recebeu a *Distinguished Service Medal* . Por inspiradoras que possam ser as poucas linhas que citamos, temos certeza de que outros Escoteiros gostariam de conhecer a história com maiores detalhes, e nós a damos aqui da maneira como nos foi contada.

Aconteceu em St Julien, a leste de Ypres, em setembro de 1917[89]. Os homens tinham recebido ordens de preparar-se para um ataque ao alvorecer. Ainda havia cinco horas de espera pela frente – cinco horas sem nada para fazer, a não ser conjecturar sobre como as coisas acabariam. Para muitos, essas foram as últimas cinco horas neste mundo. Que maravilha, passar suas últimas horas simplesmente esperando o momento de avançar com coragem, para servir à sua pátria amada e ao seu rei!

A chuva caía sem parar, num verdadeiro chuveiro. As horas de escuridão se arrastavam. Então, quando a luz cinzenta da aurora começou a se espalhar pelo céu no oriente, um som como o profundo ribombar de trovões começou, de trás das nossas linhas, e quase em seguida ouviram-se vozes a gritar o aguardado com parapeito, rapazes, e boa sorte para todos ó !

Transpondo rapidamente o topo da trincheira, os homens acharam-se olhando um panorama estranho , que antes o parapeito escondia. Era como se estivesse em andamento uma exibição de fogos de artifício nas elevações adiante. Pois por toda parte havia o estranho brilho das explosões dos obuses, e os frenéticos sinais de socorro dos alemães. Mas logo essa curiosa visão foi esquecida, pois nossos homens estavam cara a cara com os boches.

---

[89] Houve quatro Batalhas de Ypres, na Primeira Guerra Mundial: a Primeira, de 19 de outubro a 22 de novembro de 1914; a Segunda, de 22 de abril a 15 de maio de 1915, na qual se registrou o primeiro emprego de gás na Frente Ocidental; a Terceira, de 31 de julho a 6 de novembro de 1917, também conhecida como Passchendaele; e a Quarta, de 9 a 29 de abril de 1918, também conhecida como Batalha de La Lys.

Bull era padioleiro do regimento, e viu que não demoraria para seu traba lho começar. Ele estava ao lado de seu comandante imediato, quando três alemã es apareceram bem em frente, com as mãos para o alto em sinal de rendição. Nossos homens seguiram em sua direção, mas, súbito, a uns 25 metros, o homem do centro sacou um revólver e alvejou o oficial no coração. No mesmo instante Bull estava no chão ao seu lado, mas não havia nada a fazer ðele estava morto.

Por todo lado nossos homens caíam, pois os canhões alemães estavam respondendo à nossa barragem. No tempo de dois minutos desde a partida, oito padioleiros tinham morrido. Bull, com os remanescentes, de u início à sua árdua missão; dentro de uma hora e meia, haviam sobrado apenas ele e mais dois para cuidar dos feridos de quatro companhias e dos operadores das metralhadoras!

Aqui estava um grande problema com que lidar, e demandou toda a presença de espír ito, energia e determinação de um verdadeiro Escoteiro para fazer -lhe frente, e todo o amor pelo serviço ao próximo e o entusiasmo por salvar vidas. Mas, além disso, exigiu o máxi mo de coragem, pois o fogo das metralhadoras varria o campo de batalha, e os obuses explodiam sem cessar.

Aqui vai apenas um incidente entre as muitas experiências que esse bravo Escoteiro viveu, naquelas terríveis quatorze horas.

Percorrendo com a vista o terreno à frente, em busca de sinais de vida entre as muitas formas prostrad as no chão, ele viu, bem adiante em direção às linhas alemãs, uma mão acenando em uma cratera de obus. Era um sinal de socorro que não podia ser ignorado. Rastejando bem baixo, Bu ll conseguiu chegar à cratera. O soldado estava bastante ferido, e levou algu m tempo até que pudesse ter os ferimentos adequadamente tratados.

Enquanto estava engajado nessa tarefa, Bull ouviu gemidos por perto e, terminando de atender seu paciente, rastej ou para a próxima cratera. Lá estava um coitado com as duas pernas quebradas. Ele estava com dores terríveis , e pouco havia que se pudesse fazer para

aliviá-lo, mas Bull arrumou suas pernas na posição mais confortável que pôde e rastejou de volta para o outro homem; para sua surpresa, encontrou-o morto.

Mas o soldado não morreu dos ferimentos que Bull tratara – é que naqueles cinco minutos em que Bull o deixara, ele foi atingido novamente. Aqueles gemidos, fracamente ouvidos entre os estrondos dos canhões, haviam atraído Bull para longe da morte praticamente certa, e forçosamente veio a ele a percepção de que algum Poder Superior estava olhando por ele e protegendo-o.

Mais e mais homens precisavam de atendimento e, apesar do cansaço, Bull seguiu o lema Escoteiro: "Nunca largue mão".

Hora após hora ele mourejou, sem pensar em sua própria segurança, sem notar o seu cansaço. Mas por fim, ele próprio foi ferido. Ele não tinha como andar até o posto de socorro, só podia deitar-se e esperar. E mesmo sofrendo com sua própria dor, seu primeiro pensamento era para os outros, pois à medida que feridos passavam por ele rastejando, ele não os deixava ir adiante sem tratar seus ferimentos e dar-lhes um gole d'água. Ele passou a desassistido. Não foi antes do meio-dia seguinte que ele pôde chegar ao posto de socorro.

Seu ferimento rendeu-lhe uma viagem de volta para Blighty, e lá ele recebeu sua bem merecida recompensa.

ROBERT GIDLEY, *Croix de Guerre*

(Croix Rouge Français, Section Sanitaire Ecossaise nº 20; Escoteiro, 3ª Tropa de Chiswick)

Para todo Escoteiro de verdade, a guerra trouxe um irresistível chamado para servir ao rei e à pátria. Aqueles cuja juventude ou condição de saúde impediu de entrar nas Forças Armadas ficaram amargamente de sapontados, e contam-se muitas histórias sobre as maneiras pelas quais eles buscaram esquivar-se das autoridades, e pôr-

se a campo para fazer a sua parte. Poucas histórias talvez se equiparem à de Bob Gidley, por sua heroica perseverança.

Bob Gidley teve u ma notável carreira, um exemplo e inspiração para seus irmãos Escoteiros. Ele ingressou na Tro pa de Chiswick antes de ter 12 anos, e permaneceu sendo membro dela. Era um garoto de certa maneira delicado e reservado, mas seu grande valor foi demonstrado qua ndo, aos treze anos, ele salvou uma criança de se afogar, em Strand -on-the-Green.

Em julho de 1914, Bob estava na Bélgica com uma turma de Escoteiros, e ainda estava naquele país quando da invasão pelos alemães. Retornando para casa, ele imediatamente se v oluntariou para o serviço de guerra escoteiro, e serviu alguns meses no Ministério das Relações Exteriores. Antes de completar 15 anos, ele juntou -se ao R.N.A.S. (Royal Naval Air Service) como motociclista mensageiro, e foi transferido para a seção de carr os blindados (curiosamente, foi também a primeira unidade britânica a pôr em operação carros b lindados para missões de reconhecimento e combate). Foi promovido a Suboficial de 1ª Classe, e mais tarde qualificou -se como observador aéreo, tendo feito algumas ascenções.

Depois de uns quatorze meses de serviço, ele foi recomendado para ser comissionado oficial no Exército, e foi enviado para o Batalhão de Cadetes Oficiais em Oxford. Ele permaneceu lá uns seis meses, mas o treinamento era tão severo que sua saúd e ficou abalada, e sua idade ð na ocasião, 16 anos e 10 meses ð foi descoberta. Em consequênci a, ele foi licenciado do serviço ativo, mas determinado a ir para o *front*, ele imediatamente alistou -se na Cruz Vermelha Francesa, no Comboio da Seção Sanitária E scocesa nº 20. Ele partiu para a França pela última vez em 27 de março, e podemos citar uma no ta encaminhada pela Cruz Vermelha Francesa: òAp·s poucas semanas em carreira de autossacrifício foi coroada pela morte com a maior bravura a serviço do pr·ximoó.

Alguns podem chamar a esse evento "uma grande demonstração de sejo de Bob Gidley foi *servir*, como se pode ver dos seus destemidos esforços e, afinal, morrer pela causa em que se crê é dar-lhe o supremo serviço; como disse o Maior de Todos os Heróis: "Não tem maior amor do que aquele que dá a vida".

A história de como este jovem herói deu a vida é curta e simples — apenas mais um exemplo de um Escoteiro, fiel ao seu dever e altruísta.

Como já foi dito, Bob Gidley juntou-se à Cruz Vermelha Francesa. "O trabalho feito por essa, necessariamente, é ambulância de natureza arriscada, tal que só podia ser assumido por quem tivesse nervos e coragem", como disse um dos oficiais pais. Dirigir as ambulâncias da cidadezinha que era o estacionamento da seção até o *front* estava muito longe de ser a parte menos perigosa e cansativa do trabalho. A estrada era frequentemente batida pela artilharia alemã e, uma vez iniciada a jornada, é claro que não havia jeito de se abrigar.

Um dia, quando Gidley, acompanhado por outro homem, dirigia uma ambulância por essa perigosa estrada, começou um intenso bombardeio. Eles puseram os capacetes e continuaram corajosamente a correr em direção à linha de frente. Mas o bombardeio tornou-se tão intenso que eles foram obrigados a parar, intentando retroceder um pouco para encontrar alguma espécie de cobertura.

Gidley acabava de começar a dar ré no veículo, quando, com uma tremenda explosão, um obus deflagrou exatamente em frente deles, e o para-brisas se espatifou em mil pedaços. O companheiro de Gidley, apesar de abalado pela concussão, estava incólume, e pensou, de início, que seu amigo também não recebera ferimentos, pois permanecia sentado em seu lugar e o veículo continuava a andar em marcha à ré. Mas logo se evidenciou que o valente jovem motorista estava inconsciente e que havia recebido terríveis ferimentos na cabeça e no pescoço.

Os projéteis caíam com intervalos de poucos segundos, e o outro tripulante da ambulância decidiu que o mais acertado a fazer seria tentar levar a viatura de volta para uma posição mais segura. Ele conseguiu levar o veículo por mais uns 60 metros, quando as rodas traseiras cederam e a viatura ficou imobilizada. Com o auxílio de a lguns soldados franceses e de outra ambulância, o bravo Escoteiro foi levado de volta para o h ospital, onde morreu meia hora depois.

Seu chefe escreveu: òEm sua nobre miss« seu filho fez o supremo sacrifício e nós fazemos reverência em honra de sua mem· riaó.

SOLDADO FRANK G. HUGHES, M.M.

(Royal Fusiliers; Monitor, 114ª Trop a de São Pedro, Manchester)

Foi durante as operações ao sul de Albert, em 22 de agosto de 1918, que um Monitor de Manchester mostrou de que são feitos os Escoteir os de Manchester.

Era bem cedo pela manhã. Mantendo -se cuidadosamente sob cobertas, uma pequen a equipe avançava em direção a um certo ponto junto ao rio Ancre. Todos na equipe sabiam que a missão na qual estavam empenhados não era nada do que no Exército s e diz ògalho fracoó, pois eles tinham vindo para instal com os hun os por perto.

Entretanto, não foi antes de chegarem ao destino que eles constataram a dimensão da terrível tarefa que iam assumir. Nem bem começaram os preparati vos para o trabalho quando, com um chocalhar ensurdecedor, metralhadoras abriram fogo contra e les, da outra margem do rio, a pouca distância. Era impossível lançar a ponte sem se expor, e expor -se pelo tempo que demandava para instalar a ponte da maneira u sual, significaria praticamente morte certa. Parecia impossível saber o que fazer, quando o ún ico membro da equipe que era um Escoteiro resolveu o problema ao saltar para dentro do rio. Prendendo a extremidade da ponte, ele nadou através do rio com ela, aq ui e ali

desaparecendo debaixo dõ§gua, mas òsem la
como um Escoteiro d e verdade.

O fogo de três metralhadoras foi dirigido contra ele, mas era como se uma mão invisível o protegesse. Por fim, ele havia transposto o rio e colocado a extremidade da ponte em posição. Então, ainda incólume, ele fez o caminho de volta atravessand o a água, para juntar -se aos seus companheiros.

O relat·rio oficial diz: òSem d¼vida, Hughes contribuiu significativamente para o sucesso desta Companhia em transpor o rioó.

SAPADOR SIDNEY J. KEMP, M.M.

(5º/9 ª London Field Company , Royal Engineers; Monitor, 2ª Tropa de St Pancras)

Foi numa incursão, em 24 de abril de 1917, que o Monitor Kemp conquistou a *Military Medal* ao fazer o que ele considerou meramente como parte do trabalho do dia a dia. Ele tinha a menor intenção de me fazer destacado em ação; ape nas fiz o que era meu deveró. Mas cumprir o dever neste coragem e autossacrifício que não poderia passar despercebida.

Kemp fazia parte da equipe dos *Royal Engineers* que acompa nhou o Destacamento de Infantaria do Centro, e estav a encarregado dos torpedos Bangal ore[90]. De início, tudo correu bem no avanço, mas quando se alcançou o terceiro cinturão de arame farpado, descobriu -se que ele não havia sido cortado. A equipe dos *Royal En gineers* veio à frente, como era preciso, e posiciono u um torpedo Bangalore contra o arame inimigo. Era um serviço perigoso, pois um nutrido fogo a curta distância foi dirigido sobre eles.

[90] Aparato explosivo empregado na destruição de obstáculos de arame farpado. Consistia num longo tubo de seções que se encaixavam, dentro do qual corria uma carga explosiva. A explosão ao longo do tubo, que era colocado junto aos obstáculos de arame, deveria destruí-los numa extensão que permitisse passar pela brecha.

A pequena equipe retirou-se, esperando ouvir a qualquer minuto a explosão do torpedo. Entretanto, alguma coisa impediu que isso acontecesse. Com serena coragem e total desconsideração pela própria segurança, Kemp fez meia-volta, retornou ao local do torpedo e acendeu novamente o estopim. Desta vez o artefato realmente explodiu, destruindo o arame e permitindo ao destacamento tomar de assalto as trincheiras alemãs.

CAPÍTULO IV
HERÓIS ESCOTEIROS DA MARINHA

GRUMETE DE 1ª CLASSE JOHN TRAVERS CORNWELL [91], V.C.

(*HMS Chester* ; Escoteiro, Missão de Santa Maria [Tropa de Manor Park])

Uma visão do futuro! Uma inspeção de Escoteiros por Sua Majestade, o Rei . Ao percorrer a linha cuidadosamente inspecionando os Escoteiros, Sua Majestade subitamente freia o cavalo e, parando, pergunta a um dos jovens: ò Que significa isso, meu rapaz? é enrubescendo e calando-se. Encontra, dificuldade em responder, mas por sorte o C ôCõ significa, Real Senhor, que este ® um Ele demonstrou, pelo seu caráter, ser do estofo de um Jack Cornwell, o jovem herói do Recife do Chifre. Vossa Majestade deve lembrar-se de como aquele garoto, apesar de mortalmente ferido, permaneceu sozinho em seu posto no *Chester*. Sentimos que isso foi um exemplo para nossos Escoteiros seguirem, e por isso instituímos a Insígnia Cornwellió. Sim Jack Cornwell era um Escoteiro ð um autêntico Escoteiro. Ele pertenceu à Tropa da Missão de Santa Maria, em Manor Park, e era um camarada muito dedicado. Sua mãe diz:

ò Ele era tão orgulhoso do distintivo que conquistara. Frequentemente eu pensava no quanto aquilo que ele aprendeu no Escotismo o ajudou na Marinhaó.

E a seguinte carta, do Chefe Escoteiro J. F. Avery, da 21ª Tropa de East Ham:

ò Conheci Cornwell tanto como Escoteiro quanto na vida privada. Ele sempre foi o que eu costumava era difícil demais para ele. Ele tentaria cumprir qualquer tarefa, não

[91] Jack Cornwell (08/01/1900–02/06/1916) foi a terceira pessoa mais jovem a receber a *Victoria Cross*. Os outros foram Andrew Fitzgibbon (1845–1883), que recebeu a sua em 1860, e Thomas Flinn, que a recebeu em 1857 (ambos com 15 anos e três meses de idade).

importa quão difícil fosse. Ele era simplesmente aquele tipo de rapaz apto a encontrar um fim bravo e glorioso. Não creio que ele soubesse o que era medo. Após passar pelas provas de Pata-tenra, ele lutou pela Segunda Classe, que conquistou, e manteve a pressão para batalhar e conquistar a Insígnia de Mission ário. Foi o máximo de progressão que ele alcançou, pois, com a deflagração da guerra, os Chefes de sua Tropa se alistaram, e a Tropa foi dissolvida. Também conheci Cornwell como um rapaz trabalhador. Ele sempre foi um bom garoto no trabalho e cumpria suas tarefas com animação.

E é exatamente isso o que foi dito dele mais tarde, quando, atendendo ao chamado de seu país, ele se alistou na Marinha como Grumete de 2ª Classe, e veio ficar sob a rígida disciplina dos mais antigos. Seus instrutores falavam bem dele – era um bom grumete. Não havia nenhum registro de transgressão contra ele.

Cornwell foi treinado em Keyham. Concluído seu curso lá, em abril de 1916, ele saiu como Grumete de 1ª Classe, com o dobro dos seus vencimentos anteriores. Ele passou alguns dias em casa com sua mãe, contando-lhe dos seus feitos e das suas esperanças de que não demorasse muito para ele "entrar em ação". Ele recebeu ordens de apresentar-se em seu navio, o cruzador *HMS Chester*, na segunda-feira após a Páscoa. Parecia duro ter de partir em tal feriado, mas quando alguém manifestou pena, ele riu e respondeu: "Perceba, é simplesmente uma questão de envergonhado para sempre se chegasse tarde e viesse a ter registros negativos sobre meu nome".

Seguem-se algumas datas que todos nós conhecemos: William, o Conquistador, 1066 [92]; William Rufus, 1087 [93]; Batalha de Trafalgar,

[92] Guilherme da Normandia invadiu a Inglaterra em 1066; com a derrota do rei Harold na batalha de Hastings, tornou-se rei da Inglaterra; foi o último invasor bem-sucedido da Ilha.

[93] William Rufus, filho do Conquistador, reinou na Inglaterra de 1087 a 1100.

1805[94]; Batalha de Waterloo, 1815[95], e por aí vai. Há uma outra que jamais esqueceremos: 31 de maio de 1916, a da Batalha da Jutlândia, a primeira grande ação naval lutada pela Esquadra Britânica em mais de um século.

Noutros livros você pode ler sobre tudo que os marinheiros fizeram na Grande Guerra, e a história completa desta tremenda luta quando, após longos meses de espera, a Esquadra Alemã afinal saiu para dar combate e foi empurrada de volta ao seu porto seguro, avariada e batida pela gloriosa Marinha Britânica. Vou tratar agora apenas do papel representado na Batalha da Jutlândia pelo *HMS Chester*[96], no qual Jack Cornwell vinha servindo havia pouco mais de um mês.

Vez após outra, durante a guerra, a Grande Esquadra britânica sob o Almirante Sir John Jellicoe varreu o Mar do Norte em busca da Esquadra germânica, e, em 30 de maio de 1916, ela novamente partiu de sua base no longínquo norte da Escócia [Scapa Flow]. A flotilha de cruzadores de batalha, sob o comando do então Vice-Almirante Sir David Beatty, estava mais ao sul, fazendo reconhecimento para os navios maiores. Em 31 de maio, a Esquadra alemã sob o comando do Almirante Von Scheer também se fez ao mar, e movimentou-se rumo ao norte, com uma grande força de cruzadores de batalha, cruzadores ligeiros e contratorpedeiros em avanço, como uma cortina à frente da frota de batalha [os cruzadores pesados e encouraçados]. Grande foi a

---

[94] Batalha naval em que a esquadra britânica, sob comando de Horatio Nelson, derrotou a esquadra francesa e tirou a Napoleão Bonaparte quaisquer pretensões de ações em força no mar.

[95] Derrota final de Napoleão Bonaparte, no que desde 1830 é território belga.

[96] O cruzador ligeiro *Chester*, construído em 1914-15, tinha sido encomendado pela Marinha da Grécia; mas, com o romper das hostilidades em agosto de 1914, ele foi absorvido pela Marinha Britânica. O mesmo aconteceu com outros navios, como o encouraçado *Rio de Janeiro*, encomendado pela Marinha do Brasil. Lançado ao mar em dezembro de 1915, o *Chester* teve sua montagem e provas de mar finalizadas em 1916, pouco antes da Batalha da Jutlândia. Nesse confronto, sofreu 17 impactos de projéteis de 150 mm e teve 78 baixas (29 mortos, 49 feridos). Recuperado, continuou em serviço até o fim da guerra. Posto em reserva, em 1921 foi destinado ao desmanche. A peça servida por Jack Cornwell encontra-se preservada no *Imperial War Museum*, exposta como parte do acervo

alegria a bordo dos cruza dores brit ânicos quando, às duas e meia da tarde daquele dia memorável, veio a notícia de que o inimigo estava à vista. Foi mandado avançar a todo vapor, e os navios aceleraram at r avés das águas para enfrentar e isolar os cruzadores alemães; estes, quando descobrira m que os britânicos estavam lá em força, fizeram meia - volta para reunir -se à sua Esquadra de Batalha. Aos quinze para as quatro, ambos os lados abriram fogo. No início da batalha, a sorte favoreceu os alemães, que lutaram bem e com bravura. Em me nos de mei a hora, dois dos nossos melhores navios haviam sido atingidos e postos a pique, mas apesar dessas perdas Sir David Beatty continuou a perseguir e golpear os cruzadores germânicos, até que, às cinco horas, toda a Esquadra de Batalha alemã chegou a o local. A gora o Almirante britânico mudou sua tática. Determinou -se a atrair a esquadra alemã para o norte, em direção à Grande Esquadra britânica, que ele sabia estar chegando logo atrás de sua força na maior velocidade que podia, então ele virou para o norte nova mente, com os alemães no calor da perseguição.

Na dianteira dos gigantescos navios de Sir John Jellicoe, agora arfando pelas ondas para reunir -se aos cruzadores de Sir David Beatty , vinha o 3º Esquadrão de Cruzadores de Batalha, ao comando do Con tra - Almira nte Hood ð são nomes para serem lembrados ð e ele recebeu ordens para juntar -se a Sir David Beatty a toda pressa, e ajudar a conter o inimigo até que os encouraçados pudessem entrar na ação. O *Chester* pertencia a esse 3º Esquadrão. Às cinco e mei a, o almir ante Hood viu clarões de trios de canhão e ouviu o som à distância. Enviou, então, o *Chester* à frente para descobrir o que estava acontecendo e relatar -lhe.

O *HMS Chester* é um veloz cruzador ligeiro. Não havia muito tempo que tinha sido construíd o, e a Bat alha da Jutlândia era seu primeiro combate. Quando chegou a ordem do Almirante Hood, cada oficial, cada praça, cada grumete a bordo sabia que afinal sua grande hora havia chegado, aquela pela qual haviam trabalhado e treinado

duramente. Era logo depois das cinco e meia, e apesar de ainda haver boa luminosidade, a neblina começava a se levantar ao longe, e da névoa a frota alemã vinha em sua direção. Essa neblina teve grande significado na Batalha da Jutlândia, pois vocês entenderão de imediato que enquanto é fácil disparar da orla do nevoeiro contra um navio destacado pelo sol contra a linha do horizonte, é *muito* difícil acertar um alvo disparando da área luminosa em direção à neblina distante, como o *Chester* teria de fazer.

A bordo do *Chester*, havia aquele silêncio tenso que sempre precede a tempestade da ação. Os conveses haviam sido esvaziados, todos os oficiais, praças e grumetes estavam em seus postos de combate, tal como já se haviam posicionado centenas de vezes nos treinamentos – mas desta vez era para valer, nada de faz-de-conta. Tudo e todos estavam *prontos*.

Do lado esquerdo do escudo do canhão de 6 polegadas [97] de vante, quase tocando-o, estava, de pé, Jack Cornwell – pronto. Instalado em sua cabeça e cobrindo suas orelhas estava o que se chama combinado. Você já deve ter visto gente em centrais telefônicas usando esse tipo de aparelho. Em lugar de colocar um receptor para que você o segure junto à orelha, há dois receptores (fones) que se prendem por uma ação de pinça sobre as duas orelhas, com o fone na extremidade de uma haste curva, diante da boca, de modo a deixar as duas mãos livres. Um cabo saía do combinado e chegava ao Oficial de Artilharia do *Chester*, e por esse cabo vinham as mais importantes mensagens para as guarnições dos canhões: as ordens do Oficial de Artilharia sobre quando e como abrir fogo. Agora vocês podem perceber por que esse tipo de dureza é apresentado no treinamento de garotos como Jack Cornwell; agora vocês podem ver onde entra a disciplina. Vocês não devem ter

[97] Na verdade, o *Chester*, diferentemente doutros navios de sua classe, não era armado com canhões de [illegible] recomendada Marinha Real, que preferiu peças com [illegible] maior cadência de tiro, apesar do poder destrutivo pouco menor. Tinha 10 peças principais, distribuídas da seguinte forma: uma à vante; uma à ré; e as outras oito distribuídas ao longo das laterais do navio simetricamente.

perce bido, assim como poucos de nós até então percebêramos, que um rapazinho dessa idade pode desempenhar, e desempenha , um papel tão imp ortante no grande jogo de vida e morte a bordo de um navio em ação de combate.

Jack Cornw ell era o apontador da peça de va nte do *Chester*. Se essa arma atingiria o inimigo ou erraria dependia amplamente da calma e da rapidez com que ele executasse as orde ns recebidas pelo telefone. À sua frente estava um disco de bronze, girando sobre um eixo central como uma roda. Um toque, u m giro nesse disco, e a boca do cano do canhão era elevada ou abaixada ð por isso é que as mãos de Jack Cornwell tinham de ficar liv res, e por isso é que ele tinha de usar o combinado na cabeça. Pois *ele* é que tinha de girar aquele disco. O Oficial de Arti lharia no passadiço determina, digamos, que se ajuste a arma para atingir um alvo a 10.000 jardas. Gira -se o disco até que a marcaçã o n a s u a b o r d a i n d i c a n d o ò 1 0 . 0 0 0 ó e s t e n a p l a c a d e b r o n z e a b a i x o d e l a . V nte m o c o m a que você possa repeti -lo, ou mesmo pensar no seu significado, o disco g i r a a t ® q u e a s e t a a p o n t e p a r á , 1 0 u 3 0 0 j a i r e a seta aponta para 9.900 jardas. Não parece muito difícil, não é? De fato, não é ð se você estiver tão tr einado e pronto que cada ordem é executada sem um segundo de retardo. Mas você tem de ser muito rápido, muito preciso, muito atento e obediente à voz na outra ponta do f i o . S u p o n h a q u e v o c ° 3 0 0 *a c i m a* ? E c e r t a m e n t e ò O q u ° ? quis dizer 300 *abai xo*. Ultimamente só vimos baixando a arma. Em vez d e s u b i r , v o u b a i x a r 3 0 0 ó . E n t E r r o ! E v e m a c culpa sua, ta mbém, pois o Oficial de Artilharia pode ver e você, não, e o inimigo estava se afastando e o seu tiro caiu curto. Sua culpa! E talvez tenha sido a última chance de obter o impacto, e talvez como resultado desse movimento errado o *seu* navio seja atingido, e muitas vidas preciosas sejam perdidas, e um grande navio seja afundado. Pode significar a perda da batalha, e a derrota na batalha pode significar a derrota na guerra. Quem pode dizer?

Não é tão difícil na prática se você se dispõe a esquecer-se de si mesmo e colocar todo seu coração, alma e corpo no trabalho de levar a efeito cada ordem, do jeito que venha – mas não é tão fácil quando a situação é para valer.

O *Chester* esteve em ação por cerca de vinte minutos. Mas que minutos foram esses! Um quarto de hora após adiantar-se sobre seu esquadrão, ele estava no mais intenso da luta com três ou quatro cruzadores inimigos. Era no mínimo três para um, como vocês podem notar, mas o *Chester* em momento algum vacilou. Enfrentou os três, atingiu-os e, vinte minutos depois – mais ou menos às seis e cinco daquele entardecer – reuniu-se ao esquadrão de cruzadores de batalha, com seu trabalho nobremente e exitosamente cumprido.

Quisera eu poder dar-lhes um retrato desses vinte minutos. Mas ninguém é capaz disso. Mesmo aqueles que os viveram lutando e sobreviveram para contar a história são incapazes de fazê-lo. O ruído, o choque, a tensão são tão tremendos que a lembrança do combate é obscurecida e confusa. Todo homem fica tão envolvido no que tem de fazer, que não tem tempo nem desejo de pensar ou ver o que está acontecendo com qualquer outro, ou mesmo ao próprio navio. Não há espectadores, não há plateia a bordo de um navio em ação, ninguém para marcar os resultados, nenhum juiz de linha, nenhum repórter. Tod Comandante Lawson no passadiço até o foguista na praça de máquinas lá embaixo, até Jack Cornwell em pé junto à sua peça, cada um a bordo tinha seu tremendo dever a cumprir, e quando, depois daqueles vinte minutos, o *Chester* reuniu-se ao esquadrão, ainda em dispositivo de combate, foi porque todos eles haviam se esquecido de si mesmos e pensaram apenas em sua missão.

No momento em que o combate começou, a torre do canhão de vante do *Chester* recebeu toda a força do fogo inimigo. Que força era essa, só quem esteve em uma tal luta pode imaginar. Toneladas de metal voando pelo ar a 1.000 m/s explodem sob o convés ou batem na blindagem que protege o canhão. O ruído quase arrebenta os tímpanos,

os clarões são cegantes, e o cheiro de cordite e pintura queimada congestionam a respiração.

Jack Cornwell permanece junto à sua peça, sua mão no disco. Há uma explosão que quase o lança ao ar. Um homem cai a o seu lado, cortado pelos estilhaços de uma granada inimiga ð morto; outro lança os braços para cima e cambaleia, horrivelmente mutilado, pelo deck; e outro, e mais outro. Um estilhaço corta o corpo de Jack Cornwell, perfurando, cortando sua carne. A equip agem do canhão, da *sua* peça, estava sendo ab atida, homem a homem. Em poucos minutos, restam apenas três dos nove que o acompanhavam quando entraram em ação. Então, um projétil explode bem acima da peça e passam a restar apenas dois, que se abrigaram. Jack Cornwell está ali, em pé, sozinho, sem nada a protegê-lo dos tiros, e ele mesmo seriamente ferido. Sozinho. À sua volta, os mortos e os moribundos; ele mesmo rasgado, sangrando, enfraquecido pela dor e pelo horror das visões e ruídos do combate, pois a gue rra é horrível.

A missão de Jack Cornwell es tava cumprida. Não havia sobrado ninguém para disparar o canhão. Não vinham ordens pelo fio; não havia quem as cumprisse, se viessem. Ele podia ir abrigar -se com os outros ð poderia, talvez, aliviar um pouco a do r. Ele poderia rastejar para os conveses inf eriores, onde os feridos estavam recebendo cuidados ð lá havia médicos que poderiam ajudá -lo e dar -lhe algo para parar a dor. Ele fizera sua parte, ninguém poderia acusá -lo de nada se ele cuidasse de si mesmo ago ra.

Então, veio à sua mente, das lembranças de seus tempos de Keyham, a velha diretriz da Marinha segundo a qual um canhão deve ser mantido em ação enquanto houver um homem capaz de rastejar para manejá -lo. Nesse caso, seu trabalho não estava findo! Ele ai nda podia ser necessário. Poderia ainda have r trabalho para ele. Seu dever era ficar junto à peça e aguardar quaisquer ordens que viessem, ficar até ser liberado, ficar na esperança de que outros tomassem o lugar dos caídos, ficar junto à sua peça até cair . E ele não cairia. Ele trincou os

dentes, r etesou as mãos, quase esqueceu a dor buscando ouvir se vinha alguma voz do outro lado do fio, sua mão ainda alcançando o disco para executar o comando que viesse. Sozinho de todo ð ouvindo e vigiando, Jack Cornwe ll ficou junto à sua peça ð ò e s p e r a n d s o ó . o r E d e a n s s i m e l permaneceu até que o combate terminou e o *Chester* navegou de volta para seu esquadrão, golpeado, cheio de estilhaços e de vergões, mas ainda pronto para outra luta.

O *Chester* fez bem o seu papel. Ele retornou com o que restava de sua tripulação e de seus canhões para junto do terceiro esquadrão de cruzadores de batalha, que imediatamente entrou em ação. Nossas perdas foram pesadas : navios esplêndidos, com homens esplêndidos, tinham ido ao fundo, po is nunca devemos esquecer que, como o próprio Almirante Jellicoe disse, os alemães lutaram com grande bravura. Mas eles já sabiam que estavam derrotados, pois suas perdas ainda foram mais pesadas [98], e quando, mais tarde, a Esquadra de Batalha britânica junt ou-se à luta, o que restou da Esquadra de Alto -mar germânica fez meia-volta e fugiu para o porto sob a cobertura da noite. A Batalha da Jutlândia foi, de fato, uma gloriosa vitória.

Quando o combate terminou e os feridos foram transpo rtados para baixo, os médicos viram que havia pouca esperança para Jack Cornwell. Tão logo foi possível, ele foi levado a terra, e colocado num hospital em Grimsby. Ele ainda era capaz de falar um pouco, e apesar da grande dor e de estar muito fraco para f alar, seu bom ânimo nu nca o deixou. A enfermeira -chefe perguntou -lhe como tinha ido a batalha, e e l e r e s p o n d e u , e m s i m p l e s l i n g u a g e m m a r i n h b e m ó . E s s a s f o r a m q u a s e s u a s ¼ l t i m a s p a l a v telegrama do Almirantado e estava a caminho pa ra ver seu garoto. No

[98] Naverdade, a esquadra alemã perdeu 11 navios na batalha, contra 14 da esquadra britânica. Entretanto, o grande resultado da Batalha da Jutlândia foi impor aos alemães mais receio de tirar seus navios da segurança do porto, mantendo a Grã-Bretanha com o domínio dos mares (apesar de, em 1917, esse domínio ser posto à prova com a campanha dos submarinos).

fim, pouco antes de morrer, ele disse: ò D i g a m ¨ m i n h a m « e q u e S e i q u e e l a e s t § v i n d o ó .

E agora quero que vocês leiam o que o comandante do *Chester* escreveu para a mãe do jovem, porque conta, em palavras qu e já fazem parte da hi stória britânica, a história do heroísmo de Jack Cornwell.

> Sei que a senhora desejaria saber das esplêndidas perseverança e coragem mostradas por seu filho durante a ação ocorrida em 31 de maio. Sua devoção ao dever foi um exemplo par a todos nós. Os ferime ntos que resultaram em sua morte num curto intervalo de tempo foram recebidos nos primeiros minutos do combate. Ele se manteve firme em sua exposta posição junto à sua peça, aguardando ordens. Mas a sua peça não atingiria o inimigo: t odos menos dois dos de z homens de sua guarnição estavam mortos ou feridos, e ele era o único a se conservar em lugar tão exposto. Mas ele sentiu que poderia ser necessário, e, de fato, poderia ser; então, ele permaneceu lá, em pé e aguardando, sob fogo pes ado, apenas com seu br avo coração e a ajuda de Deus a ampará -lo.
>
> Não tenho palavras para expressar -lhe minha admiração pelo filho que a senhora perdeu para este mundo. Nenhum outro conforto eu poderia tentar dar à mãe de um rapaz tão valente, senão o de as severar -lhe o que ele foi e o que ele fez, e que exemplo ele deu.
>
> Pretendo colocar no refeitório dos grumetes uma placa c o n t e n d o s e u n o m e , c o m a d a t a e a s p a l a v
> Espero que algum dia a senhora possa vir e vê -la ali. Não deixei de leva r seu nome, com o devi do destaque, ao Almirante sob cujas ordens sirvo.

E quando, depois, o Almirante Jellicoe escreveu seu relatório oficial da Batalha da Jutlândia, acrescentou as seguintes palavras:

> Um relatório do comandante do *Chester* traz um esplêndido exemplo de devoção ao dever. O Grumete de 1ª Classe John Travers Cornwell, do *Chester*, foi mortalmente ferido no

> começo do combate. Não obstante, ele permaneceu em pé, sozinho, num lugar altamente exposto, calmamente aguardando ordens até o fim da ação, com a equipagem da peça morta e ferida ao seu redor. Ele tinha menos de dezesseis anos e meio de idade. Eu lamento que Le tenha então falecido, mas recomendo seu caso para louvor especial em justiça à sua memória, e como reconhecimento do elevado exemplo dado por ele.

Maravilhosas, emocionantes palavras essas, mas, para que ninguém se esqueça, que, como eu disse, Jack Cornwell, o herói, era um garoto como tantos outros, vou transcrever a última carta que seu pai recebeu dele, poucos dias antes da batalha. Vocês gostarão de lê-la, porque é uma típica carta de um garoto comum.

> Querido Pai,
>
> Apenas algumas linhas em resposta à sua muito bem-vinda carta, que recebi na segunda-feira do primeiro correio em uma semana. Por isso é que o senhor passou um tempo longo sem receber carta. Obrigado pelos selos que me enviou. Estamos em algum[99] lugar da França designado como apontador de canhão. Caro pai, tive de começar a usar o lápis, porque minha tinta acabou, mas espero que o senhor considere isso menos importante do que receber uma carta; e lamento contar-lhe que nossa pobre velha amiga L. A. morreu, e ouso dizer que quando o senhor receber esta carta ela já terá sido enterrada. Tenho um monte de cartas para enviar para casa, então não dá para custear tanto, e está na hora de cerrar junto à peça, por isso, vou encerrando por agora; devo ter mais na próxima vez. Seu filho que sempre o ama, Jack.
>
> P.S.: Ânimo, camarada, ainda não estamos mortos!

O funeral aconteceu em 29 de julho, no Manor Park Cemetery. Escoteiros alinharam-se ao longo do trajeto, e um grande número deles,

[99] Como medida de contrainteligência, em serviço de guerra os militares não podem informar seu exato paradeiro.

liderados pelo Comissário Distrital, Sr. Frank Hamlett, juntou -se ao cortejo.

O caixão, coberto com a *White Ensign* [100], estava numa carreta de artilharia , puxada por uma equipe de grumetes do Depósito de Pessoal Naval do Cr ystal Palace. As carruagens que seguiam levavam, entre outros: o Dr. T. J. Macnamara, Secretário de Finanças do Almirantado; o Bispo de Barking; o Prefeito de East Ham, Sir John Bethell, membro do Parlamento pela Divisão de Romford; e membros da Câmara de Vereadores de East Ham.

Seis grumetes do *HMS Chester* , todos os quais haviam estado na batalha com seu falecido camarada, estavam no cortejo, e carregaram as coroas de flores mandadas do navio. Muitas outras coroas foram enviadas, incluindo uma do Lorde Pre feito de Londres, e uma do Almirante Beatty, trazendo esta simples mas profundo respeitoó.

O caixão foi retirado da carreta e carregado até a sepultura por uma equipe de marinheiros. Marinheiros, soldados e civis, todos descobrir am suas cabe-as e cantaram òPai Ete Salva-«oó, com seu familiar e animador ref no maró. O culto especial do pelo Bispo de Barking.

Após o serviço religioso, o Dr. Macnamara deu um passo à frente e disse: òVenho prestar meito à memória de um herói, e depor em seu túmulo, em nome da Marinha Real, uma coroa de pensamentos de amor e ternura. John Travers Cornwell avançou com seus camaradas pela sagrada causa em que as nações Aliadas permanecem engajadas. As esperanças e aspirações da juventude, as expectati vas de vigorosa masculinidade , os sonhos da vida, suas afeições, suas aventuras e suas oportunidades ð tudo isso ele depôs sobre o altar do dever. Ele morreu inscrevendo seu nome de maneira

[100] A insígnia de batalha da Royal Navy, hasteada permanentemente nos navios de guerra.

imperecível no rol de honra britânico. Já foi escrito que o bem qu e os homens fazem frequentemente desce com eles à sepultura [101]. Não é o que acontece aqui! Este túmulo será o local de nascimento de heróis. Dele virá inspiração que fará os corações mais bravos, os espíritos mais destemidos, e enobrecerá os propósitos das g erações dos súditos britânicos que ainda vão nascer. O Grumete Cornwell encontrará um relicário nos corações britânicos por tanto tempo quanto a fiel e inquebrantável devo ção ao dever for uma virtude estimada entre nós. Pensem nele! Procurem emulá -lo! Pois pelo seu sacrifício e da companhia de heróis a que pertence ð heróis de terra, mar e ar; heróis que repousam sob as ondas, nas planícies de Flandres, nas ásperas encostas de Galípoli, nas barrancas do rio Tigre, longe no *veldt* africano e no vale do Somme ð o ideal britânico de liberdade será mantido e nutrido, e não perecerá entre nós. Pela liberdade, eles avançaram para lutar e morrer. Pela liberdade seu sacrifício será j u s t i f i c a d o ó .

O Escoteiro -Chefe [Lord Baden -Powell] outorgou -lhe a *Bronze Cross*, nossa [do Escotismo] mais alta condecoração por heroísmo, que esperamos seja uma relíquia cara ao coração da família Cornwell [102].

GUARDA -MARINHA [103] DONALD A. GYLES, D.S.C., R.N.R.

(*HMS Broke* ; Monitor, 1ª Tropa Escoteira de Muswell Hills)

O Movimento Escoteiro é pa rticularmente orgulhoso do brilhantemente corajoso feito praticado pelo Guarda -Marinha Donald A. Gyles, do contratorpedeiro *HMS Broke*, que antes fora membro da 1ª Tropa Es coteira de Muswell Hills. Vejamos como isso ocorreu.

Em algum lugar ao largo de Dover, dois contratorpedeiros, o *Broke* e o *Swift*, em patrulha noturna pelo Canal [da Mancha], seguiam rumo oeste, quando, por volta de meia -noite e quarenta, o *Swift* avistou

[101] Shakespeare, *Júlio César*, ato III, cena II, dito por Marco Antônio.

[102] h ŜLJǡúłŦǡƨ ŜY ădzl· ă ŜLJdzfúdzNJl·Σ y˴ƨ a l· y˴ƨNJ t l·NJ ļ / ŜY Ŝ ú ŜNJ mas sim a conduta honrosa e a nobre disposição dz Ŝ Ŝ y˴ƎNJ l· y˴Ř Ŝ Ŏ Ŝ Y ƨ ă Ƙ ƨ Y Ŝ y˴ ă ε Φ

[103] Posto na Marinha que corresponde ao de Aspirante Oficial no Exército.

um a flotilha de seis contratorpedeiros inimigos, pela proa, a bombordo [esquerda] [104].

Sem hesitação, o *Swift* manobrou e correu direto para a linha de contratorpedeiros inimigos, tentando abalroar algum deles. Por azar, errou, mas bravamente retornou ao ataque, torpedeou um dos alemães e saiu em perseguição de outro.

Quando o inimigo foi visto pela primeira vez, o *Broke* navegava atrás do *Swift*. O *Broke* lançou um torpedo contra o segundo barco na linha alemã, atingiu-o e então abriu fogo com todos os seus canhões.

Luta corpo-a-corpo

As seis embarcações inimigas estavam agora navegando a toda velocidade a caminho de sua base, e emitiam uma luz baça de suas chaminés, o que deu chance ao comandante do *Broke* de decidir que táticas empregar. Ele fez seu navio guinar para bombordo e abalroou o terceiro barco a toda a velocidade.

Assim emaranhados, eles lutaram no estilo corpo-a-corpo dos tempos de Nelson. O *Broke* varreu os conveses do inimigo com tiros à queima-roupa. Porém, enquanto isso se passava, os dois contratorpedeiros alemães remanescentes despejaram fogo devastador sobre a valente belonave. As equipagens dos canhões de vante foram reduzidas de dezoito homens para seis, e o Guarda-Marinha Donald A. Gyles, apesar de ferido acima do olho direito, na perna e no braço, manteve as armas de vante em ação, com ele próprio ajudando a carregá-las.

Enquanto ele estava tão corajosamente empenhado, muitos alemães alucinados invadiram o castelo de proa do *Broke*, vindos do contratorpedeiro abalroado.

No meio dos mortos e feridos das equipagens das peças, meio cego pelo sangue de seu ferimento na cabeça, o enérgico guarda-marinha enfrentou a abordagem armado apenas com uma pistola.

---

[104] Trata-se da Segunda Batalha do Estreito de Dover, ocorrida em 21 de abril de 1917.

Um alemão grandalhão agarrou -o e tentou tirar -lhe a arma fumegante da mão, mas o huno acabou send o baionetado pelo Marinheiro Ingleson.

O restante dos alemães que fizeram a abordagem, exceção feita a dois que se deitaram e fingiram de mortos, fo ram empurrados para fora da amurada, sendo que os dois òfingidoresó

Poucos minuto s após abalroar o contratorpedeiro, o *Broke* conseguiu se libertar do navio alemão, que afundava e virou para abalroar o último navio da fila. Errou a corrida, mas atingiu o outro barco com um torpedo.

Esta é a história d o nosso modesto Guarda -Marinha.

Eu estava dormindo quando pela primeira vez se avistou o inimigo, e toda a tripulação foi chamada para os postos de combate, e eu fui para meu posto lá na frente. Os primeiros projéteis do inimigo atingiram a superestrutura do passadiço, arrancando uma das lat erais completamente, matando e ferindo alguns dos nossos tripulantes. Alguns dos homens que guarneciam a peça de bombordo nº 2, logo abaixo, também foram mortos ou feridos.

Eu mesmo fui atingido no olho direito por um fragmento de metralha que ainda está a qui ðe pretendem deixá -lo onde está.

Meu olho sangrava profusamente, e eu enxuguei o sangue da melhor forma que pude, usando as mangas do casaco e o meu lenço de bolso. Eu estava momentaneamente atordoado e caído, por efeito da concussão, e estava ainda f erido na perna direita e no braço direito; na verdade, todo o meu lado direito estava avariado.

Recobrando -me da melhor forma que pude, des ci rápido para os canhões, lá embaixo onde fica a primeira peça, tendo a minha arma de guarnição sido posta fora de a ção. Descobrindo que o canhão mais abaixo também estava fora de ação, corri para o castelo de proa, tudo isso no curto intervalo de dois mi nutos ; lá, encontrei apenas cinco sobreviventes de toda a equipe que era apta a manejar a peça.

Então, o Marinheiro I ngleson, cujo canhão também estava fora de ação, avançou para onde eu estava, a ver se podia ajudar em alguma coisa. Ingleson carregou a de bombordo, deixando -a pronta para disparar, enquanto eu carreguei a arma de boreste.

Quando os alemães abordaram

Enqu anto carregávamos e servíamos os canhões, os alemães nos abordaram, gritando como loucos por mercê, e dizendo coisas que não entendíamos. M as uma vez no convés, eles tentaram nos atacar, correndo para cima de nós.

Apontando meu revólver para eles, ordenei que se adiantassem. Um alemão corpulento, lançou um golpe contra mim. Eu me esquivei, mas ele conseguiu agarrar minha mão que empunhava o r evólver.

Decidido a não ser suplantado por um alemão, por grande que fosse, forcei meu pulso para me livrar, e ele vi nha para cima de mim novamente quando o Suboficial Woodfield, que estava perto, libertou seu braço direito e acertou -o no meio da cara.

Ent ão, ele tentou escapulir dando a volta no canhão para me atacar por trás. Ele pretendia acabar comigo se lhe fosse po ssível, mas o Marinheiro Ingleson deu um oportuno golpe penetrante com seu sabre, atravessando o alemão com ele. Então nós o lançamos pela amurada. Depois disso, limpamos os conveses de tod os os alemães que podíamos ver. matando os que tentavam nos interce ptar e fazendo os demais prisioneiros. Descobrimos dois alemães se esgueirando agachados, tentando esconder -se.

Torpedeamos um contratorpedeiro e abalroamos outro. Então tivemos o azar de ser atingidos na praça de máquinas [onde ficam as caldeiras], o que nos impediu de manobrar com êxito. Mai s tarde, derivamos até o navio que havíamos torpedeado, e sua tripulação, que estava a bordo, clamava por misericórdia.

Manobrando o leme da melhor forma que pudemos, chegamos mais perto; e então, os alemães dispararam contra nós. Mas

imediatamente replica mos com uma série rápida de disparos, que acabou com eles.

A esta altura, o combate tinha terminado, e eu podia ver dois contratorpedeiros alemães afundando, apesar de ter apenas um olho. Se eu pudesse enxergar com o o utro, poderia ter visto outros dois afundados. Nesse momento, estávamos desamparados, e rebocadores vieram e nos rebocaram para o porto.

Donald Gyle sentiu a atração do Escotismo logo no começo, em 1908, e naquele mesmo ano ele se juntou à 1ª Tropa de Musw ell Hill. Uma olhada nos aposentos de sua casa em Muswell Hill mostra de imediato que Escoteiro dedicado ele foi, pois em toda parte ali há fotos de sua vida Escoteira em campo, em várias expedições . Seria difícil encontrar um seguidor do Caminho mais entu siástico que Donald Gyles.

O instinto Escoteiro está na família, pois seu irmão amis velho também aparece nas fotos. Seu irmão também, quando servindo em Salônica, escreveu para casa contando que seu treinamento como Escoteiro, especialmente para a insígni a de Cozinheiro, foi muito útil, pois os homens de seu regimento estavam encarando durezas e geralmente precisavam abastecer -se e cozinhar por si próprios.

Donald batalhou por suas insígnias e vivia totalmente o espírito Escoteiro. Sua excelente aptidão fe z que fosse notado pelo Comissário Dis trital, e Donald frequentemente o acompanhava em seu trabalho. O Movimento estava em sua infância, e o nosso heroico Guarda -Marinha e r a o q u e s e p o d e r i a c h a m a r òu m E s c o t e i r o c

Ele chegou a Monitor e con tinuou a ter papel muito ativo na Trop a, até quatro anos atrás [o livro deve referir -se a 1913, quatro anos antes do combate aqui relatado], quando decidiu ir para o mar, e o fez como cadete na *White Sta r Line* . Entre as fotografi as, há uma que mostra Donal d como cadete a bordo do navio -escola *Mersey* .

No *Mersey* , ele foi treinado como oficial e viajou ao redor do mundo.

Pouco antes de estourar a guerra, veio -lhe uma oportunidade, e ele foi comissionado como Guarda -Marinha no *HMS London* .

A notícia sobre como o jovem oficial heroicamente se destac ou não foi uma grande surpresa para os que conheciam Donald Gyles. Do mesmo modo que ele foi entusiasmado e cheio de energia como Escoteiro, assim ele foi inflamado pelo mesmo espírito quando se viu face a face com o s evero negócio da guerra.

Um de seus pe rtences mais queridos é um telegrama do Escoteiro -Chefe cumprimentando -o por sua coragem.

A batalha de Dover não foi a primeira vez em que Donald Gyles sentiu o cheiro de pólvora. O começo da guerra o encontrara no Med iterrâneo, a bordo de um encouraçado. Ele passou por toda a aventura dos Dardanelos e ajudou a desembarcar alguns australianos em Gaba Tepe sob o terrível fogo da artilharia turca em terra.

Por duas vezes ele foi ferido, felizmente sem gravidade, e quando retornou do Mediterrâneo em novembro [1916], foi designado para o *HMS Broke* , no qual serviu desde então.

Em sua casa, há agora , guardada com carinho, uma faixa do boné do marinheiro alemão que o Marinheiro Ingleson matou em cima da hora, na luta no *Broke* .

Na faixa está escrito: *VI Halb Flotill a VI*. O boné de onde ela foi tirada o bravo ex -Escoteiro deu ao seu salvador, Ingleson . A única coisa que o Guarda -Marinha Gyles tem como pesar é a perda de seu revólver, que ele muito prezava. ò Eaqsuabéa resalvenuó, t ele animadament e.

ERIC WILLIAM GARDINER

(Radioperador; Escoteiro do Mar, Edinburgh)

Escoteiros em todo lugar guardam respeitosamente a memória do bravo Escot eiro escocês Eric William Gardiner.

Gardiner foi morto num combate entre um navio de passageiros e um submarino, e ter -se aferrado ao seu posto de TSF [telégrafo sem fio

= rádio] foi o meio pelo qual o navio se salvou. Enquanto o navio recebia tiros do canhão do submarino, Gardiner manteve -se em seu posto mandando mensagens pedin do socorro, e finalmente teve contato com um contratorpedeiro britânico, e quando seu comandante o aconselhou a buscar abrigo, ele respondeu que acabara de fazer contato com um cruzador norte -americano, que estava mais perto, e que permaneceria até termina r a mensagem. Poucos minutos depois, o submarino atingiu a cabine com um tiro direto, que matou Gardiner quando havia praticamente completado a transmissão da mensagem para a belonave norte -americana.

O navio conseguiu se agu entar até a chegada do cruzador americano, mas jamais teria conseguido fazê -lo se não fosse pela corajosa ação de Gardiner em continuar a transmitir a mensagem.

Em todas as suas ações, Gardiner sempre mostrou o verdadeiro espírito Escoteiro, e sua morte ac rescenta outro nome à lista dos Heróis Escoteiros da Grande Guerra.

MONITOR EDWARD IRELAND

(22ª Tropa de Liverpool)

A Insígnia Cornwell de Coragem, que é a mais elevada comenda por valor no Movimento Escoteiro, foi outorgada ao Monitor Edward Ireland, da 22ª Tropa de Liverpool.

Quando o grande navio de passageiros *Britannic* , da *White Star Line* , incorporado como navio -hospital, foi afundado ao largo da Grécia, havia a bordo dezesseis Escoteiros, empregados como sinaleiros, mensageiros e carregadores de padi olas[105].

Foi recebido o seguinte relatório, emitido pelo Coronel H. Concannon, Subcomissário do Condado para Lancashire Sudoeste e gestor associado da *White Star Line* .

> Por sorte, esses garotos se salvaram , e todos eles, acredito, se portaram incomumente bem, mas sobre um deles, chamado

[105] Em 21 de novembro de 1916. Das 1125 pessoas a bordo, 30 morreram e 45 ficaram feridas.

> Ir eland, consta ter demonstrado especial coragem em permanecer ao lado do comandante no passadiço até ser levado embora por um encarregado de material que recebera ordem de salvar -se, com o navio afundando. Espero que ao Escot eiro-Chefe apraza atribuir a Ir eland a condecoração que possa se aplicar ao caso.

O Capitão Charles A. Bartlett, que estava no comando do *Britannic* , escreveu:

> Sem exceção, todos os garotos se portaram esplendidamente durante todo o incidente, mas preciso recomendar especialmente o esc oteiro E. Ireland, dos Escoteiros de Liverpool. Ele estava designado para o passadiço no momento da explosão, e permaneceu em seu posto até que eu finalmente conseguisse mandá -lo embora com o encarregado de material (que deix ou o timão para salvar a vida), apesar de em várias ocasiões eu tê -lo mandado ir para os botes salva -vidas. Ele foi de grande auxílio ao transmitir minhas ordens por telefone, e tenho grande admiração pela coragem que ele demonstrou, permanecendo na posição, mesmo em face das perspectiv a de afundar com o navio. Espero que, em relação a esse fato, a Associação E scoteira tome alguma providência que possa ser tida no devido valor pelo jovem para sempre.

O que se segue é um extrato do *Liverpool Courier* .

> Em uma entrevista com o Mestre -de-Arma s Coe, foi revelado que quando o desastre tomou conta do navio, ele correu para a parte de baixo, onde ficavam os alojamentos dos rapazes. O alojamento dos Escoteiros havia sido atingido pela explosão, mas felizmente nenhum dos garotos estava lá. Ao ser da do o alarme, os rapazes assumiram seus postos de trabalho. Alguns dos Escote iros estavam servindo os elevadores, que trouxeram umas mil pessoas do interior do navio para o convés superior. Os garotos estavam acostumados ao manejo dos botes, e sabiam perfei tamente suas tarefas.
>
> Ireland, um dos Escoteiros mencionados acima, estava n o passadiço com o Comandante, e Price, outro Escoteiro,

> acompanhou o imediato, transmitindo as ordens por um megafone. Quando foi dada a ordem para abandonar o navio, as enfermeiras dirigiram-se aos botes, e esperaram que os Escoteiros fossem em seguida. Entretanto, não aconteceu. Os Escoteiros recusaram-se a deixar o navio, e os botes tiveram de partir sem eles.
>
> Os Escoteiros tiveram de descer por uma corda de 17 metros, e a fricção esfolou-lhes as mãos. Dois dos garotos tiveram de nadar para pôr-se a salvo. Ele não tinha palavras suficientes para exaltar a coragem e a calma dos garotos. Todos estavam espantados com seu comportamento perfeito e absoluta ausência de medo. Os meninos não desejavam deixar o navio, e tiveram de receber ordem para fazê-lo.

Que ideia, os Escoteiros deixarem o navio com as enfermeiras! A ordem sempre é mulheres e *crianças* primeiro, mas certamente os Escoteiros sentiram que o lugar era perigoso e aferraram-se aos seus postos até quase serem expulsos; de fato, diz o Coronel Concannon: "Ireland teve literalmente que ser arrastado à força quando o navio estava afundando".

Também se afirmou que os oficiais do navio se impressionaram com a coragem dos garotos. Eles mesmos o declararam: "Nunca vimos meninos durante uma prova dessa natureza foi exemplar, e demanda elevado reconhecimento".

O Escoteiro-Chefe decidiu, de imediato, que a recomendação do Capitão Bartlett quanto à coragem do Escoteiro Ireland deveria ser aceita como qualificação satisfatória e suficiente do primeiro requisito para a Insígnia Cornwell.

Então, os documentos foram encaminhados ao Subcomitê Cornwell para assegurar que o jovem estava qualificado para os demais quesitos, pois devemos lembrar que esta insígnia não é outorgada a todo Escoteiro que demonstra um caráter corajoso. Ele tem de ser um Escoteiro totalmente qualificado, tendo a Primeira Classe e

determinadas insígnias de especialidades, e com um caráter tipicament e Escoteiro para engenhosidade, perspicácia e confiabilidade.

Não é preciso dizer que o Subcomitê ficou encantado em constatar que todos os registros sobre Ireland eram satisfatórios. Ele era Escoteiro de Primeira Classe, e tinha as especialidades de Missi onário, Sinaleiro e Nadador, além de os relatórios independente s sobre seu caráter serem inteiramente satisfatórios.

CAPÍTULO V
HERÓIS ESCOTEIROS NO SERVIÇO AÉREO

Talvez nenhum ramo das Forças Armadas de Sua Majestade exerça maior apelo sobre os Escoteir os que o Serviço Aéreo, e por viver o Escoteiro uma vida limpa, sadia ao ar livre, não foi de surpreender que as autoridades encorajassem Escoteiros que chegassem à idade adequada para se alistarem com vistas a se tornarem pilotos e observadores.

E eles pr ovaram que seu treinamento Escoteiro não foi em vão. Eles foram rápidos em captar o que se esperava deles, e quando chegou a hora de testá -los na guerra de verdade, eles não deixaram a desejar, fosse na coragem física, fosse na habilidade técnica.

Nas hist órias que se seguem, vocês lerão as maravilhosas aventura s e escapadas de Escoteiros que navegaram nos ares, combatendo por vezes contra tremendas desvantagens, mas sempre com aquela determinação que é a marca registrada de um Escoteiro de verdade.

TENENT E MOSBY, D.S.O.

(Assistente de Chefe, 1ª Tropa de Norwich)

O velho lema Escoteiro ò N « o l a r góu e d imf «i oc i l m e n t e p o d mais esplendidamente ilustrado que pelo caso do Tenente Mosby, D.S.O.

E l e e s t a v a e m p e n h a d o n o q u e ® c o n h e c i d artilh a r i ãáúma ocupação às vezes tediosa, mas com a sempre presente possibilidade de o tédio ser desagradavelmente substituído p e l o q u e p o d e s e r c o m p r e c i s « o l i t e r a l d e r c ® u ó .

Em sua missão de patrulha, o observador tem a seu cargo um setor das linhas inimigas: ele tem de observá -lo minucio samente, locar os pontos de queda sobre elas dos projéteis de uma determinada bateria

e relatar pelo TSF [telégrafo sem fio = rádio] como os projéteis estão chegando [o que estão atingindo, quais os efeitos]. A aeronave em que ele se encontra patrulha a linha, lentamente, para lá e para cá, em seu setor designado, arrastando debaixo de si um longo fio de cobre, que torna extremamente difícil manobrar com rapidez, mesmo que para atender à segurança; certamente, alguma espécie de proteção é dada por uma patrulha de aviões de combate alguns milhares de pés acima, mas essa proteção é às vezes prejudicada ou destruída pelo inimigo vigilante.

Numa ocasião dessas, o Ten Mosby estava atuando como observador numa aeronave, e fazia pouco tempo que estava fazendo seu trabalho de observar a queda dos projéteis e sinalizar sua posição e efeito, quando três aeronaves hostis mergulharam lá de cima, duas delas pela frente e outra buscando a posição de abate na cauda de seu avião.

Trocando rapidamente seu manipulador do TSF por uma metralhadora Lewis, o Ten Mosby engajou o avião que vinha de trás. Um jorro de projéteis traçantes saídos de sua arma encontrou seu alvo, e chamas brotaram do avião inimigo, que despencou, totalmente fora de ação, e assim reduziu a desvantagem. Rapidamente ele girou a arma para auxiliar o piloto, mas os dois aviões à frente foram capazes de golpear primeiro, uma bala atingindo-o e ferindo-o severamente, enquanto outra matou instantaneamente o piloto à sua frente. Com o peso do corpo morto do piloto, a alavanca do manche foi para a frente, e o avião entrou num mergulho de nariz fortemente inclinado. O Ten Mosby quase foi lançado fora, mas agarrou-se à lateral de sua carlinga, e então, apesar da desnorteante dor de seu ferimento, com grande esforço ele ajustou o sistema de duplo controle do avião, garantindo assim que conseguiria manobrá-lo; foi bem sucedido em tirar a aeronave do mergulho. Apesar de ter caído uns 2000 pés, ele tinha a máquina novamente sob controle, e por um momento as perspectivas pareceram boas. Mas esse alívio só durou um momento. Os hunos,

seguindo a descida do aeroplano atingido para se assegurarem de sua vitória, viram a recuperação e rapidamente mergulharam para acabar o serviço. Combatendo e manobrando com o máximo de sua habilidade, o Ten Mosby superou-os vez após outra, até que foi novamente atingido no corpo. Então o desfalecimento pela dor e perda de sangue começou a querer tomar conta, e seu controle sobre o aeroplano relaxou, permitindo que entrasse em parafuso rumo ao solo.

Com um esforço sobre-humano de vontade, ele forçou o controle sobre seu cérebro que já se rendia, e endireitou a máquina. Controlando a aeronave com uma das mãos, ele operava a Lewis com a outra, seus nervos esticados na desesperada determinação de chegar às próprias linhas, umas quinze milhas distantes. Por fim, ele se aproximou delas e os desapontados hunos afastaram-se de seu invencível adversário.

Ele entrou numa zona de instabilidade, e sua vista começou a ser tomada por uma névoa vermelha, mas através dela ele enxergou, abaixo, seus hangares, e mergulhou em sua direção. Ainda foi a sua vontade férrea que manteve o controle da situação, apesar do corpo devastado pela dor e com as forças se drenando rapidamente. Ele desceu de maneira constante num longo planeio, alinhou-se tão deliberadamente como numa demonstração, e pousou em segurança. Mãos cuidadosas levantaram-no da carlinga e colocaram-no numa ambulância.

Ali, deitado, em sentenças engasgadas, ele fez seu relatório, e então, tendo obtido a garantia de que o inimigo havia caído na linha chegar ao hospital.

Ao escrever para seu pai, ele disse: "Foi a força que consegui fazer isso; foi na de Deus".

Extraído do boletim da unidade:

> Quando em patrulha de artilharia, ele foi atacado por aeronaves inimigas, duas pela frente e uma pela retaguarda. Ele engajou pelo fogo e abateu esta última, mas foi ferido no abdômen, e quando se virou para engajar as outras aeronaves,

> seu piloto f oi atin gido e morreu instantaneamente. Apesar de sua máquina ter caído fora de controle desde uma altura de 3000 pés até 1000 pés, ele continuou a engajar o inimigo, e foi novamente atingido no abdômen. Mas foi bem sucedido em afastar os adversários, e ape sar de sua aeronave ter novamente saído de controle, ele o retomou e aterrissou em segurança em seu aeródromo. Ele demonstrou bravura indômita, tanto durante uma luta desigual, quanto na determinação de trazer seu aparelho de volta sem danos, apesar de qua se inco nsciente devido à perda de sangue.

SARGENTO MIDDLETON, D.F.M.

(Royal Naval Air Service; Chefe Escoteiro, 2ª Tropa de Epping Forest)

òM o r r e u c o m o u m E s c o t e i r o , c o m b a t e n d o poderia desejar um epi táfio mais nobre que este? Primeiro co mo Escoteiro, depois como Chefe em sua Tropa, o Sgt Middleton aprendeu e ensinou como sorrir enquanto se luta.

Então, quando veio a guerra, após muitas tentativas frustradas de tomar parte realmente ativa na defesa de sua pátria, ele finalmente obteve suce sso, e em 1917 chegou à França como metralhador de aeronave e observador.

A *London Gazette* de 21 de setembro de 1918 falou dele da s e g u i n t e m a n e i r a : ò E l e t o m o u p a r t e e m 6 7 bravura e habilidade no bombardeio das linhas i nimigas de comunicações, depósitos e aeródromos. Em uma ocasião chegou a obter s e i s i m p a c t o s d i r e t o s , a d e s p e i t o d o i n t e n s

O bombardeio à luz do dia tem a vantagem de o alvo ser plenamente visível para você, mas tem a desvantagem de torna r você um al vo nítido para as armas antiaéreas, o que pode interferir muito na sua precisão de pontaria, deixando de lado outras considerações. Além disso, você é avidamente caçado por patrulhas de aviões inimigos, que

com superioridade numérica e especificidade de propósitos têm consideráveis chances de pôr fim à sua carreira.

O Sgt Middleton, numa dessas ocasiões, conseguiu não apenas safar-se do perigo, mas também conquistar a *Distinguished Flying Medal*, num encontro com a mais famosa das patrulhas alemãs, o "Circo Richthoffen"[106].

Cinco bombardeiros britânicos, num dos quais ia o Sgt Middleton, deixaram seu aeródromo e alcançaram seu objetivo. Apesar de enfrentarem a mais feroz oposição de artilharia antiaérea, uma bomba após outra caiu na área designada, até que à esquadrilha não restasse mais nenhuma. Estava na hora de voltar para casa. Richthoffen lhes deu uma pequena surpresa: trinta aviões alemães contra cinco britânicos. Vantagem segura, pensaram os alemães, mas os britânicos também acharam assim, e viraram da fuga para o combate. Seguiu-se, então, um verdadeiro *dogfight*[107]. Aviões em alta velocidade por todo lado, inclinando-se, deslizando lateralmente, guinando, zumbindo, deslizando sobre a cauda: somente um olho rápido e um cérebro frio podem distinguir na confusão e excitação quem é amigo e quem é inimigo.

Uma rajada de balas voa em direção a um inimigo – em vão, pois ele manobrou e saiu da mira. Cabrando e guinando de um lado para o outro em sua sacolejante máquina, o Sgt Middleton aproveitava cada chance, e sua arma apontava e lançava mensagens de desafio numa direção e noutra. Um avião após outro cai, não britânicos, mas alemães. Acima dele, um avião vem mergulhando em sua direção com resolução implacável. É a sua chance: ele abre fogo e o alemão continua a mergulhar, porém não mais em sua direção. Descontrolada, após essa

---

[106] Apelido do 1º Esquadrão de Caça (*Jagdgeschwader*) 1, constituído em 1917 e comandado por [illegible] creditadas 80 aeronaves abatidas. No histórico do esquadrão, declara-se que a unidade abateu 644 aeronaves. Seu terceiro e último comandante foi o Cap Hermann Goering.

[107] [illegible] manobras, esquivas e confrontos.

salva mortal, a máquina passa por ele, vacila, vira de dorso e despenca, com chamas brotando da fuselagem.

O òCirco Richthoffenó j§ teve o suficie Isso é muito desencoraj ador, e a desvantagem agora está muito pesada contra eles. Como! Eles têm apenas vinte e dois aviões contra cinco britânicos. A tarefa é demais para eles, e eles rompem contato com os narizes para baixo, enquanto as cinco aeronaves bri tânicas voltam para casa, triunfantes.

Essa foi apenas uma de suas aventuras. O Sgt Middleton buscou toda oportunidade para combater e procurou obter o melhor resultado em todas as que encontrou ðsempre um combatente que sorria.

Uma vez, ele liderou o esq uadrão numa missão de bombardeio sobre as pontes do Somme, e no retorno triunfante recebeu pessoalmente os cumprimentos do General Salmond. Doutra feita, ele foi deixado para trás quando os britânicos foram forçados a recuar, a fim de pôr fogo e destruir o aeródromo, de modo a impedir que os alemães viessem a usá -lo. Destemidamente e de maneira completa ele cumpriu sua missão, mesmo quando o inimigo rapidamente se aproximou. Justamente no último minuto, uma aptrulha de cavalaria britânica o resgatou. Quase todos os dias ele est ava incansavelmente fazendo incursões sobre o inimigo, sua coragem sorridente aparentemente conferia -lhe uma vida de encantamento, estimulando e encorajando seus camaradas.

Seu último combate foi contra a costumeira desproporção de forças. Quando em missão de reconhecimento sobre as linhas alemãs, ele foi atacado por quatro aviões inimigos ao mesmo tempo. Com sua velha habilidade e coragem, ele fez -lhes frente, até que a bala fatal o atingiu e ele não pôde mais lutar. Seu piloto o troux e de volta ao aeródro mo, e ele encarou uma última luta pela vida. Nesta, ele não pôde vencer, e, ainda assim, sorrindo, ele morreu.

TENENTE A. A. TUTTE, D.F.C.

(Escoteiro, 19ª Tropa de Portsmouth [São Marcos])

O bombardeio noturno é uma operação emocionante em todos os momentos.

Há aquelas impressões que podem ser de usual ó, como o ceganteclar«o dos holofotes para os canhões antiaéreos. Armadilhas podem ser lançadas ao ar para apanhar e destruir aviões. Cordões de bolas luminosas, ou cebolas flamejantes, como são conhecidas, podem parecer bonitas se vistas de longe, mas se uma delas tocar o seu avião vai transformá-lo numa fogueira mortal: tão eficaz quanto rajadas de balas incendiárias.

Tudo isso se pode esperar que ocorra como algo típico, mas há outras impressões que raramente podem ser previstas, e que no entanto demandarão um alto grau de pensamento frio e firme coragem.

Uma ocasião desse tipo, enfrentada e superada, valeu ao Ten Tutte a *Distinguished Flying Cross*, que na Força Aérea Real (RAF) é a mais honrada e cobiçada condecoração depois da *Victoria Cross*.

O FE-2B é um avião do tipo conhecido como *pusher*, no qual a hélice propulsora; isso significa que ela a aeronave adiante[108]. O observador senta-se na carlinga dianteira e tem a seu cargo o dispositivo de lançamento das bombas, dado que apenas ele tem visão ininterrupta do objetivo. Atrás dele, noutro *cockpit*, senta-se o piloto, que tem um mecanismo duplo de soltura de bombas, de modo a também ele poder ter um pouco da diversão de bombardear. Atrás do piloto fica instalado o motor com a hélice.

Foi num avião desse tipo que o Ten Tutte saiu para bombardear Seglin, e era apenas a sua quinta vez passando por sobre as linhas. À medida que ele e seu piloto se aproximavam do objetivo, holofotes lançaram seus fachos de luz, e a despeito de todas as manobras

[108] Quay Ř ² l· Ķ Ş f ƛ Ŏ Ŝ Ŧ ƛ Ŏ l· Ł ŦNJ Ŝ y ű Ŝ Σ Ŏ ² Y ² y l· Y l· ƛ ² NJ LJ l· NJ ű Ŝ denominada tratora (*puller*). Pode haver, ainda, aeronaves que usam uma combinação dos dois sistemas, com uma hélice tratora à frente e uma propulsora atrás; são chamadas aeronaves *push-pull* (empurra-e-puxa). Um exemplo famoso de *push-pull* é um famoso caça alemão da Segunda Guerra Mundial, o Dornier Do-335 *Pfeil*.

evasivas, o avião continuou naquela garra luminosa, enquanto balas assobiavam ao seu redor e projéteis de canhão explodiam perto.

E eles planaram, d escendo através da pesada barragem de cebolas flamejantes, até chegarem a uns mil pés acima do solo, com o Ten Tutte ansiosamente procurando pelo seu alvo e ao mesmo tempo levantando -se e dando alguns bons tiros com sua metralhadora cont ra os holofotes.

Cada vez mais o avião balançava pela concussão das granadas que explodiam, e seu avanço tornava -se cada vez mais errático. O Ten Tutte atribuiu o extraordinário percurso em zigue -zague aos esforços do piloto para esquivar -se do fogo inimig o, até que o objeti vo foi avistado e ele chamou o piloto pelo telefone, descobrindo que ele havia sido ferido.

As bombas começaram a cair, com o piloto insistindo em lançar sua parte primeiro, mas logo a fraqueza e a exaustão o venceram, e o Ten Tutte lanç ou as bombas restan tes.

Agora a situação tinha ficado muito perigosa. Eles estavam várias milhas dentro de território inimigo; o piloto, severamente ferido, está perdendo as forças; holofotes agarram -nos incansavelmente e a morte flamejante vez após outra passa triscando por eles, enquanto não muito longe dali há aeronaves inimigas esperando por uma chance de entrar em cena e destruí -los. Nem bem havia o piloto posto a máquina no rumo de casa, quando ele desmaiou e o avião começou a descer.

Atravessando um vento de umas oitenta milhas por hora [uns 130 km/h], o Ten Tutte, carregado como estava pelo equipamento de voo e botas pesadas, ergueu -se para sair do seu *cockpit* e moveu -se entre os estais e montantes. Um movimento em falso e ele despenc aria por algumas centenas de pés até a terra lá embaixo. Mesmo em uma aeronave estacionária no solo, não era coisa fácil de se fazer; no ar, então, numa aeronave que não mais estava sob controle, é uma performance que se poderia dizer miraculosa.

Ele não e scorregou, e alc ançou a carlinga do piloto, e inclinando -se por sobre a lateral, agarrou a alavanca do manche e ganhou controle

sobre a máquina. Então, puxando seu frasco de *brandy* do bolso, o Ten Tutte lançou-se à tarefa de fazer o piloto voltar a si, no que obteve êxito temporário, mas o ferimento o exaurira tanto que estava além das suas possibilidades fazer a aeronave subir para sair do alcance das armas inimigas. Prosseguiram eles, portanto, através de um perfeito tornado de metralha e balas assobiando entre as asas, mas por sorte nenhum projétil atingiu parte vital, e nenhum era da variedade incendiária.

Três vezes o piloto desmaiou, e três vezes foi trazido de volta pelo Ten Tutte. Por fim, as linhas inimigas ficaram para trás e alcançaram as linhas britânicas. Agora era a hora de emitir o sinal de reconhecimento para o dia, usando as luzes presas às pontas das asas. Como o interruptor estava do outro lado da carlinga, o Ten Tutte não consegue alcançá-lo. O piloto tenta, mas está tão devastado pela dor que consegue apenas emitir um sinal confuso, capaz de despertar as maiores suspeitas nas baterias antiaéreas britânicas quanto à nacionalidade do avião acima delas.

Rapidamente sacando uma pistola Very, o Ten Tutte dispara, por sobre a lateral, uma luz vermelha, mudando depois para branca, o sinal especial para o dia, mas, para seu horror, o avião agora está voando tão baixo que a luz vermelha atinge o solo antes de dar tempo para tornar-se branca.

Agora desesperado, e na expectativa de a qualquer minuto ouvir o rugido das granadas britânicas ao seu redor, o Ten Tutte resolve arriscar tudo numa última cartada, e novamente puxando-se para a frente dispara outro *Very-light* para cima. Se o artefato iluminativo caísse de volta no avião, tudo estaria perdido. Ele passa direto, e continua a cair rumo à terra, com a iluminação vermelha mudando para branca, e sinais de resposta piscam lá de baixo.

Agora, novamente voltando ao piloto, mas o fim está à vista. Eles vêm planando em descida, e a nada fácil tarefa de aterrissar é concluída com sucesso. O piloto é rapidamente levado ao hospital e sua vida é salva. No exame do avião, marcas de projéteis podiam ser vistas nele

todo. Algumas das balas haviam atravessado o assento na carlinga do Ten Tutte; se ele tivesse permanecido lá em lugar Ed ficar pendurado do lado de fora do avião, ele certamente teria morrido.

TENENTE J. W. WARNER, D.F.C.

(Assistente de Chefe de Tropa, 10ª Tropa de Harrogate)

Em 4 de outubro de 1918, o Ten Warner, no comando de sua esquadrilha, decolou pela última vez, apesar de não ter sabido disso, e abriu o caminho para uma ofensiva.

Ele tinha apenas 19 anos de idade e, no entanto, sua fama já estava se espalhando. Sua iniciativa e coragem foram muito observadas, e evidenciava-se sua adequação para as honras e responsabilidades de um Comandante de Esquadrilha. Ele já participara de muitas patrulhas ofensivas: algumas vezes, voando baixo, ele bombardeou o inimigo com a elevada precisão obtida com terrível risco.

Um combatente inato, ele viveu todas as suas aventuras com verdadeiro espírito ofensivo, que se ressalta na alegre excitação do ataque sem tomar em conta a sua segurança pessoal. Em uma ocasião como esta, sua última patrulha, sua responsabilidade pesava com ele, mas não sobre ele, e ele nunca confundiu temeridade com coragem, nem nunca liderou sua esquadrilha para entrar em perigos que poderiam ser evitados.

Uma vez no ar, as aeronaves foram entrando em formação à medida que se elevavam acima do aeródromo e tomavam rumo em busca do inimigo. Só depois de terem alcançado as linhas inimigas é que o huno se fez visível, voando a uns 7000 pés, mas bem dentro do território sob seu controle.

O velho lema naval britânico: "Busque o também da Força Aérea, então eles aceleraram, com os narizes dos aviões apontando para baixo, perseguindo os hunos. Alcançaram-nos, por fim, e o Ten Warner deu o sinal para atacar.

A toda a velocidade, algo como 120 nós [uns 220 km/h], eles partiram para cima da formação inimiga e a romperam, mas nem bem o haviam feito qu ando mais hunos chegaram para socorrer seus camaradas, superando numericamente os britânicos.

O Ten Warner engajou três deles de uma vez e, ora mergulhando sobre eles, ora deslizando de lado pa ra se afastar, ora elevando -se, ora rodeando -os, ele escaramuça va com seriedade, até que por fim obteve a posição vantajosa que procurava. *Tap, tap, tap* , fez sua metralhadora, e mensagens de morte embaladas em chumbo correm seu trajeto. Um Fokker vacila p or um momento, mergulha violentamente para a frente, lançando u ma massa de chamas, e cai, perdido.O Ten Warner não tem tempo para festejar: o ar está espesso de aviões alemães.

A luta fica cada vez mais quente, com os aviões em disputa amontoando -se a tal ponto que amigo e inimigo ficam difíceis de reconhecer. Aqui, c hamas jorram de uma aeronave, mas não dá para saber se é ganho ou perda para nós ð ali, outro avião desaparece da luta, entrando em parafuso. Músculos e cérebro cansados, acham a tarefa de mano brar o avião sacolejante cada vez mais dura, mas não há chance de descanso. As botas de voo e a jaqueta de couro parecem de algum modo se tornar mais pesadas e restringir as ações do corpo exausto.

Por fim, a luta é interrompida e os combatentes se retiram para contar suas perdas. Três oficiais britânicos desta patrul ha, um dos quais o Ten Warner, deixaram de retornar.

Em algum lugar na turbilhonante confusão da luta foi desferido o golpe fatal. Não se sabe o momento em que o corcel alado deixou de responde r ao seu toque de comando. Rumo à terra ele desceu, para arrebe ntar -se em ruínas, enquanto o piloto adentrava o Valhalla [109] dos heróis.

[109] Paraíso da mitologia nórdica, para onde iam as almas dos que morriam em combate.

Especialista (Radiotelegrafista) CYRIL RUPERT DEELEY, D.F.M.

(Escoteiro da RAF, Associação de Birmingham)

Que a posse de habilidades Escoteiras é um ativo valioso foi claramente demon strado quando Deeley foi um dos seis aprovados entre 58 candidatos para admissão no RNAS como Mecânico Auxiliar na Seção Rádio. Além disso, como ele já era proficiente como eletri cista, sinaleiro, nadador, e em exercícios físicos, confecção de nós e tiro d e armas longas [fuzil], recebeu promoção cinco semanas após o seu ingresso no serviço.

Durante todo o seu tempo de serviço ele carregou consigo os atributos de um Escoteiro; por i sso, não é de surpreender que um ano depois lhe tenha sido conferida a *Distin guished Flying Medal* , a mais elevada condecoração que um graduado na RAF pode receber abaixo da *Victoria Cross* .

Não é preciso dizer que ele viveu muitas aventuras e muitas vezes escapou por pouco, quando serviu como radioperador num esquadrão de hidroaviõe s, patrulhando em busca de submarinos, etc.

Certa ocasião, os motores do avião pifaram após uma hora de voo, e a aeronave começou a descer para o mar. Uma mensagem foi mand ada pelo rádio, e ele teve apenas o tempo de escrever um bilhete apressado com sua p osição e prendê -lo a um pombo -correio antes que o avião afundasse, deixando -o e ao piloto nadando no Mar do Norte, a várias milhas da terra firme.

Já há três horas ele esta va na água, sua capacidade de natação agora posta à prova e mostrando -se adequada, q uando finalmente uma traineira, acionada graças ao pombo -correio, foi avistada e resgatou a ambos, quase inconscientes mas ainda lutando pela vida.

Passados apenas alguns d ias, ele estava de volta ao patrulhamento, mas logo foi transferido para um hidroavi ão grande, e o raio de ação de suas patrulhas estendeu -se até as ilhas Frísias, Holanda e a ilha alemã de Borkum.

Agora as aventuras empilhavam-se, mas uma, notável, merece referência especial.

Numa bela manhã de verão, cinco hidroaviões, cada um armado com cinco metralhadoras, partiram com o propósito definido de descobrir e combater o inimigo onde ele estivesse. Haviam recebido previamente ordens imperativas para reportar a posição pelo rádio a cada quinze minutos, então era óbvio que as estações rádio alemãs poderiam captar os sinais e preparar uma recepção adequada.

O esquadrão chegara a umas dez milhas da extremidade norte de Terschelling, quando um dos aviões teve pane no motor eteve de amerissar. Os restantes ficaram circulando ao redor do companheiro indefeso, trocando sinais visualmente por lâmpada pisca-pisca. Nesse ínterim, foram avistados cinco grandes hidroaviões germânicos, que, no entanto, não gostaram da ideia de combater com tão pouca superioridade e bateram em retirada apressada.

Os quatro desapontados aviões ingleses retornaram para junto do avariado, e constataram que um reparo rápido era impossível. Um esquadrão maior de aviões alemães estava visível à distância, então deu-se ordem ao avião indefeso para que ...holandesa, e que a tripulação se salvasse após destruir a aeronave queimando-a, de sorte a não permitir que quais quer informações sigilosas nossas caíssem em mãos de estranhos.

As quatro aeronaves restantes agora voltaram sua atenção para o inimigo avistado, dez hidroaviões em formação de combate. Foi então que uma segunda aeronave britânica sofreu pane no motor, aumentando a desvantagem para dez contra três. Destemidamente, os britânicos deram combate. Os deveres de Deeley eram duplos: manter-se em comunicação com a base pelo rádio e também, quando possível, combater o oponente com a metralhadora de cauda, do lado de fora de seu posto rádio.

A batalha durou trinta e cinco minutos, incontáveis balas assobiando ao redor dos hidroaviões; uma delas atingiu o posto rádio quando Deeley estava operando a metralhadora, para sua sorte.

Na próxima vez em que ele voltou ao posto rádio depois de outra sessão de disparos com sua metralhadora, ele descobriu que outro disparo havia levado embora metade da antena do seu conjunto rádio. Calmamente, ele fez os consertos necessários, sintonizou e logo estava novamente em contato com sua base, 140 milhas distante.

Enquanto isso, as balas britânicas também estavam fazendo seu trabalho; primeiro um, depois outro avião alemão caiu ao mar, varado pelos tiros ; um deles pegou fogo ainda antes de chegar à água. Era demais para o inimigo, então eles apressadamente romperam contato e correram para casa. Por mais que desejassem persegui-los e obter ganhos maiores, as aeronaves britânicas não podiam fazê-lo porque estavam ficando com pouco combustível e mais falhas de motor começaram a querer acontecer. Então, elas aproaram para casa, no entardecer ao afinal do seu um memorável dia perfeito, com de bala no avião de Deeley.

Seu feito de enviar e receber mensagens numa distância de 140 milhas sob tão excitantes condições foi oficialmente descrito como particularmente admirável. *Distinguished Flying* bem merecia a *Medal* e a distinção de ser o primeiro homem de Birmingham a conquistá-la[110].

[110] / λ ű l· œ ń 2 Y á / e z t ę Ř a b a l h o e m p a r c e r i a e s p e c i a i s de reconhecimento sobre águas dominadas por forças hostis. Em uma recente, estabeleceu eficaz comunicação radiotelegráfica com sua base desde uma distância de 140 milhas, após metade de sua antena ter sido destruída pelo fogo de l· Ø λ p Ŝ ă λ y ˊ λ Y λ ∃ 2 ă έ Φ

CAPÍTULO VI
OS HERÓIS EM CASA

Em páginas prévias, lemos sobre galantes feitos praticados animosamente sob tiros e obuses, em condições de provação extrema, que até mesmo aqueles que sobreviveram ao ordálio acham dificuldade em descrever.

Mas esses não são os únicos heróis que a guerra produziu das fileiras do Movimento Escoteiro. Como seus irmãos mais velhos nos campos de batalha da França e de Flandres, nos desertos do Egito, ou aqueles que passaram pelos horrores da campanha de Galípoli, muitos Escoteiros que foram forçados a ficar em casa puderam praticar grandes feitos, que, se fossem omitidos deste livro, fariam dele uma obra incompleta.

Talvez o mais extraordinário serviço prestado pelos Escoteiros durante a guerra tenha sido o de vigilância costeira.

Disponíveis, criativos, versados nos sinais dos céus e nas mutáveis condições dos ventos e do clima, os Escoteiros do Mar, às centenas, estavam em guarda ao longo do litoral da Grã-Bretanha, "Cujos paredões rochosos rebatem o invejo Netuno".

Eles eram capazes de cuidar de si mesmos, de cozinhar a própria comida, faziam suas próprias tarefas domésticas de limpeza, arrumação e jardinagem, e nunca se abatiam, mesmo quando encarando o mais intrincado problema.

Nos seus deveres de vigilantes da costa, as exigências mais severas recaíam sobre a responsabilidade individual e a criativa capacidade de improvisar dos Escoteiros do Mar. Em muitos postos, não havia guardas-costeiros nem oficiais de Marinha, e os garotos, organizados sob seus Monitores, estavam sozinhos como encarregados, recebendo apenas visitas ocasionais visitas de inspeção do Comissário para a vigilância costeira ou de um oficial da Guarda Costeira. Quando

o Movimento começou, era considerado com diversão, por vezes mistur ada com hostilidade, por parte do serviço regular de vigilância da costa. Agora, os garotos haviam se estabelecido firmemente no respeito e na afeição de todos que com eles tiveram contato, e foram reconhecidos como uma parte tão essencial da organização n acional para a defes a quanto o soldado ou marinheiro regulares.

Na maior parte dos casos, eles viviam em casinhas de dois ou três quartos, que eles mesmos administravam e controlavam. O Monitor zelava pela quantidade de ração e pelo preenchimento do regist ro diário. Uma selet a de anotações nos diários pode dar uma ideia bem vívida das várias atividades dos Escoteiros que vigiavam o litoral.

ò Desviamos um contratorpedeiro dos re
ò Avistado e informado dirigÊve para Sud inco mil
sudesteò Pó ovida guarda noturna para hidroavi
rebocado para terraó. ò Luzes vistas perto
minutos, e de novo, aparentemente do mesmo
ò Traineira nÜ *** aportmo ordem, Texceto as Jas licen-
M__, que não tinha nenhuma. Encaminhamos nome e endereço
declarados para o Chefe de PolÊcia em ***
pelo barco de pesca nº ***. Seguimos com barco de patrulha, que
localizou e desò Pu ov ida a ba nca naufragad o e
depósitos do material por três dias e noites na baÊa ***ó.

Quando se descreve as tarefas executadas por esses rapazes, é surpreendente a coragem, resistência e prontidão psicológica que eles demonstraram. Eles tinham de patrulhar a praia, três milhas de ida e três de volta, quaisquer que fossem as condições meteorológicas. Chuva, sol, granizo, tempestade e neve, era tudo a mesma coisa para eles, que, vestidos em seus macacões e impermeáveis, podiam comparar-se aos mais traquejados m arujos. Eles tinham de estar atentos a barcos de pesca que trabalhassem em horas desautorizadas à noite, e examinar todos os barcos que vinham aportar, para verificar se as licenças dos tripulantes estavam em ordem. Esta não era tarefa fácil

para garotos de 12 ou 14 anos de idade, que sabiam que era provável serem recebidos com desdém, como se fossem presunçosos e metidos sabichões. Os Escoteiros tinham de atender a todas as chamadas navais no telefone, e reportar sobre todos os navios que passavam para uma direção ou para outra; tinham de patrulhas as praias ou as linhas telefônicas, auxiliar no socorro a barcos naufragados e dar assistência a qualquer embarcação em apuros. Pode-se citar um vívido retrato verbal pintado por um Comissário de Escoteiros do Mar após uma visita a "algum lugar na costa sul":

> Nas horas escuras da manhã, foi dada alvorada no posto – nem todos estavam dormindo – pelo estrondo de foguetes anunciando que havia um navio em apuros na baía em frente. "Todos fora, Escoteiros, enquanto o vento e a chuva uivavam sobre o mar agitado pela tempestade, eles aguardavam, vigiando para ver se podiam ser de algum auxílio para seus irmãos em humanidade lá no navio desamparado, que era sacudido pelo mar, que rugia contra a praia.
>
> Por fim, rompeu o dia, e agora podia-se ver o contorno de um cargueiro de 3000 toneladas, lançado sobre a costa, e cujo leme havia quebrado, deixando-o à mercê do oceano. Conhecedor da costa, o oficial no comando daquele setor mandou que um Escoteiro sinalizasse à tripulação para esperar até a maré baixar, quando então eles poderiam caminhar até a terra firme.
>
> A ordem foi prontamente cumprida, e de lá acusaram o recebimento da mensagem. Mas a despeito disso, os tripulantes, arriscando suas vidas, saltaram ao mar e, com o auxílio de mãos com boa vontade, pelejaram para chegar a terra. Incidentes desse tipo são os que quebram a monotonia de nossos irmãos que tomaram o lugar dos guardas-costeiros, convocados para missões mais árduas e perigosas noutros lugares.

Nem assim pode se considerar completo este relato das ações dos Escoteiros do Mar. A entrega de mensagens era uma das mais essenciais e árduas de suas tarefas. O Escoteiro tinha de passar de mão

em mão o registro diário mantido por sua patrulha e pela patrulha vizinha, até chegar ao Comandante da Base Naval. Toda noite, durante a guerra, esses meninos levaram suas mensagens ao longo da costa, quer em mau tempo, quer em bom tempo, com tempestade ou nevada, até que sua missão estivesse cumprida.

Tais eram algumas das atividades dos Escoteiros do Mar em tempo de guerra. Muitas páginas mais poderiam ser escritas, se o espaço o permitisse, sobre sua determinação, sua coragem, sua capacidade de improvisar nas emergências. Mas a história que se contou até aqui é bastante para provar que o trabalho que esses rapazes fizeram foi tão heroico, em seu próprio campo de atuação, quanto o do soldado ou do marinheiro, e não menos essencial à defesa do país a cujo chamado eles tão prontamente responderam. Foram-lhes confiadas responsabilidades acima de sua idade, e, para usar uma frase favorita dos Escoteiros, eles òjogaram o suportar a adversidade com alegria e provaram o homensó. Nos anos vindouros, eles serão sabe e orgul que não abandonaram sua pátria na hora do maior perigo e lealmente fizeram sua parte com o máximo de sua habilidade na grande batalha pela libertação do mundo.

COMO OS ALEMÃES ME BOMBARDEARAM (Minhas experiências sob fogo)

(*Kings* (equivalente a Escoteiro da Pátria) ROB MILLER, que perdeu uma das pernas ao ser atingido por estilhaços de obus durante o bombardeio de Whitby, em 16 de dezembro de 1914)

Os turnos de vigilância no posto da Guarda Costeira são trocados a cada quatro horas, e substituí o turno matinal das 4às 8, às 8 horas.

Meu trabalho no posto consistia inteiramente de serviço de estafeta e, para ajudar vocês a entenderem melhor como era, preciso dizer que o posto de sinalização propriamente dito ficava numa edificação de dois andares, com formato de torre, na borda do

penh asco. Perto dela ficava um mastro de bandeira, e uma trilha fazia a ligação com as casas em que os vigilantes da costa habitavam.

Por volta das 9 da manhã de 16 de dezembro, eu estava de pé, ao lado de um Territ orial [111], diante do posto de observação, quando de repente dois cruzadores tornaram -se visíveis, vindo do sul e deslocando -se a grande velocidade.

M e u c o m p a n h e i r o d i s s e : ò V § b u s c a r a l u q u e m s « o e s s e s c a r a s ó .

Corri para dentro de uma das casas em busca do meu telescópio e vi os cruz adores se aproximarem.

À primeira vista, pensamos que pertencessem à nossa Armada, apesar de, claro, não entendermos por que estavam com tanta pressa.

Foi então que o operador saiu da casa com uma insígnia, que ele me mandou hastear.

Eu acabara de cumprir a ordem, quando houve um terrível *bang*, e um grande pedaço do penhasco caiu lá para baixo. Não precisávamos de mais nada para entender que eram os alemães lá no mar, e não esperamos pelo próximo projétil.

Então, o Territorial e eu corremos para as casas, descendo a trilha. Quando acabávamos de passar pela porta do posto de observação, fui atingido por estilhaços de granada em ambas as pernas, mas dei jeito de continuar pelos quintais até as casas dos vigila ntes costeiros. Os quintais estavam entupidos de alvenaria destruída, mas ambos demos um jeito de nos colocarmos abrigados, permanecendo no local, até que alguns outros Territoriais chegaram.

Quando eles viram que eu tinha sido atingido, um sargento gentil mente enfaixou minhas pernas.

Enquanto isso, os tiros haviam cessado, e um dos Territoriais carregou -me para a cidade. A meio caminho na descida, uma ambulância veio ao nosso encontro, e fui levado ao Cottage Hospital. A

[111] Integrante da Guarda Territorial, força de segurança interna, que emprega aqueles que, pela idade ou outra limitação, não podiam ser incorporados às tropas que iam para o *front*.

gangrena logo se manifestou, e minha perna direita teve de ser amputada no dia seguinte.

O bombardeio não me causou medo nenhum, provavelmente por ter sido tão inesperado. Tivesse eu sabido que ele ia acontecer, eu provavelmente ficaria apavorado. Eu não acreditava que eram navios alemães até o momento em que eles abriram fogo.

Eu não tinha tempo para pensar qual era o melhor caminho a seguir, já que eu estava bem em frente ao posto de observação, mas segui os outros. Foi como uma tempestade, muito perto, e podíamos ver os projéteis explodindo. Quando corri pelo quintal, ele estava cheio de tijolos e telhas de pedra.

A pior parte foi quando estávamos deitados no abrigo atrás das casas, pois só o que podíamos fazer era ficar ali deitados, quietos, e ouvir os projéteis explodindo, imaginando se seríamos atingidos novamente. Eu, é claro, estava um tanto desamparado e não tinha condições de mover-me, o que quer que acontecesse.

O *Kingõs* Messenger contou sua história de maneira bem simples, e apesar de não ter tido oportunidade de fazer muito para ajudar, ele demonstrou que um Escoteiro pode suportar a dor com animação. E nós que sentimos os efeitos de estilhaços sabemos quão difícil é sorrir e suportar.

ESCOTEIROS DO MAR DE WALMER EM AÇÃO DE RESGATE

Foi ao meio-dia e quinze num dia de novembro de 1914, que a canhoneira *HMS Niger*[112] foi torpedeada por um submarino alemão. A *Niger* estava posicionada na cidade em frente a Deal como navio de vigilância.

O oficial chefe do posto da Guarda Costeira em Deal imediatamente deu ordem para que o barco da Guarda Costeira fosse

[112] Incorporada em 1893. O torpedeamento foi em 11 de novembro de 1914. Ela era armada com dois ú dz ō ž ă Ř Ŝ f l· y˝ œ l· Y Ŝ y˝ ú ž Ř Ŝ (12 2 mm) e uma metralhadora, e tinha 91 ž Ř Ŝ п Σ τ é tripulantes.

lançado. Isso foi feito com presteza, por sete Escoteiros do Mar vinculados ao posto, e com esses rapazes como tripulantes ele se lançou ao socorro do navio que naufragava.

Alguns outros barcos se lançaram à mesma missão de misericórdia, mas o dos Escoteiros era o único que avançava movido por remos. O mar estava bem agitado, o que sem dúvida contribuiu para o êxito alcançado pelo submarino. Para dificultar um pouco mais, soprava um vento forte.

O barco enfrentou o mar agitado, situação tornada pior pela quantidade de embarcações de todos os tipos correndo para o local do naufrágio. Em mais de uma ocasião eles escaparam por pouco de colisão e de emborcarem. O oficial, em seu relatório, declarou que foi apenas graças à disciplina e autocontrole dos rapazes que o bote se salvou do desastre em duas ou três ocasiões.

Eles não tiveram oportunidade para salvar vidas, já que havia muitas embarcações próximo ao local, que estavam aptas a recolher os sobreviventes da *Niger*.

Entretanto, eles foram úteis na prestação de serviços como transmitir sinais de contratorpedeiros, entre outros.

O retorno mostrou-se uma tarefa difícil. Devido à força da maré e ao fato de os garotos já mostrarem sinais de exaustão, o oficial não tinha como trazer o bote de volta a Deal. Ele provavelmente teria de tentar chegar a Ramsgate (10 milhas distante), se não fosse o barco salva-vidas de Kingsdown a sinalizar-lhes e oferecer-lhes um reboque até Deal.

Os Escoteiros estiveram na água por aproximadamente três horas. Regressaram exaustos e encharcados – um Escoteiro chegou a quase desmaiar no bote por hipotermia; mas do primeiro ao último jovem, do primeiro ao último momento, eles provaram ser verdadeiros marinheiros, e demonstraram grande coragem, sangue-frio e disciplina.

Os garotos eram todos membros da Tropa de Escoteiros do Mar de Walmer, e foram-lhes outorgados Certificados de Mérito.

Seus nomes: Donald Rose, Monitor; Fred Arnold, Submonitor; Stanley D. Stokes; Albert Foam; Walter Bullen; Alfred Bushell; e Bertie Beal.

ESCOTEIR OS DE TERRA

Resmas poderiam ser preenchidas com os feitos dos Escoteiros de Terra (B ásicos) durante a guerra.

Desde o rompimento das hostili dades até bem depois da assinatura do Armistício, eles presta ram assistência onde quer que seu auxílio fosse necessá rio. Eles guarneceram pontes nos primeiros dias; serviram como estafetas; auxiliaram em cantinas; coletaram sobras de papel para a caridade; anunciaram o fim do alarme]ó; prestaram primeiros socorros durante todo o tempo em que eles podiam ser encontrados em qualquer lugar onde se necessitasse de ajuda.

O relato que se segue foi escrito por Marcus Woodward (Honorável Secretário da South Downs Associ ation) em agosto de 1914, e dá uma vívida narrativa do trabalho dos Escoteiros g uardando as pontes.

Escrevo sob uma ponte da Ferrovia London ð Brighton ð South Coast, a horas mortas da noite, para contar uma história eletrizante sobre como os Escoteiros de sta parte de Sussex saltaram como se fossem um homem só ao chamado do dever, qua ndo rompeu a Guerra das Nações.

São Escoteiros da paz, e a maioria dos membros da Tropa que me foi designada no momento está bem pacífica . Na verdade, estão dormindo profundame nte em sua barraca. Mas oito deles estão bem acordados, guardando a ferrovia.

Esses oito, tirando seu quarto de hora noturno, estão fazendo reconhecimento pacífico. É verdade que o romper da guerra deu -lhes o atual emprego. De certo modo, cada Escoteiro qu e agora está tirando serviço está combatendo.

E no entanto, ele está combatendo estritamente de acordo com o espírito do Movimento Escoteiro. Os Escoteiros que estão comigo esta noite estão fazendo uma òboa a-ção para a p

Eles estão fazendo o seu melhor possível para garantir que nada de mal aconteça aos passageiros que trafegam por uma importante ferrovia que liga Londres ao litoral.

O turno da noite

Estamos fora esta noite, no tipo mais interessante de reconhecimento pacífico que já conhecemos. Guarnecer esta ponte ferroviária nesta floresta solitária é o melhor jogo Escoteiro que já jogamos.

Percebemos por que somos Escoteiros ð não apenas para nos divertirmos, mas para nos tornarmos bons cidadãos e fazer boas ações para a pátria.

Há muita quietude na floresta, exceto quando os trens com passageiros e tropas passam rugindo por cima de nós.

O único outro som é o pio dos curiangos.

E aqui e ali ouço os passos dos dois Escoteiros que estão cumprindo seu quarto de duas horas, caminhando ida e volta entre as duas pontes de que estamos encarregados.

Sobre cada ponte ou junto dela, dois outros Escoteiros ficam de guarda. Há pouca expectativa de aparecer algum espião alemão, armado com revólver, pólvora e dinamite; mas se algum aparecer, eles estão prontos para enfrentá-lo.

Alguns Guardas Territoriais, com as baionetas caladas nos fuzis municiados, estão ao alcance da mão. Ontem tiramos serviço com um supervisor da ferrovia e um policial.

Como fomos acionados

Certa noite, às onze horas, um automóvel parou diante de minha casa, numa aldeia nos South Doens, em Sussex, e o Secretário da Associação Escoteira de Sussex para a Comarca pulou fora, entregando-me ordens assinaladas como òUrgent²

partiu a toda velocidade para entregar as ordens ao nosso Comissário Distrital.

Por volta das cinco da ma nhã, o Comissário Distrital saiu em sua bicicleta, transmitindo as ordens aos Chefes Escoteiros.

Alguns ele encontrou em casa, na cama; outros estavam na cama acampados; outros estavam prestes a sair para o dia de trabalho.

Ele pedalou 40 milhas naquela ma nhã antes que a maioria das pessoas chegasse a pensar em começar o dia. Nosso Distrito é grande, e havia mais de 200 Escoteiros a serem reunidos.

Como os Escoteiros se reuniram

Um exemplo mostrará como esses Escoteiros atenderam a um súbito chamado de emer gência.

Seu Chefe foi levantado d a cama às 6 da manhã. Ele mora numa área rural, onde os Escoteiros vivem bem espalhados. Pelas 11 da manhã, todos os membros da Tropa, que era de 34 , chegara ao local de reunião, uma importante junção ferroviária, situada a umas boas cinco milhas da sede E scoteira.

Com a mobilização completada, os Escoteiros puseram -se em marcha em pequenos destacamentos, rumo às diversas pontes e valas de drenagem em um longo trecho de linha entre Three Bridges e Lewes.

Suas ordens eram simplesmente estas: guardar as ponte s contra espiões.

Foi-lhes informado que seu serviço poderia durar indefinidamente, então eles deveriam usar suas melhores habilidades para se colocarem de maneira confortável.

Ao longo do dia, foram sendo trazidas barra cas, assim como equipamento de dormi da, comida e cozinhas de campo.

Pontes, valas de escoamento, cortes em barrancos, pontos de parada e outros foram cuidadosamente examinados, e tomadas decisões sobre a melhor forma de guarnecê -los.

Foi então montado o s erviço noturno, e a cada Escoteiro f oram atribuídas tarefas.

O arranjo usual era de dois a quatro Escoteiros juntos guarnecendo cada ponte ou vala, por duas horas em cada turno. Dois outros patrulhariam a linha, prestando bastante atenção aos trens. Os demais, durante a noite, dormiriam até chegar a sua vez.

Esse primeiro dia de convocação dos Escoteiros, com a atribuição dos postos, vinda de barracas e suprimentos e inspeção da linha aos nossos cuidados, foi muito desgastante. Ao fim do dia, eu tinha a impressão de ter caminhado centenas de milhas e percorrido milhares em bicicleta.

Ao anoitecer, toda ponte e vala naquele longo trecho de linha estava adequadamente guarnecida por Escoteiros, que estavam plenamente equipados e aprovisionados para o trabalho da noite, sob as estrelas.

Como os Escoteiros cumprem sua missão

Preciso dizer que os Escoteiros são magníficos.

Não há hesitação quanto a pôr-se em ação com um minuto de aviso. Não há resmungos na execução do trabalho. Muitos estão fazendo grandes sacrifícios para atender ao chamado do dever. Mas cada um deles sente que esta é uma verdadeira chance de fazer uma boa ação para a velha Inglaterra.

Magnífica, também, é a atitude dos pais dos Escoteiros. E também a de seus empregadores, que, onde for possível, lhes permitem sair do trabalho. Os pais se orgulham de ver seus filhos servindo.

Seus amigos, não Escoteiros, ficam com um pouco de inveja. Os garotos que não são Escoteiros desejariam sê-lo.

Onde os Escoteiros melhor demonstram sua autoconfiança é na maneira segura com que estão preparados para enfrentar emergências.

Suas ordens, como foi dito, são simplesmente para guarnecer as pontes.

Mas, perguntam alguns, o que poderiam fazer Escoteiros desarmados fazer se a linha viesse a ser atacada por espiões armados e desesperados?

Os Escoteiros não têm dúvidas quanto a isso. Quando perguntei a dois deles que ação tomariam se um espião viesse, eles responderam:

– Devemos dar um bom susto, Chefe. Dependendo da situação, acionaremos o alarme até o que os Escoteiros podem fazer.

Se algum espião aparecer, eles podem dar o alarme e, sem dúvida, afugentá-lo. Uma grande ponte não pode ser explodida por dinamite colocada em cima, nem por pólvora colocada embaixo, num piscar de olhos: é preciso um trabalho de pelo menos meia hora para preparar uma demolição dessas.

Se algum dano ou acidente acontecer na linha, os Escoteiros podem difundir a notícia à polícia, aos militares e aos ferroviários, e com suas lanternas e bandeiras podem impedir que trens corram em direção ao desastre.

HERÓIS DE INCURSÕES AÉREAS

Em todas as partes de Londres onde caíram bombas, Escoteiros chegaram rapidamente ao local, prontos para assistir os feridos, ou para ajudar a extinguir incêndios, ou ser úteis de alguma outra forma.

A Tropa de St Mary-le-Strand estava fazendo uma formatura dos garotos mais velhos, numa noite de outubro de 1915, quando bombas caíram a poucos metros de sua sede. Isso foi antes de se organizar o sistema de alerta. Nas palavras do Chefe da Tropa:

> Imediatamente seguimos para o porão, até o bombardeio cessar, quando então saímos com a maca da Tropa e outros materiais, para ver que tipo de auxílio poderíamos prestar. Como esse reide foi um dos primeiros sobre Londres e os serviços de ambulância ainda não haviam alcançado o alto nível de eficiência a que chegaram mais tarde, nós encontramos ampla oportunidade de dar assistência, e conduzimos grande número de feridos ao hospital usando a maca e o carrinho de equipamento da Tropa.

O comportamento dos garotos foi esplêndido diante das visões muito desagradáveis que foram chamados a presenciar.

Infelizmente, um dos membros mais jovens da Tropa, que não estava na formatura daquela noite, foi morto por uma bomba em Aldwych, e um dos mais velhos que ajudou no trabalho de primeiros socorros chegou em casa tarde da noite para descobrir que seu pai estava entre os que foram mortos.

Depois desse reide, a Tropa manteve uma equipe de ambulância de prontidão nas noites em que os reides eram prováveis ou esperados, por um tempo considerável – de fato, até que a sede fosse requisitada pelo governo – mas, felizmente, os serviços dos rapazes não foram necessários novamente. Por fim, devido a várias razões, a Equipe de Incursões teve de ser desfeita, principalmente devido ao engajamento dos seus rapazes mais velhos nas Forças Armadas de Sua Majestade.

OS BRAVOS ESCOTEIROS DE BETHNAL GREEN

Havia indícios de que uma incursão estava a caminho, e todas as precauções necessárias estavam sendo tomadas. Os Escoteiros da Tropa de St Matthias, Bethnal Green, apresentaram-se ao Comissariado Especial da Polícia. A primeira tarefa atribuída aos rapazes foi entregar cerca de noventa cartões de alerta nas casas dos Agentes Especiais, o que foi conseguido antes que as sirenes soassem e que o reide antevisto se tornasse uma realidade.

Os garotos estavam nervosos? Não. Eles eram Escoteiros, e dispostos a cumprir a importante missão que lhes fora dada. Eles não pensavam em si mesmos, mas sim naqueles que eram mais fracos – mulheres e crianças.

Os garotos foram divididos em duas equipes, metade indo para a Delegacia de Polícia de Bethnal Green como encarregados de sinalizar o "tudo limpo", e a metade restante se abriga

Agora, as bombas caíam, e o silvos e explosões das granadas dos canhões antiaéreos eram suficientes para fazer o soldado mais bravo se

sentir desconfortável. Mas os Escoteiros jamais se queixaram, e antes que o dia clareasse novamente, eles haveriam de ver cenas tais que nunca viram antes e, assim praza a Deus, podem nunca mais ver ð cenas que são difícei s de descrever.

Eram 11:50h quando uma bomba caiu numa fábrica de produtos químicos na vizinhança, rapidamente seguida por outras que encontraram alvo em alguns prédios de apartamentos.

Era necessário auxílio para resgatar as vítimas, e como havia poucos Agentes Especiais em reserva, fez -se uma chamada por voluntários entre os Escoteiros. Não nos surpreende que cada rapaz tenha se apresentado, pois eram verdadeiros Escoteiros e estavam preparados para ajudar o próximo, ainda que com grave risco para si próp rios.

Rapidament e obtiveram -se padiolas e equipamentos de primeiros socorros, e, dois minutos depois de as bombas terem caído, a valente equipe já estava no local, a despeito de a incursão ainda estar ocorrendo e de haverem grandes chances de outra bomba c air entre eles enquanto estivessem trabalhando.

Corajosamente, os Escoteiros prestaram primeiros socorros aos feridos, e foram muitos os resgates excitantes realizados com sucesso pelos garotos em meio às ruínas.

Eles também ajudaram os bombeiros a lançar as mangueiras, e muitos pequenos focos foram extintos pelos próprios garotos.

Repetidas vezes eles foram avisados pelos oficiais da RAF e pelos fragmentos que voavam para buscar abrigo, mas prosseguiram até as 5 da manhã, quando foram dispensados e receber am agradecimento s do Inspetor de Polícia. Retornaram às 8 horas daquela mesma manhã, e permaneceram de serviço o dia todo, até as 11 da noite.

Durante todo o tempo desse triste trabalho, os rapazes o fizeram com coragem e animação.

Três cartas, da Polícia, Serviço de Ambu lância e Corpo de Bombeiros, foram recebidas, louvando os Escoteiros por sua coragem e

por seu auxílio . Posteriormente, o Comissário entregou a quinze rapazes a *Gilt Cross* , no Palácio do Povo, em Mile End Road.

Muitos feitos corajosos foram praticados por Escoteiros durante incursões aéreas, mas talvez o mais impressionante esforço individual seja o valoroso ato do Assistente de Chefe Arthur S. Nice.

Quando uma casa foi esmagada por uma grande bomba, ele rastejou por entre as ruínas, com gra nde risco para s ua vida, e conseguiu salvar um homem que estava soterrado por uma pilha de destroços. Ao fazer isso, ele ficou preso por tijolos que caíram, e só com grande dificuldade se conseguiu remover os destroços para extraí -lo.

SUBMONITOR A. G. WIG AN

O incidente q ue agora se relata mostra que nossos E scoteiros não esquecem o que aprenderam em momentos de grande emergência , e que o autocontrole e a capacidade de manter a cabeça fria geralmente adquiridas por um Escoteiro conseguem mantê -lo em bom equ ilíbrio nos mome ntos de tensão.

Em 25 de maio de 1917, estava acontecendo um reide aéreo. O diretor da Grange School, em Folkestone, estava empenhado em reunir os garotos num abrigo antibombas no porão. Aconteceu que um dos Escoteiros pertencentes à Tropa da escola, o Sub monitor A. G. Wigan, estava olhando pela janela. Atravessando o *playground* em direção à casa, ele distinguiu a figura de um homem caminhando de maneira vacilante, com as roupas cobertas de sangue. Era o jardineiro, e obviamente ele tinha si do ferido com gr avidade! Não havia tempo para hesitar. Sem esperar por ninguém, Wigan correu para fora, indiferente aos estrondos das bombas e dos canhões, ao ruído dos motores dos aviões inimigos, e aos estilhaços que caíam. Ele chegou bem na hora. Quando Wigan alcançou o local, o homem cambaleou para a frente e caiu pesadamente ao chão, inconsciente. O sangue se derramava de um corte em seu pescoço.

Ajoelhando -se ao seu lado, Wigan examinou o ferimento e, para seu desalento, percebeu que tanto a veia jugul ar quanto a arté ria carótida haviam sido seccionadas por um fragmento de bomba.

Interromper o fluxo de sangue era a única coisa a fazer.

Qualquer cois aparecida com um torniquete era, é claro, impossível um caso desses. O treinamento de socorrista de Wigan ensinara -lhe qu e a pressão digital era a única chance. A aparência terrível da infeliz vítima e os enervantes ruídos do combate não perturbaram o bravo Escoteiro. Com frieza e precisão, ele agiu exatamente como seu instrutor de socorrismo lhe ensinara, e permaneceu assim até que seu Chefe Escoteiro chegasse.

Lastimavelmente, a vida do homem não pôde ser salva, mas se o ferimento tivesse sido menos severo, a pronta assistência e a presença de espírito do Escoteiro muito provavelmente o teriam salvado.

Seu Chefe Escoteiro conta: òQuando o encontrei observa-«o de Wigan foi: ôOh, Chefe, esper nada f§cil encontrar o ponto de press«oõó.

ESCOTEIRO C. FRY

Nessa mesma ocasião, uma bomba caiu sobre uam casa na St Johnõs et, Sern rFeolkestone, e destruiu -a parcialmente. Alguns Escoteiros estavam no local, prontos para ajudar de qualquer maneira que pudessem. Havia pouco a fazer até que o socorro chegasse.

No entanto, percebendo o provável terror dos pobres moradore s, incapazes de sair dos restos vacilantes do prédio, o Escoteiro Fry e outro garoto, determinaram -se a alcançá -los, e no mínimo animá -los com assertivo conforto. Subindo ao teto de alguns banheiros externos, e escalando pelas calhas de chuva e beirais, os meninos con seguiram chegar à janela de um sótão.

Lá dentro, eles encontraram duas mulheres, apavoradas pelo lugar em que estavam e abaladas pela violência da explosão. A simples visão de um Escoteiro, com sua face animada e confiante de que tudo

daria cer to, foi inte nsamente reconfortante. A qualquer momento o prédio poderia ruir, mas os dois garotos, vendo que sua presença era de tão consoladora e tranquilizante para as mulheres, permaneceram com elas até que fossem resgatadas.

PRISIONEIROS FUGIDOS

Duran te a G uerra, muitos civis e militares prisioneiros de guerra escaparam dos vários campos de internamento espalhados pelo país, e em mais de um caso sua captura aconteceu graças à esperteza de Escoteiros.

Uma das primeiras lições nas técnicas Escoteiras é a observação. Um bom Escoteiro aprende a usar seus olhos, então algum pequeno detalhe numa pessoa que ele encontra na rua diz -lhe muito sobre aquela pessoa. É possível identificar a ocupação de uma pessoa pelas suas mãos, o seu caráter pela ma neira como ela anda ou usa o chapéu.

Foi graças a esse treinamento que o Escoteiro Thomas Gibson teve êxito na captura de dois prisioneiros fug itivos , e a maneira como ele o fez é um relato muito interessante.

Enquanto caminhava por uma estrada em Stales L odge, perto de Kettering, ele viu dois estranhos se aproximando. Os olhos de Gibson estavam dispostos e alertas, pois ele havia ouvido sobre a evasão de dois prisioneiros do campo de internamento de Rothwell.

Algo peculiar neles parece ter -lhe dito que aqu eles eram os dois prisione iros alemães que haviam escapado, e ele deu aos dois o maior susto de suas vidas.

Audaciosamente confrontando os dois homens, ele ordenou -lhes, enquanto lhes apontava uma espingarda, que o acompanhassem ao posto policial mais próx imo, onde ele entregou seu s cativos depois de guardá -los pelo tempo que levou ao Superintendente de Polícia para chegar de carro, vindo de Kettering.

Não imagino que Gibson chegou a pensar que fosse por sorte sua captura dos homens, mas ele obteve êxito po r usar seus poderes de

observação e criatividade, e ele foi corajoso o suficiente para efetuar a prisão de maneira discreta e sistemática.

Alguns outros Escoteiros foram bem-sucedidos em prender prisioneiros fugitivos.

CAPÍTULO VII
SIMPLESMENTE UM ESCOTEIRO

"Heróis Escoteiros" foi o título que escolhemos para este livro, e queremos indicar aqueles cujos feitos gloriosos trouxeram-lhes o bem merecido reconhecimento. Mas entre esses nossos Escoteiros que serviram no *front* e voltaram para sua velha Tropa, ou fizeram a sua parte em "fazer a Oeste", há muitos rapazes que "heróis" arriscaram ou deram sua vida por outros, ou por seus ideais de lealdade e serviço.

Sozinho, sem ser visto, algum deles praticou algo que faria os homens se espantarem e admirarem. Mas nenhum homem conhecerá esse feito; *nenhum homem*, dizemos "pois ele está escrito na Lista de Honra lá no Paraíso. Assim, não podemos escrever sobre esse heroísmo que ficou oculto; aqui podemos, apenas, render nosso preito de gratidão àqueles rapazes que foram, e com a consciência de que eles *fizeram o seu melhor possível*, qualquer que fosse o custo.

Então, novamente, há outro tipo de Herói Escoteiro. Talvez a "chance de fazer algo "grande" nunca lhe permaneceu em pé por horas, imerso até os joelhos em água lamacenta; pacientemente, ele combateu numa ação de retaguarda [113]; por duas, três, quatro anos ele esteve constantemente com frio, com fome, com sede, sujo e com os pés ralados; por semanas infindas ele viveu na constante percepção de que a qualquer momento um obus poderia arrebentar no seu pedacinho de trincheira.

Nenhuma aventura cruzou seu caminho; a chance de fazer alguma suprema boa ação nunca se apresentou. Ninguém o chamou de herói; ele é simplesmente "um Escoteiro. Mas um Escoteiro que passou pela Guerra e permaneceu escoteiro até o fim é, em nossa percepção, um herói. Ser um Escoteiro na atmosfera limpa, saudável e

[113] Ação retardadora, quando uma tropa retrai (recua sob pressão do inimigo).

cavalheiresca de um acampamento nos Downs, ou junto ao verde e frio mar, é uma coisa; e ser um Escoteiro através dos longos e lentos meses de uma guerra abominável, onde a lama, a privação e (talvez) a injusti-a, e a baixeza de princ²pios, e a com o homem— s«o todas par—s de coisa bem trabalho diferente.

Portanto, sobre esses inumeráveis heróis não podemos escrever. Não há nenhuma boa história, nenhuma boa conversa conexa ao seu heroísmo. O número de vezes que sua fidelidade ao 1º, 2º, 7º ou 10º artigo da Lei Escoteira ajudou seus companheiros a permanecerem como verdadeiros homens — jamais se saberá. Quantas vezes a prática do 3º, 4º, 5º e 6º artigos trouxe conforto a algum coração partido ou a algum animal em sofrimento — isso jamais se saberá neste mundo. Quantas vezes esses Escoteiros sorriram, por causa do 8º artigo da Lei Escoteira, e mantiveram o moral do Exército elevado, nenhum homem jamais será capaz de contar. Então, para aqueles que voltaram para casa, podemos apenas dizer: "Graças a Deus que "foram para casa"? Algum dia lhes isso leremos também, se Deus quiser.

E no entanto h§ muito *sobre* que pode ser Escotismo bem ser descrito e contado, e isso deve ser de grande interesse para os jovens Escoteiros que não estavam aptos a ir para o exterior para a Grande Guerra.

Neste capítulo, nós nos propomos dar algumas pequenas imagens do Escoteiro como foi visto na Guerra. Conhecemos muito bem sua face animada, quando ele percorre a estrada, dura e alta, com as mangas arrega-adas e seus joelhos expostos, ma esgueirando -se entre os capins; ou desce assobiando pelos becos de Londres; vamos, então, olhar para essa mesma cara animada sob os embaçados e chuvosos céus da França, ou à luz dos artifícios iluminativos alemães, ou fazendo uma boa ação para um colega, ou ao

encarar a morte no campo sangrento, ou ao morrer na calma e branca enfermaria do hospital.

Mantendo os olhos no garoto

Ele, o Escoteiro que me contou esta história, tinha apenas 20 anos, mas era um cabo, e tinha visto alguns combates acirrados desde que entrara no serviço. Segue o seu relato.

> É difícil ver os mais jovens saírem e serem atingidos logo no primeiro dia. Eles são tão curiosos e cheios de energia, e não conseguem manter a cabeça abaixada. A cabeça aparece acima do parapeito, só para uma olhadinha, e *ping* – recebe uma [bala] bem entre os olhos.
>
> Tinha um garoto do qual eu tinha que cuidar. Foi assim. Estávamos nas Docas esperando para embarcar – era a terceira vez que eu atravessava o Canal [da Mancha, para ir lutar na França] – e havia uma senhora se despedindo do filho. Ele nem tinha 18 anos, e era o único filho dela. Ela já era velha, com cabelos brancos e curvada. Ela estava – ah, você sabe como é. As mães não deviam vir às Docas. Nem bem estávamos nos colocando em marcha para subir a bordo, ela se chegou a mim e disse: "Cabo, quero que você me faça um favor". Respondi, "o que deseja, senhora?". Ela disse: "Eu lhe imploro, prometa-me que vai cuidar do meu garoto, na França. Ele é tudo que eu tenho, senhora". Então eu prometi.
>
> Pois bem, mantive-me de olho no garoto, até que uma noite dei por falta dele. Quando o encontrei e perguntei "Ei, o que você está fazendo aqui?", ele respondeu: "Vim para uma missão com granadas". Então eu disse: "Olhe aqui, você não devia ser voluntário para *nada*!". Mas já estava feito. Então, eu também me voluntariei.
>
> Transpusemos o parapeito juntos. Estava escuro como breu. Havia muito arame e todo tipo de coisas por todo lado. Nos voltamos tantas vezes que no final já não sabíamos qual era a nossa trincheira e qual era a dos *jerries*. "Você sabe qual

nossa?ó, perguntou o sargento. Eu disse: aquió.

Bom, chegamos pertinho, e pensamos que tínhamos voltado às nossas próprias linhas. Mas, de repente, os *jerries* abriram fogo: *zit, zit, brrrr, zit* ... Era a curta distância e nós recebemos o recado. Não havia nada a fazer, a não ser retornar para nossas trincheiras. O garoto agarrou-se ao meu equipamento, atrás de mim, chamando: Bill... Bill... Eu disse: ò tudo bemó, e o fiz passar à minha frente, movendo de volta. Mas no próximo minuto, ele parou.

Eu o trouxe de volta às nossas linhas, usando o velho processo de transporte do bombeiro, claro.

Agora ele retornou a Blighty, pois conseguiu seu bilhete de volta. Fiquei bem de olho no garoto da velha senhora.

ò Este já apanhou para ò

ò Meu treinamento Escoteiro me ajudou do Exército até o dia em que o Royal Field Artillery.